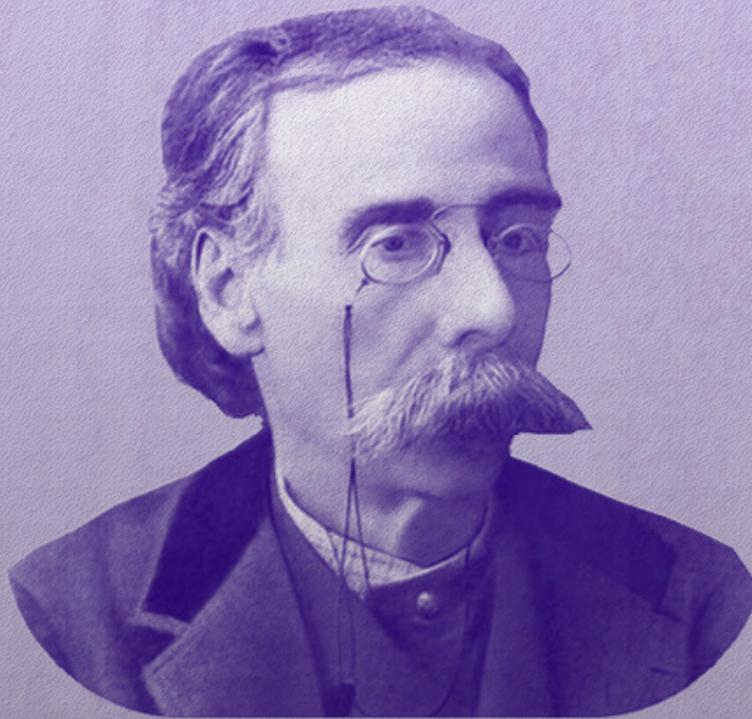


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco
Memórias de Guilherme do Amaral



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

Memórias de Guilherme do Amaral

Publicado originalmente em 1863.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 428



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: *“Memórias de Guilherme do Amaral”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boémia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PREFÁCIO DO EDITOR.....	16
CAPÍTULO 1.....	18
CAPÍTULO 2.....	20
CAPÍTULO 3.....	21
CAPÍTULO 4.....	24
CAPÍTULO 5.....	29
CAPÍTULO 6.....	33
CAPÍTULO 7.....	39
CAPÍTULO 8.....	43
CAPÍTULO 9.....	56
CAPÍTULO 10.....	61
CAPÍTULO 11.....	67
CAPÍTULO 12.....	70
CAPÍTULO 13.....	73
CAPÍTULO 14.....	119
CONCLUSÃO.....	123

INTRODUÇÃO

Na memória de algumas pessoas, vivem ainda os meus romances, denominados: Onde Está a Felicidade e Um Homem de Brios. Guilherme do Amaral, Augusta, Francisco, e o jornalista, amigo de todos, conseguiram captar a simpatia de leitores, que ainda me perguntam por eles, menos por ela, pela adorável costureira da Rua Arménia, que essa lá está no reino da justiça, ou numa estrela, que eu, no alto silêncio da noite, contemplo, cismando com a vaga impressão de sua imagem, vista numa primavera do Candal.

Por Guilherme do Amaral, perdoado pelo muito que penou, é que me perguntam não só os moços da índole viciosa dele, porém avessos à glória de tamanha expiação, mas até sujeitos graves e severos, que têm um código seu particular em juízo de culpas alheias, código incompatível com as leis da divina misericórdia. Sinal é isto de que o fidalgo beirão, aquele gentil galã que brilhou, no Porto, por aqueles anos em que a cidade heróica era toda em si um festim de esplêndidas alegrias, sinal, digo, de que ele passou desta vida sem ódio de ninguém, lastimado por muitos que o invejaram ainda mesmo nos seus dias de purgatório, e verdadeiramente só o viram desgraçado depois que eu escrevi com o sangue escorrido daquele coração as derradeiras páginas do Homem de Brios.

Agora direi o que ainda ontem me foi comunicado pelo jornalista; e, se o leitor consente, direi primeiro deste homem, a quem eu devo grande número de histórias obscuras, que passam como obra de invenção minha nos romances em que o leitor tem consumido algumas horas, não de todo estéreis para si, conjectura a minha vaidade, mas certamente de muita ufanía para mim - legítimo desvanecimento, e suprema e mais prezada retribuição do meu labor de quinze anos.

O jornalista voltou do império brasileiro, onde estanciou dez anos. Não diz que vem rico; mas os três meninos, que ele abraça no regaço de sua esposa, são tesouros de que ele tira a cada hora doçuras de incomparável felicidade. A mãe destes anjos é brasileira. Está nos seus florentíssimos trinta e dois anos. Descende das raças fortes indígenas do clima ardente. Não lhe vejo um certo langor e quebranto que individualiza a mulher do Novo Mundo, e no-la faz cá parecer mais que muito amável.

- Conta-me a história do teu venturoso casamento - disse eu ao literato. - Conquistaste intelectualmente esta dama?

- Não - respondeu ele. - Minha mulher é uma sincera criatura, que diz sempre a verdade, e lisamente se mostra qual é. Os meus dotes literários não a moveriam mediocrementemente, porque, se há coisa refratária à ação do talento, é o coração da mulher. Nenhuma, que eu saiba, até à data de hoje, se apaixonou pelo gênio. Se alguma o disse, mentiu. O poeta inspirado, ou o prosador-poeta alguma vez terão conseguido levar de assalto as diamantinas muralhas dos corações de notáveis senhoras; seja assim. Mas o talento, nestas vitórias, não é princípio nem fim: é meramente um meio. O poeta, o filósofo, o historiador, o romancista e o dramaturgo não conseguem fazer-se amar pelo seu nome, nem pelo prestígio dos seus triunfos literários.

- E têm razão as senhoras - atalhei eu. - Tu, que foste poeta, e publicaste volumes, cantando em cada instante diferentes mulheres, que confiança podes inspirar?

- Ora aí está! Com esse mesmo argumento ia eu justificar minha mulher de me não ter amado como poeta, esperando que tu, benemérito desta lealdade custosa ao amor-próprio, me confessasses se alguma distinta vitória alcançaste com os teus romances.

- Vitórias negativas todas, no rigor filosófico da coisa; mas não é de mim que se trata. Bem vêes que não tenho a dar-te a história do meu casamento, nem eu, respeitador da virtude, ousaria emparelhar os sucessos da minha vida com o venerabundo objeto da nossa palestra. Perguntei eu se conquistaste intelectualmente esta senhora. Já respondeste que não.

- O meu casamento foi assim: Estava eu, pois, no Rio de Janeiro, vivendo, como te disse na minha carta de 20 de Julho de 1856, numa água-furtada da Rua do Rosário, menos pobre do que fora em virtude da pequena herança, que me legou o condiscípulo falecido em Santos¹. Senhoreara-se de mim um completo desfalecimento de força intelectual.

Tinha dinheiro, que me assegurava a parca subsistência de alguns anos, e contava morrer antes que o pecúlio da herança se exaurisse.

Ninguém me conhecia, ninguém pensava em mim, exceto um guarda-livros de casa inglesa, um lisboeta que vivia estreitamente com o conto de réis de seu ordenado, (*Alude a personagens dos romances Onde Está a Felicidade?, Homem de Brios e Vingança*).

Vem a ponto informar o leitor da situação do jornalista, com referência à carta citada, e anterior ao seu casamento. Eu planeei em 1858 escrever um romance intitulado O Filósofo de Trapeira, em que o filósofo vinha a ser o meu amigo jornalista, residente na água-furtada da Rua do Rosário. Os elementos essenciais do romance seriam aproveitados das cartas autobiográficas de Ernesto Pinheiro, que assim, pouco mais ou menos, se chama o amigo de Guilherme do Amaral. Escrevi os dois primeiros capítulos, que viram a luz em um jornal literário de Coimbra, o qual se apagou, ao mesmo tempo que uma súbita borrasca das muitas da minha vida me apagou a inteligência. Dessas poucas páginas, publicadas e já esquecidas, me pareceu necessário transcrever alguma na parte deste livro, que vem a propósito de Ernesto Pinheiro.

Ernesto Pinheiro desaparecera um dia de Portugal. De bordo do navio fundeado no Tejo, duas horas antes de subir ao tombadilho para sondar, por último, o formoso céu, que impassível lhe vira as inclemências da vida, escreveu-me esta carta:

“Esperei esta hora solene para dizer-te o vale dos infelizes, que se afastam cada um com sua cruz por diferentes sendas, mas sempre com os olhos fitos no mesmo Gólgota. À hora em que te escrevo, tangem a finados os sinos de Lisboa. Bem-vinda seja esta melancólica toada, que me alanceia o coração, donde as lágrimas não podiam sair. Não é saudade de pai, de mãe, de irmãos.

Não tenho alguém que me chore. Choram-me estes sinos. É para mim que a providência reservava este dobre à hora em que morreu a minha mocidade, passado, esperança e pátria!

Que deixo eu aqui? A luz moribunda da última paixão, que devera ter sido a primeira. Aí me fica essa mártir, que a sociedade crucificou, porque a viu tirar-me do coração os espinhos, e beber-me dos lábios a peçonha que os e cismava em casar-se com uma viúva abastada. Este meu vizinho de trapeira contava-me os pormenores da sua atravessada existência, e fazia-me rir, quando me lia

volumes de papel acetinado em que ele repetia mensalmente à sua amada a mesma história com lindíssima letra inglesa, e frases não de todo despiciendas. Não sei se a homens me haviam vertido com a malquerença, a inveja, a calúnia e o insulto.

Ela aí fica duvidando de Deus, da virtude e de mim. Pensava aquela santa que seria obra meritória a olhos divinos erguer-me do ímpio desalento, em que me encontrara, até os augustos afetos do coração, e reabilitar-me, por influxo do amor humano, a outro mais seguro e esperançoso amor. Pensava ela que a própria sociedade, obrigada a confessar que meus vícios se deputavam na flama de uma afeição generosa, lhe abençoaria um amor, que viria a restaurar a honra degenerada no ânimo do homem abominado. Pensava ela que eu, depois de vê-la descrever da justiça dos homens e da misericórdia do Senhor, continuaria a tomá-la como instrumento de castigo a invejosos, e me afrontaria com os poderosos inimigos que urdiam a sua irremediável perdição.

Fujo à infeliz, meu amigo, e deixo-lhe de mim um conceito bastante imerecido para que seja ela a última a vilipendiar minha memória.

Estás no Porto. Vai às praças. Escuta os maltrapidos ilustres da honra, quando eles discutirem a minha expatriação. Ouvi-los-ás dizerem que eu paguei com o desprezo à mulher perdida, que pusera aos pés do meu cinismo a sua honra e os foros da opinião pública. Verás por que lameiro de calúnias eles arrastam essa mulher que poderia ainda ser grande e soberba do seu crime, se a eu incitasse a afrontar a difamação com rosto alegre.

A sociedade estorce-se em frenesis de raiva, quando o crime francamente se mostra e ri. Essa mesma sociedade cospe desrezos no pesar, que se humilha até implorar perdão. Eu vi aí, nessa fétida sentina, fanas vezes, a imoralidade contumaz vencer com o despejo a guerra que uns aos outros, e umas às outras se fazem os biltres chamados homens sérios, e as ilustres colarejas chamadas senhoris honestas. Conheci as Cecílias e as Carvalhosas, que tu hás de, a medo, bosquejar nos teus romances, quando lançaes mão desse extremo desforço dos teus brios esmagados por estúpidos ociosos e devassas recatadas. Se, alguma vez, imprudente mulher, avessa aos ardis da hipocrisia, resvalava até às botas dessa gente, explicando, com lágrimas e contrição, o impulso da sua queda, de que muitas vezes a estava absolvendo a honra do coração, os infames

punham-lhe o pé no peito, e esmagavam no pesar o reagente da virtude que reabilita.

Não posso ainda arrancar do peito a garra do meu demónio. Apenas trato de mitigar estas dores com a unção de não sei que esperanças de encontrar, alguma hora da vida, o anjo da divina justiça com o prêmio de tantas aflições obscuras.

Não sei o que vou ser duas mil léguas distante da pátria. Nenhuma cobiça me incita. Não sinto o agulhão que impeliu por esta mesma esteira aventureira aquele nosso amigo que lá se despenhou de um terceiro andar, de onde os braços caridosos de um negro o levantaram com o crânio espedaçado, e o fel do coração a escorrer-lhe em fio dos lábios (*Referência ao bacharel Fernando Tácome, de uma ilustre família de Braga, residente alguns anos no Porto, onde a adversidade o empobreceu, e a pobreza o imolou à necessidade de não ser pobre*). Não, meu amigo.

Sei que o dinheiro é o mais excruciante látigo com que no Porto se castigam os inimigos; sei como aí se dobra o joelho diante do ladrão feliz, e do infame nobilitado. Abjuro a satisfação de tal vingança, que, primeiro, me custaria a renúncia de quantos sentimentos de homem de bem ainda me restam ilesos da detração desses chatins, que uns aos outros se enfeiram na praça a desonra havida já como fato consumado.

Adeus meu amigo.

Quando tiveres uma hora de concentração amarga; quando a injustiça humana verter sobre a chaga, que a fatalidade te rasgar no coração, o fel e o vinagre do insulto; quando careceres alívio sobre-humano, e o já impossível desafogar das lágrimas, não vás meter uma bala na cabeça impenetrável dos teus inimigos. Crê, amigo, que para os grandes infelizes, que já sequer não podem espelhar no coração uma imagem salvadora, para esses há um só ponto no horizonte do futuro: é a sepultura, é o morre e vinga-te do padre António Vieira.”

Ernesto Pinheiro chegou à capital do Brasil, e pediu gasalhado num jornal, onde já estava empregado um seu conhecido tão pobre como ele. Obteve do seu trabalho estipêndio que escassamente lhe abonava o pão do dia seguinte, se a doença o não levasse à porta do hospital.

O escritor, quase ignorado, porque seus escritos nem assinados eram, vivia numa trapeira, em que apenas cabia um pobre catre, e uma banca de trabalho.

Dois anos depois, Ernesto Pinheiro, cansado e doente fez uma excursão à cidade de Santos, e encontrou aí um advogado, que fora em Coimbra seu condiscípulo de preparatórios. Condoeu-se o advogado, e simpatizou com a estóica pobreza do literato. Excitou-o a explorar um veio de riqueza, que o jornalista desprezou: era o casamento, com cem contos, de uma filha de fazendeiro preto. O escritor volveu mais pobre ao Rio de Janeiro; e, decorrido um ano, foi chamado a Santos para liquidar uma pequena herança, que o seu condiscípulo, falecido de febres, lhe legara.

Ernesto Pinheiro vive na trapeira onde vivia, e segundo me diz, mais desgraçado que nunca, porque hoje nem sequer experimenta as consolações do trabalho.

Isto escrevi em 1858.

A viúva casou com ele por amor, se por comiseração. A ele dizia eu jocosamente que a viúva, decerto, preferiria recebê-lo como esposo à obrigação de lê-lo mensalmente em volume, afora as cartas diárias, que deviam ser páginas soltas do volume. O certo é que eles casaram, e o meu vizinho, bem que rico e chamado a outra esfera de relações, conservou-se meu amigo, e chamou-me à intimidade de sua família, obséquio que eu, a grandes intervalos, aceitei.

A esposa do meu hospedeiro amigo tinha uma irmã, que me recebia friamente, depois que o cunhado lhe dera a ler os meus quatro volumes de versos. Dizia ela que eu depois de ter amado todas as mulheres do Velho Mundo, ia talvez à América devastar novos corações. Firmava ela a sua conjectura lisonjeira no fato de serem os meus quatro volumes uma espécie de vocabulário de nomes próprios femininos, em que predominavam as Coras, as Emas, as Bertas, e as Raquéis e Susanas, e outros muitos nomes judeus com que eu encobria uma certas Joanas e Tomásias e Felizardas, nomes cristianíssimos refratários à rima e ao bom gosto.

Além disto, achava-me ela triste, aborrecido e sonolento.

O meu amigo dizia-lhe que eu era desgraçado, e Gabriela candidamente me pedia a narração da minha vida, com a história de cada uma das moças, que eu tinha amado, e cantado nos meus versos.

Eu achava a isto infinita graça, e não contava a história de ninguém, nem a minha, por preguiça.

Um dia perguntou-me o cunhado de Gabriela se eu gostava de sua cunhada. Respondi o mais brevemente que pude, sem dar a explicação porque gostava. No dia seguinte achei-a pensativa extraordinariamente; gostei mais dela por vê-la triste; saí da minha usual taciturnidade; falei-lhe com amizade sem requebros; e passei a noite, em vista do mar, pensando nela.

Disse-me o meu amigo que lhe escrevesse, na certeza de que sua cunhada me receberia agradavelmente a carta.

Escrever muito era o sistema do bem sorteado guarda-livros. Desculpei-me judiciosamente, alegando que me era mais fácil falar que escrever. Falei, fui ouvido com mostras de contentamento, e desde essa hora recebido como noivo.

Aqui tens a história simples, e por isso enfadonha, do meu casamento. Gabriela é esta doce companheira, e extremosa mãe de meus filhos, que estou criando para irem ser caixeiros de meu cunhado.

- Caixeiros! - interrompi eu. - Pois tu crias teus filhos para caixeiros!?

- Ou sapateiros, ou alfaiates, ou torneiros, se eles propenderem para as artes.

- É incrível!

- Incrível o quê?

- Tu, poeta, romancista, erudito, proíbes que teus filhos te sucedam na herança do grande nome que ainda podes ter em Portugal? Quem acreditará que tu, com as tuas próprias mãos, abafes a vocação de teus filhos, e faças destas três crianças de olhos ardentes e testa espaçosa umas máquinas de ganhar dinheiro...

- És tolo! - atalhou Ernesto. - Estás tal qual te deixei há doze anos!... Um incorrigível tolo! Querias tu, pois, que eu fizesse meus filhos poetas, romancistas, e eruditos, em vez de os fazer máquinas de ganhar dinheiro! Quer-te parecer que seria mais acertado fazê-los máquinas de ganhar o descrédito, a fome e a miséria!

Guarda avarentamente as tuas glórias, amigo, que os meus filhos não hão de disputar-tas... Que fui eu, e que és tu? Não dispensaremos, em face um do outro, e sem testemunhas, a costumada impostura dos reis do talento, reis de cana-verde, e coroa de silvas?! Que fui eu, e que és tu? A história das tuas alegrias escreve-se na margem de uma página dos teus quarenta volumes. A das tuas amarguras, se a mandares à posteridade, iria na torrente dos fabulários ao abismo do esquecimento ou à lagrimante curiosidade das criadas de servir. A que horas, e em que tempo tu vens pregar-me a educação literária de meus filhos! A literatura em Portugal que é? Pode ser uma clava em mãos devassas, quando os atletas da inteligência untam os braços para a luta na lama da política.

Alguns dos meus esfarrapados contemporâneos de há vinte anos venho encontrar envergando arminhos; mas a honra, se quiser encontrar-lha, hei de ir procurá-la no surro das casacas de então, que eles mandaram vender à feira da ladra. Iremos à feira da ladra visitar as casacas destes éforos, que aí vão passando atagantados com o peso da república sobre os ombros donde eles sacudiram o fardo intolerável da dignidade. Quando eu saí de Portugal, era o chapeleiro e o alfaiate que corriam depôs eles, pedindo a dívida já comutada no terço: que honrosa perseguição! Agora ei-los aí vão com correios agaloados, e lá se apeiam no pórtico do parlamento ou nas arcadas das secretarias, ou nas alcatifas do Paço, que eles há dez anos queriam queimar com reis e tudo, para salvarem a humanidade portuguesa da pressão dos validos, dos palacianos, dos ministros, dos burocratas, e do daninho enxame de zangãos, que sugavam as colmeias do povo, e o santo labor das indústrias!... Aqui tens o máximo e vilipendioso luzimento a que podem levar as letras em Portugal!...

- Mas - atalhei eu -, se teus filhos não carecem de aviltar o talento para terem pão, dá-lhes um património de ciência em que eles, no futuro, encontrem tesouros de inocente satisfação de si próprios, e de gratidão a ti, que lhes ensinaste as maravilhas do mundo, defesas à ignorância.

- Palavreado! As letras, meu caro amigo, estragam aqueles mesmos que as amam só pelo prazer que elas causam, e na independência do dinheiro ou glória que podem dar. Queres um exemplo? Conheceste muito Guilherme do Amaral, aquele meu pobre Guilherme, que ficou doido em Belas, quando eu saí para o Brasil.

Aqui tens tu um desgraçado que a leitura desencaminhou do plácido e seguro itinerário que seus ignorantes avós tinham trilhado do berço à sepultura.

- Foram os romances - tornei eu; - mas os romances não são a sabedoria que eu daria a meus filhos, se os tivesse. Nada de paradoxos, amigo Ernesto.

- Bem sei: o romance não é a sabedoria; mas o espírito, alumiado por um raio de ciência, seja qual for o nome que ela tenha, ergue o voo da terrestre e baixa paragem onde a felicidade prática se encontra, e vai procurá-la nas regiões prismáticas onde ela é uma miragem, um engodo, e pelo ordinário uma tolice ou uma desgraça. A ciência é como as águias que usam voar mui altas, pelas nuvens dentro, com as presas, para de lá as deixarem cair. Guilherme do Amaral, se sua mãe o não envia a Coimbra, onde eu o encontrei com os olhos fechados à luz do mundo, e o coração banhado de luz interior, ainda agora viveria no seu solar da Beira, com uma esposa amada, e filhos muito queridos, e muitos corações em volta dele, todos empenhados em alastrar-lhe de flores o tardo caminho do adro do seu presbitério. Amaral saiu de Coimbra sem ciência, ciência quero dizer proveitosa, mas levou uma faísca desta infernal lavareda, que chamam civilização. Ouviu falar no ideal, e deu cabo da matéria em busca do fantasma. É a palavra maldita que neste século representa a pedra filosofal da Idade Média; com a diferença que os alquimistas gastavam o oiro na fornalha e a vida aos vapores mortíferos das retortas, mas expiravam em crenças de melhor mundo; e os idealistas despejam a mãos-cheias o oiro, desfiam a vida fibra a fibra, e morrem intempestivamente blasfemando de Deus, com a alma em trevas, e muitas vezes esmagados pelo escárnio público - extremo suplício! Os alquimistas tinham por excelência o nome de sábios, e a posteridade lastimou-os, respeitando-os. Os idealistas são universalmente havidos por parvos, e a posteridade, se um parvo tem posteridade que se ocupe dele, há de escarnecê-los.

- Sempre discursador, amigo Pinheiro! – interrompi eu, antevendo que o leitor se havia de anoiar do tamanho destas falas. - Vens como foste, e como

Guilherme te denominava: o verbo infinito. Ora, deixemos João Jacques Rousseau e o nosso bispo Alexandre Lobo com a glória de terem demonstrado que a ciência é um dom funesto; e já que falaste em Guilherme do Amaral, diz-me o que sabes do nosso malfadado amigo, posteriormente aos sucessos descritos no Homem de Brios, conforme os aprendi de ti naquela nossa palestra nos jardins de Candal, em Agosto de 1852.

- Guilherme do Amaral ficou ainda na quinta do barão de Amares, em Belas, quando eu saí de Lisboa para o Rio.

- Viste-o?

- Fui vê-lo. Espanta-te a minha coragem? Fui ver o meu primeiro amigo sentado a um canto de uma vasta sala, com as mãos justapostas sobre os joelhos, os cabelos emaranhados a cobrirem-lhe os ombros, as barbas em todo o seu comprimento, esqueléticas e em torcidas que me pareceram empastadas por lágrimas. O aspecto dava mais terror que o do cadáver. No rosto de um morto há uma quietação terrível, mas não pavorosa: no rosto de Guilherme o revolver dos olhos vidrados como os da cegueira amaurotica, filtraram-me aos nervos uma impressão glacial de medo. Estaquei à vista do infeliz, que não ouvira o abrir da porta, nem o som dos meus passos.

“Na sala andava passeando um escudeiro do barão de Amares. Disse ele o meu nome, e Guilherme do Amaral voltou lentamente a cabeça para mim. Acerquei-me dele, e estendi-lhe a mão, na qual cravou os olhos, sem tirar as suas de sobre os joelhos.

- O teu Ernesto Pinheiro! - exclamei eu, desafogando a voz das lágrimas, e ajoelhando ante ele para lhe beijar as mãos.

Guilherme estremeceu, e proferiu uns sons cavernosos e ininteligíveis.

- Ele já não fala?! - perguntei eu, em segredo, ao enfermeiro.

- Há oito dias que está assim. O médico diz que é paralisia de língua, e que daqui à morte pouco mediará.

Corri impetuosamente a abraçar-me nele, e clamei:

- Pois tu não poderás dizer-me adeus, ó meu querido Guilherme!?

Contemplou-me algum espaço de tempo, revolveu a língua contra o sobrecéu da boca, e murmurou guturalmente:

- Ernesto!

- É a primeira palavra que fala há oito dias - disse o escudeiro.

- Conheces-me, Amaral? - tornei eu.

Não me respondeu, desapertou-se de um empuxão dos meus braços, e fugiu da sala, soltando uns gemidos, que pareciam gritos de ave noturna. Os cabelos puseram-se-me em pé, e uma agonia mortal me vibrou todas as fibras.

Seguia-o eu, quando o enfermeiro me susteve dizendo:

- Agora é melhor deixá-lo, senão enfurece-se, e é difícil segurá-lo.

- Mas eu quero vê-lo outra vez.

- Pois deixe-o sossegar... Olhe - continuou o escudeiro, levando-me a uma janela. - Ele lá anda já na quinta, a prender as ramas das árvores, como faz sempre. Quando não estava tão mal, e conversava alguns minutos com sossego, dizia-me que as grutas assim arrançadas com as ramas das árvores, presas umas às outras, eram o seu paraíso do Candal. Não sei o que ele queria dizer nisso! Costumava sentar-se debaixo das ramadas, que fazia, e cantava umas cantigas muito tristes; e, se eu lhe aparecia nestas ocasiões, dizia-me que chamasse a Sr^a D. Augusta, e que trouxesse para ali o piano. Depois rebentava a chorar e era preciso trazê-lo em braços para casa.

- O Senhor Barão tem aqui vindo? - interrompi.

- Esteve cá uns dias, antes de piorar o Sr. Amaral; mas adoeceu de tal modo, e andava tão cismático, que eu receei que ele endoucesse também. O médico mandou-o sair daqui a toda a pressa para o Minho.

Contra o parecer do criado do barão, desci à quinta, e fui ao sítio onde vira Guilherme a entrançar freneticamente as franças de uns chorões. Já lá não estava. Avistei-o num recanto do muro dedilhando num tabuleiro de flores, como num teclado de piano. Fui de manso e manso até me avizinhar despercebido. Ombro a ombro com ele, disse a meia voz:

- Augusta.

Voltou-se de golpe, e vociferou um rugido, que me cortou de pavor o coração. Espalmou ambas as mãos sobre o peito, abriu a boca, deixando-me ver o esforço com que vibrava a língua, e expediu uns sons ríspidos que lhe davam ares de coisa horrendamente fantástica.

E eu não podia acabar de convencer-me que aquele homem estava perdido! Não podia. Ao lado dele, via eu aquele Guilherme do Amaral, em flor de anos, em esplendor de vida, amado, admirado, e sublime e invejável mesmo nos seus infortúnios. Do silêncio da minha alma suplicava eu a Deus o milagre da regeneração daquele moço de trinta e três anos; e, como se uma voz do Céu me segredasse que Deus me ouvira e atendera, ia eu outra vez abraçar-me no meu desgraçado amigo, quando ele exclamou: “Augusta!” e fugiu com vertiginosa velocidade, indo cair a grande distância de encontro a uma caniçada de plantas.

Corri a erguê-lo, auxiliado pelo enfermeiro, que me seguira de longe. Levámo-lo, sem acordo, à cama, onde eu pensei que o lançava morto.

- Não está morto - disse o escudeiro. - Estes ataques tem-os muitas vezes, quando alguma coisa o excita.

Por isso é que eu lhe pedi que o deixasse.

Ajoelhei à beira do catre de Guilherme do Amaral, e dei-lhe um beijo na face. Não sei que palavras proferi.

Ao erguer-me, curvei-me ainda para beijá-lo; mas o enfermeiro, que estava chorando, tomou-me pela cintura, e afastou-me do quarto.

Foi a última vez que vi Guilherme do Amaral.

Estava eu no Brasil, haveria dois meses, quando vi num jornal do Porto a notícia da morte do meu amigo.

Dei graças a Deus, por haver resgatado o mártir: mas estou ainda em dúvida se era a Deus se ao Diabo que eu devia render graças.

Quando, há dois meses, cheguei ao Porto, na intenção de ir à província procurar uns restos de minha desvalida família, primeiro fui aos arrabaldes de Braga procurar o barão de Amares.

Encontrei-o encanecido, com um moço de quinze anos ao seu lado. Era o enjeitado, que eu fui buscar à roda, e até aos cinco anos me chamou pai (*O autor presume que o leitor deste romance conhece, ou terá cuidado de conhecer, os dois livros, intitulados: Onde Está a Felicidade? e Um Homem de Brios*). Não tinha de mim senão vagas reminiscências o filho adotivo da baronesa de Amares. E eu estava a vê-lo, nos braços da ama, com o colar de diamantes, que Augusta encontrara entre os setenta contos desenterrados do chão onde se sepultara o filho de Guilherme do Amaral.

Neste alheamento de sentidos, respondia eu distraidamente às perguntas do barão de Amares.

Acaso entraram, neste lanço, algumas pessoas de Braga a visitarem o capitalista. Aproveitei o ensejo de me afastar com o menino a quem fiz umas saudosas perguntas acerca da Senhora Baronesa, que ele denominava sua mãe.

Eu não posso dizer-te o que ia dentro em minha alma, quando os meus olhos passavam do rosto sereno daquele moço a contemplar as visões que quebraram duas sepulturas, para me encantarem a vida como ela tinha sido dezesseis anos antes... - encantarem, disse eu! Haverá quem hoje me julgue mais feliz que então! Oh! não sou, juro-to por estas lágrimas...

Ernesto Pinheiro embebia as lágrimas no lenço, quando Gabriela, tomando-lhe contra o seio a face, murmurou:

- Então, filho!... Mereço-te isso?

- Perdão! - exclamou ele. - Perdoa-me, Gabriela.

(O autor presume que o leitor deste romance conhece, ou terá cuidado de conhecer, os dois livros, intitulados: Onde Está a Felicidade? e Um Homem de Brios)

Estas lágrimas são saudades de dois amigos... Eu vi-me feliz no tempo em que eles eram felizes. A minha amargura de hoje procede da tristeza com que estou vendo o mundo... Que é feito de Guilherme? Onde está o espírito daquele

homem, que amava tanto, que esperava tanto, que via tantas fontes doces onde apagar as sedes do seu coração? Onde está Augusta, aquela nobre alma, que não teve um dia de felicidade desde que a Providência lhe levou à sua ditosa miséria o homem que a devia matar e enlouquecer e morrer por ela? Que mal fizeram a Deus estes dois anjos!? E eu não hei de chorar vendo assim a vida!... e não hei de sentir fazer-se-me em pedaços o coração, quando tudo é silêncio em volta da sepultura de Augusta e de Guilherme, e nem sequer aquela criança, que eu lhe lancei nos braços, teve uma lágrima que desse à memória da santa!

Ernesto Pinheiro soluçou, osculando as mãos de Gabriela, que o contemplava melancólica. Passados minutos, prosseguiu:

- O barão de Amares despediu as visitas, e chamou-me em secreto ao seu quarto, para me dizer o seguinte:

“Falecido o Senhor Guilherme do Amaral, o criado, que lhe assistiu até ao fim, conduziu para aqui dois baús, que eu tomei a liberdade de abrir. Num deles, estava uma papelreira com algumas cartas de Augusta, e outros papéis. Guardei, e queimei as cartas de minha mulher; li algumas linhas de outros escritos, e achei que seria prudente acautelar do exame de pessoas curiosas objetos da vida particular do nosso amigo. Afora os papéis, mandei entregar os baús em Viseu para de lá serem remetidos aos herdeiros do Senhor Amaral. Não me deliberei a queimar uns cadernos de papel escrito intitulados Memórias.

Esperava que alguma vez voltaria à pátria o melhor amigo de Guilherme, e de minha pobre esposa. Nesta conta foi sempre tido o Senhor Ernesto em minha casa, e em si estou vendo ainda o único homem capaz de chorar comigo as desgraças da minha Augusta. Na esperança de que o Senhor voltaria, guardei as Memórias do seu amigo para lhas entregar, se as quiser receber. Não conheço quem mais digno seja de possuir os segredos do grande infeliz, que chegou a ter sobre mim o domínio, que só a grande desgraça ao par de muita honra podem ter sobre um homem nas mesmas circunstâncias. E digo-lho, Senhor, sem pejo. Sabe a minha vida; viu-me nos dias em que outro homem seria impiedoso para com sua mulher.

Deus sabe, e o Senhor também o sabe que eu fiz quanto pude para salvá-los um do outro; e, se eu previsse que os matava a ambos, primeiro tentaria segunda vez contra a minha existência.

Ao receber os papéis das mãos do barão de Amares, apertei ao coração o homem admirável que afrontara a irrisão da sociedade abroquelado com a valente alma, que Deus lhe dera para sacrifícios sem nome, e sem graduação na escala do sofrimento.

Se eu fosse ainda escritor, publicaria as Memórias de Guilherme do Amaral. Não escrevo. Não aceito um encargo, que me há de custar incessantes dissabores. Eu conhecia a tragédia, que aí está contada nesse manuscrito. Se a personagem principal do drama tivesse expirado antes de publicares o primeiro romance biográfico de Guilherme do Amaral, deveras ter começado pelas Memórias, e terminado pela demência de quem as escreveu.

Aí tens o mais precioso da herança do meu desditoso companheiro das alegrias dos vinte anos. Inventa um nome com que salves o nome da mulher que maior porção de páginas escreveu do manuscrito; depois, se quiseres completar o romance, que os editores reproduzem e os leitores têm aplaudido, publica as Memórias de Guilherme do Amaral.

PREFÁCIO DO EDITOR

O manuscrito de Guilherme do Amaral, na primeira página, tem esta inscrição: MEMÓRIAS - 1842.

Quinze cadernos de papel em quarto são escritos de mão estranha, e intitulam-se: DIÁRIO. Não tem época assinalada. As datas marcam mês, dia, e hora; no entanto, da explanação e traslado do seu conteúdo, infere-se que o DIÁRIO é do mesmo ano das MEMÓRIAS.

Se eu mirasse a publicar um livro admirável de peripécias, abstinha-me de ser o editor deste. Não vejo aqui elementos com que concertar um assombroso e engenhoso desconcerto de fantasmagorias. Ainda mesmo que a imaginação me convide a alterar os fatos, ou revestidos dos acessórios prediletos do leitor, que quer divertir-se e não magoar-se, declaro que renunciarei à satisfação, em outros casos requestada, de divertir o leitor. Isto ou há de ser dado à estampa como está, ou ficar aí tão esquecido, e tão pó e nada, como as pessoas que escreveram este volume. Sucederá que o livro tenha a sorte de que uma, talvez, indiscreta publicidade quer defendê-lo.

Sendo assim, não lhe faltarão iguais em destino, e muito superiores em merecimento.

A ventura!

Se haverá alguma utilidade no divulgarem-se sucedimentos íntimos, que não foram escritos para saírem de uma gaveta, e talvez de uma sepultura?

Esta questão de utilidade, fundamentada em matéria de romances, achei-a sempre, a um tempo, esterilíssima e pueril. É das teses adequadas para esporear espíritos de novatos na república das letras, e mais nada. Para mim é de fé e razão que os romances moralizadores de Emílio Souvestre não vingaram ainda melhorar um mau, nem as novelas licenciosas de dezenas de escritores perverter um bom. Acontecerá que um ânimo juvenil e impressionável, como o tinha sido Guilherme do Amaral, se deixe embair das inverosimilhanças dos seus autores diletos, e ainda mesmo das naturalíssimas coisas, que constituem uma natureza especial dos romancistas; não obstante, o transviamento de um espírito é parcela tão imperceptível na humanidade - se as regiões em que devaneia são as do romance -, que eu de mim para mim tenho assentado que é

frívolo argumentar contra ou a favor do romance, alegando um fato. Está ao alcance da observação de todos que a maior parte dos doidos, dos tolos, e dos sujeitos ridículos por suas esquisitices, nunca leram ou nunca imitaram os personagens do mau romance, nem desautorizam sua própria legitimidade de néscios, atribuindo a este ou àquele autor o que é muito seu. Todo o tolo tem uma certa vaidade de o ser originalmente.

Ora, atando o fio, eu não receio que as Memórias de Guilherme do Amaral derranquem os são costumes, nem espero que os salguem contra a podridão dos vícios.

Uma coisa sei eu que faz bem, quando o romance no-la dá: é o chorar. Estas Memórias comovem não só corações amolecidos pelo afazimento de afetos brandos e trato com idealidades, assim como os entendimentos empegados nos materiais cuidados dos que sabem razoavelmente e proveitosamente viver.

Trata-se em especial de uma mulher que morreu de amor.

É este um assunto, raramente historiado nos romances; porque os romancistas acham inverosímil o caso, e o comum das senhoras, em menoscabo do seu sexo, não podem acreditar que a fraqueza feminina seja tamanha, ou a medicina moral tão ineficaz, sendo aliás certo que uma senhora doente de amor acha um médico em cada homem, tirante aquele que a molestou.

É isto verdade; o contrário também é verdade; neste mundo ou tudo é verdade, ou não há verdade nenhuma.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1863

CAPÍTULO 1

Ferreira de Aves

10 de Março de 1842.

“Este é o livro da minha mocidade. Comecei-o aos vinte e três anos. Foi tarde. Estas flores, com que eu finjo adornar-me para as festas do coração, perderam viço e aroma. Galvanizo-me com incêndios de mera fantasia. Invento tempestades. Atiro-me a elas com a alma. Revolvo-me em paixões fictícias; mas a prostração moral essa é temerosa, e verdadeira, e glacial como a lajem fria de uma sepultura em que mão piedosa alastrou flores.

Que queres tu de mim, pobre mulher? Quem és tu?

Que mão de demónio te impele para mim?”

No verso da página donde trasladei aqueles dois períodos, está uma carta aderente com goma.

Diz assim:

“A mulher, sonhadora de amores, extática ante o espetáculo de todas as belezas do mundo ideal e do mundo físico, alma librada ao infinito pelas aspirações imortais, tal mulher que poderá dizer-lhe, Guilherme?

Manda-me falar!

Acaso compôs e recompôs em sua fantasia uma quimera, divinizou o ente misterioso, sonhou-me? Diga.

Viu-me à luz de um delírio?

Sabe quem eu sou, e folga de me iludir, ou quer que eu descubra a outra face da verdade?

Quer conhecer-me? Seja.

É forçoso que eu fale de mim, ou cesse de escrever-lhe. As nossas palavras encontradas foram duas, num baile de Carnaval, no Porto, em 1840.

Apertei-lhe a mão e disse-lhe: Triste! E Guilherme! respondeu-me: Até à morte.

Perdi-o; e meus olhos seguiram-no enquanto puderam.

O que eu senti, meu Deus!

Eu tinha visto um raio dos seus olhos. Era a luz que o Senhor deu, como graça especial, e radiação de sua divindade, à face dos seus escolhidos, ao poeta, ao anjo da inteligência, aos sacerdotes e mártires do amor.

Eu sabia que amargor era o da sua taça, Guilherme.

Falarei de mim. Dir-lhe-ei o que me é, e o que eu posso ser-lhe.

A minha vida era monótona, árida, e com intervalos de febre, se o ardor das minhas exaltações eram febre.

De súbito, radiou em mim a ideia, a ânsia palpitante de que estava na terra um ser que escuta e entende as dores profundas da minha alma. Vi a imagem. Era um complexo esplêndido de todas as belezas do coração.

A minha alma senhoreou-se de sua vida, Guilherme.

Senti-o, quando recebi da sua, misteriosamente, consolação e vida.

Abençoado seja, ó confidente das amarguras do meu desterro! Em meu seio estremece a vida em renovos Cantam-me as aves a primeira primavera. Está azul céu, o ar tem cânticos, e as florestas ações de graças. Tudo me festeja!

Sinto por si o afeto suave e reconhecido que se deve a um amigo, que nos protege. Toda a minha alma se expande em efusões de infantil carinho. Não sei o que cálculo, nem pretensões.

Aí vou docemente impelida. Gozo sem turvação o prazer de derramar no seio do amigo uma porção das lágrimas, que a dor me espreme do coração. Lágrimas, hoje! Porque não? Quero chorá-las, porque até aqui abafei-as.

Se pudesse rir desta inexplicável confiança, tanto pior para quem a não merece.

Dê-me, pode dar-me afeto de irmão, que eu não sou criatura aviltada pela paixão.

Amo! oh! amo muito; mas este amor, por muito veemente e delirante que seja, não fará jamais imolar o pudor. A minha alma, purificada no crisol dos

sofrimentos humanos, ao separar-se do nada que a encerra, irá aos pés do Altíssimo pura como saíra do seio do seu criador.

O meu amor alimenta-se de si mesmo, vive de sua própria vida. Amo-o, Guilherme. A minha felicidade é esta união imaterial, contra a qual nada podem as distâncias multiplicadas.

Pois que prazer é este? Que vão ideal me alucina?

É crer a sua existência tão identificada à minha que uma forma a parte mais essencial da outra; julgar que me vê, ouve e fala, compreende e ama.

Eu não sei como este fenômeno se opera. É uma secreta intuição.

Se olho fitamente o céu recamado de estrelas, e busco a minha, creio que os seus olhos, Guilherme, estão absortos nela; se contemplo o matiz das boninas, entro a ler o meu destino na cor delas, e vejo intuspectivamente um seu olhar que vai de flor em flor, e sustém-se a contemplar a que eu mais amo. Quando peço ao Céu, e a Deus, o homem necessário à minha vida, há uma voz, que me diz ao coração: "ama, e espera!" Este dizer tão doce não me vem da sua alma, Guilherme?"

CAPÍTULO 2

Carta de Guilherme do Amaral a um seu amigo portuense

Lê esse papel, e dize-me que mulher de aí pode assim escrever.

Receio mistificação!

Tu que sabes com quantos mim escrevem amor as meninas tuas patricias, desde a fidalga maior de vinte e cinco anos, que aprendeu a escrever com o capelão, até à cerejada burguesa que deixou no colégio francês as estúpidas graças portuguesas, e saiu de lá sem graça nem ortografia, tu, dizia eu, que sabes tudo dessa aldeia, descobre-me quem escreveu essa carta. Se foi mulher, cala-te; se é homem, dize-me que dimensões ele tem da cabeça do fêmur direito à cabeça do fêmur esquerdo, para eu de antemão calcular os pontapés que vou dar-lhe na volta do correio.

Teu Guilherme

Ferreira de Aves - Março de 1862

Resposta

Sei quem te escreve. É mulher. Tem vinte e quatro anos. Chama-se Virgínia. É filha de um antigo magistrado realista. Foi educada em Lisboa. Emigrou com o pai, e voltou órfã para companhia de umas tias maternas que a idolatram. Enquanto a costumes, é trigo sem joio. Não é bonita, segundo uns; e é formosa, segundo outros. Eu ta descrevo: é alta, elegante, magra, e direita. Cabelos e olhos negros. Sobrancelhas espessas, que parecem relevos de azeviche. O nariz é muito mais regular que o dos passaportes; mas não é escultural, nem translúcido nas asas. Tem uma penugem no lábio superior, como muitas mulheres, que se gozam de fama de belas; mas o que ela tem, com vantagem ou desvantagem a todas, é uma iniciativa de suíça, que esconde cautelosamente com os adornos do toucado, ou fitas do chapéu. Os dentes são marfim e pérolas. Os lábios, sobre o grosso, lembram a opinião de Ovídio acerca dos lábios grossos. Lê Ovídio, que eu não me recordo de o ter lido nunca; mas li, há pouco, um almanaque, que me dá notícias de Ovídio e de sua opinião acerca dos lábios grossos. Queres agora saber como eu pude tão depressa desencantar a tua misteriosa fada? Eu te digo. Vou frequentemente a casa do barão da Carvalhosa, que tem uma filha chamada Margarida, uma margarida em cujo espadaúdo costado o Fausto daria dois murros, e Mefistófeles outros dois, se a vissem. Esta Margarida é amiga de Virgínia. Há um ano perguntou-me ela por ti. Disse-lhe que estavas em tua casa. Daí por diante falava-me sempre da tua amargura, e instava comigo para lhe eu contar miudezas da tua vida.

Há dois meses perguntou-me se falavas em vir ao Porto, e a direção dos correios para a tua aldeia. Quis avisar-te disto, mas entendi que não lhe davas valor, nem com o teu prazer me recompensavas a preguiça com que te escreveria, e escrevo agora. Ponto final, e adeus até à vista.

Teu ***

CAPÍTULO 3

Carta de Guilherme a Virgínia

É tarde, Senhora.

Não a mereço. Quando Vossa Excelência me viu, já o meu anjo bom me tinha levado o restante, o melhor do coração, a minha mãe, que mo pedia do Céu.

Fui bom: o mundo era péssimo.

Abri o seio, e dei amor a tudo: o mundo escarneceu-me.

Os homens, que estimei, eram infames. As mulheres, que amei, eram servidas em altar sórdido por eles, nascidos para elas. É tarde, Virgínia, para lhe oferecer uma alma. O que de mim posso oferecer-lhe é espinhos da minha coroa, coroa que em mim é martírio, e em Vossa Excelência seria ignomínia. Se não pode odiar-me, esqueça-me. Se a piedade a santifica até me estimar, aceite o adeus de um irmão. Vou deixar Portugal.

Se pudesse, levava daqui a terra, onde se desfazem os ossos de minha mãe, para poder execrar a pátria, e amaldiçoá-la para sempre. Adeus.

G. do Amaral.

Virgínia a Guilherme

Para onde? para onde vai, Guilherme? Não tornarei mais a vê-lo? Hão de os meus olhos não encontrar mais o raio de luz que os abriram ao mundo da esperança!?

Vá! Se na eterna sabedoria do Onipotente está escrito que a felicidade em vão procurada no solo onde teve um berço e mãe se lhe depara noutro clima, vá, cumpra seu destino, obedeça ao impulso que o arrebatou, que eu, em alma, irei consigo; mas, por Deus, não maldiga a terra onde penou, onde todas as fontes de vida se lhe secaram, onde do coração da mulher bebeu a peçonha, que eu não posso diluir em minhas lágrimas. Não amaldiçoe a pátria, que, em vez de mãe carinhosa, lhe foi madrasta, e exacerbou angústias, que... Oh! meu Deus, que mal faz a pátria aos desgraçados que o hão de ser em todos os pontos do mundo!

Não amaldiçoe, Guilherme, não amaldiçoe a terra onde ficam as cinzas de sua mãe, e onde fico - eu que o amo, Guilherme, como sua mãe o ama lá da sua bem-aventurança.

E com que alma eu lhe quero, ó meu irmão! alma onde ainda não caiu mancha de paixão indigna.

Não me peja falar-lhe assim: afronto corajosa e altiva a opinião que a sociedade possa ter formado do amigo da minha alma. O seu coração que me escute a ocultas do mundo.

Nasceu bom e generoso, Guilherme. Principiou a sua carreira na senda da vida com a alma exuberante de afetos e crenças. Porventura até ao fogo do Inferno iria purificar santas ilusões. Foi, Guilherme? Não mo negue. As suas afeições, há dois anos, no Porto, que eram, senão um cavar abismos ao coração? Perdoe-me! Eu olho com lágrimas compungidas para estas desgraçadas que desnudam sua miséria, e tentam à força arrancar o pudor de todas as faces de mulheres, para que não haja uma sem estigma.

Antes desse tempo, Guilherme devia amar o sublime, o belo, e o santo. Acordaram-no do seu sonho de ventura; vazaram-lhe na alma pura e inspirada a sua taça de lava ardente; queimaram-lhe o sangue, e obrigaram-no a buscar refrigério nas águas torpes destes atoleiros onde se rebalsam os que vieram do Céu reis do gênio, e vermes no coração. Guilherme perdeu a sua estrela polar de esperança. Olhou em si, viu-se cheio de vida, repleto de ódio, e sedento de vingança.

Fez-se-lhe de bronze o coração; o demónio do escárnio avinçou-lhe o sorriso; todas as lágrimas que viu ultrajou com a dúvida, ou com a zombaria; fez-se noite pavorosa em sua alma; cerrou-lha o cinismo; descreu de tudo e de todos; nem amor de pátria, nem amor de Deus – sublimes afetos estranhos às desordens da vida -, nem esses teve já virtude para arrancá-los da voragem!

Perdoe-me!

Eu sou injusta! Guilherme não teve culpa, se desse imenso tesouro, com que o Senhor o tinha enriquecido, para um dia lhe ser restituído, nada mais tem, já agora, senão o talento - extrema auréola que lhe resplende a fronte. Não teve culpa de ser desgraçado, não!

O seu ódio, portanto, é justo; o seu desprezo legítimo; o desesperar não deu lugar à resignação. Foi mau; mas perdoável.

Era-lhe necessária a imensidade do amor, do amor que abaixo do Céu não existe, para lhe apagar a sede, sede inextinguível que abrasa o coração daqueles que atravessam com a fantasia infinitos desertos, de miragem a miragem, pedindo ao mundo os mundos que Deus não fez.

A mediocridade não podia satisfazê-lo. Às proporções agigantadas da sua alma a sociedade ofereceu as insignificantes misérias da sua inepta conformação. Grande para o bem, grande para o mal: não era esta a sua divisa, Guilherme? Devia ser modelo: foi-o na desgraça. Vá, meu irmão, vá ver se encontra o seu bom anjo. Não correrá um dia só da minha vida sem que eu eleve de meu coração uma prece a Deus, fervorosa e em lágrimas, para que Ele se digne dar ao meu amigo toda a minha felicidade, se alguma me está prometida.

Guilherme, meu irmão pela pátria, pela fé, e pelo amor... Pela fé!... Ó meu querido amigo, nem a piedade lhe deixariam? Nem essa luz para ir através da escuridão do mundo?...

CAPÍTULO 4

Carta de Guilherme a um seu amigo de Lisboa

Recebo no Porto a carta que me enviaste para a minha aldeia. Dissera-te eu em Lisboa, que me ia fechar seis anos na livraria clássica de meus avós, até sair de lá com a inteligência espalmada, e o coração brutificado para habilmente voltar a comerciar com a sociedade. Ao décimo dia de reclusão, venceu-me o tédio, planeei uma viagem à Palestina, às ruínas do velho mundo, não para me ir espiritualizar em cogitações arqueológicas e místicas; mas para me bestificar na solidão, já em palestras com os frades do Carmelo, já a medir a polegadas o tronco dos três cedros que estão de sentinela, no Líbano, à sepultura dos primeiros moradores desta bola de lama, chamada globo terráqueo.

Tinha as minhas coisas em ordem, meia casa vendida, e outra meia hipotecada para partir, quando recebi do Porto uma carta, e incluso nela o coração de uma mulher, coração em estilo, entende-se, o mais pomposo e cálido estilo que tenho na minha coleção epistolaria.

A carta era assinada por um pseudónimo. Respondi em termos moderadamente entusiastas, já por me temer de algum logro, já porque, não sabendo o que hei de dizer às belas mulheres que conheço, menos sei que diga às que não conheço. Pedi-lhe que continuasse a dar-me o prazer das suas notícias, na certeza de que, a não ser mais, bastava à minha glória o ter comércio epistolar com espírito de tal alcance literário. A segunda carta abalou-me um pouco. Relembra-me uma palavra do Carnaval de 1840. Lembrei-me da mão pequenina, que me tocou no ombro; da voz melodiosa, que me disse: Triste! Era no Teatro de S. João.

Escrevi a um amigo, que conhece todas as literatas do Porto, que surgiram, à laia de tortulhos, com as últimas e benéficas chuvas da civilização. O meu amigo respondeu rigorosa e pontualmente. Escrevi à menina pelo seu nome, e chamei-lhe irmã, com o que ela ficou, segundo me quer parecer, medianamente satisfeita.

A terceira carta que recebi, fechei as malas, e vim para o Porto.

Procurei avistar-me com esta ave-do-paraíso tresmalhada do bando angelical. Vi-a, vi-a com estes olhos malditos, que não deixam coar-se impressão agradável à alma. Vi-a, apalpei o coração, e não lhe senti pulsação de mais nem pulsação de menos. É uma formosa, esplêndida e admirável haste, com uns traços e jeitos varonis como nunca viste! A cara não parece destes tempos, nem deste clima. Faz-me lembrar as viragos descritas por Virgílio, das quais eu me namorava, quando estudava latim, e contava a minha mãe as façanhas da façanhosa Pantasilea.

Não gostei, modestamente e desenfatuadamente te digo que não gostei! Tem muita literatura, todos mo asseveram: mas quando me lembrei eu de requestar literatas? Bem sabes que a minha balda era achar um coração novo, sem mais saber que o do instinto, e educá-lo eu.

Nas mulheres a inteligência ou nasce com o coração, ou o mata, se vem depois.

Escrevi-lhe, sem perda de tempo, avisando-a de que estava morto, e ia enterrar-me na Palestina para não incomodar os meus amigos com o funeral. Respondeu-me ela nuns termos que me deram rebates dos tempos em que eu amava. Falou-me no túmulo da minha mãe, e por pouco me não arranca das glândulas lacrimais uma gota daquela matéria líquida, coisa aliás nauseabunda,

com que as mulheres têm conseguido reconstruir Babilónias de corações derrocados, e até com aspersão de lágrimas sei eu que elas têm purificado Gomorras.

Respondi em tom amável, investindo-a novamente das honras de parenta; mas declinando de mim a responsabilidade de a dispensar incestuosamente dos deveres de irmã.

A isto responde ela hoje com a carta, que vou copiar para entreter uma hora, e fazer-te ver que há por estas montanhas do Douro umas Graças obscuras, que podem competir em estilo com as tuas Tágides, tuas e do Camões, que as poetizou para tu as aprosares, grande velhaco!

Reza assim a carta de Virgínia Filomena, nome só de si capaz de fazer mais poetas que a lua dos ingleses:

“Tua irmã!... O Céu te pague. Abriu-me a tua mão o tesouro dos meus sonhos. Eu queria sentir a paixão; mas assim suave. Queria as alegrias do coração; mas assim moderadas para serem duradouras. Com este delicado afeto, hei de compreender as delícias de todos. Possuo a felicidade imperturbável, porque... ninguém, a meu ver, ma invejará.

Tua irmã!

Com este título me elevas, me engrandeces, até me poder, de alguma maneira, igualar contigo. Fazem-me dó os seres que vão de rastos sobre flores e espinhos de falsos prazeres, e não viveriam neste ambiente de sereno gozo em que as paixões se depuram e divinizam.

E tu, Guilherme, não crês, não amas. Porque não dirás antes: “creio, mas não amo”? Quando se não crê, é que mais se ama Quem não ama, nem sequer detém o seu juízo a duvidar.

Pois sim; não creias, não ames; mas sê meu irmão.

Se eu pudesse contar-te que vida me dá este sentimento sem ardor! Uma completa abnegação, Guilherme!

(Grande verdade e grande quinau! - Nota de Guilherme do Amaral)

Não me dirás agora que a estima de irmãos é fria, e inconsequente entre pessoas, que o não são.

Pedes-me que te convença de que o amor não é uma palavra, vã, banal, e revelha. Gracejavas, meu amigo? Pois vou responder-te seriamente, assim com ares de quem defende uma tese, ou dilucida obscuridades do amor como soror Mariana Alcoforada, cujas cartas me enfastiam, e me fazem recear que as minhas te não divirtam mais.

Olha: é a minha vida, há seis anos, um martírio abafado entre as quatro paredes do meu quarto. Não sei quem escreveu: são dois os infernos deste mundo: “um é amar sem prêmio; o outro é ser amado sem premiar.”

Este segundo é muito mais inferno que o outro: é o meu; é o suplício que me tem dado em terra com a energia da minha alma.

Ter o coração a trasbordar de amor, e o espírito de ódio contra uma perseguição repelida, em cada dia de seis anos! Não poder amar um homem que aí goza na sociedade créditos de amado por quantas... por quantas?

Por todas. Ele é rico, tem cavalos, e uma epopeia de conquistas!

Não poder amá-lo, nem, por desforço da pertinácia, amar outro!

Não há aí ninguém que possa desmentir-me, Guilherme. Da avareza do meu coração tenho eu soberba.

E creio que deve existir o homem, que me é destinado; se não, este vago esperá-lo seria uma tortura, e Deus um capricho malfeitor.

Espero-o como os antigos patriarcas esperavam no limbo a estrela da redenção.

ELE virá!

Este sentir misterioso não é amor? Será palavra vã, banal, e revelha. Revelha em mim, que ainda não vivi! Isto, Guilherme, é amor, é vida, é divinização.

Deus é poder, razão, e amor; e o homem também em si encerra uma trindade santa; ser, razão, e amor; três faculdades que formam uma só alma, uma mesma vida, e uma natureza idêntica.

Tem jeitos de metafísica isto? Tu me entenderás, sem te sorrir, meu amigo.

Que tu não ames, creio; que o sofrimento de passados afetos te acautele com os futuros, é lógico; mas que duvides da existência do amor é um paradoxo, que não pode mesmo ser interessante na discussão.

Enquanto ao nosso parentesco, dizes que o mundo condena e empeçonha estas fraternidades postiças. És justo; antes de ler as tuas sisudas reflexões, já eu o sabia.

Não importa; deixemos o mundo. Que tenho eu que ver com o mundo? Desprezo-o e afronto-o. Vejo prodigalizar louvores e obséquios à depravação sem máscara; e cuspir injúrias na face da virtude.

A minha consciência salva-me.

Tenho, porém, família, umas santas velhas, que não quero magoar, salvo quando quiserem imolar-me.

Não me procures, se a delicadeza de irmão te impedir a isso. Quando o acaso nos reunir, então me pagarás a saudade.

Eu cá irei arrastando a minha cadeia.

Escreve-me, quando tiveres vontade de verter um raio de luz nas minhas trevas. Eu também te escreverei a história, dia por dia, da minha alma.

Que tem a alçada do mundo que devassar nisto?

Adeus. Pensarei em ti sempre que o meu coração palpitar de admiração e prazer, Tua irmã Virgínia.”

E nada mais continha.

Aí tens uma carta que faria dez Macias namorados.

Fiquei estátua, como pedra bruta, que sou, ou me fizeram. Ficarei assim, meu caro A.!... Estou fatigado de escrever, senão falava-te de Florinda, a Circe do Porto; só ela, por si só, explica tanto irracional: é uma mulher que tem uma legião de demónios de seu comando, e irá no Inferno lecionar imoralidade às Lésbias e Corinas e Safos e Lenclos que esperam por ela.

Teu G. do Amaral.

Seguem estas palavras escritas na página seguinte:

“Que estúpida vaidade! Motejei da carta de Virgínia para sustentar o caráter que me atribuem. Desejo que seja lida e admirada uma carta de mulher, que revela alto espírito e muito coração; porém, ao mesmo tempo, receio que me julguem humilhado aos dons raros de quem quer que seja. Não a amo, não poderei amá-la nunca; mas reconheço-me ainda grato à lisonja. Má índole a minha, péssima índole a do século!... O homem social, o homem da roda é isto. Se o não for, será um sensaborão que o nojo dos seus amigos repele...”

CAPÍTULO 5

Advertência do Editor

As cartas de Virgínia Filomena são muitas, e dariam dois volumes compactos. O trasladá-las todas implicaria o fastio do leitor, por muitas que sejam as graças e tristezas de amar e sofrer com que estejam escritas. Eu li-as e reli-as, sem fadiga; porém, dá-se em mim uma razão, ou dever, para saborear as repetições, e descobrir, em cada uma, a fibra do coração, a despegar-se no seio da adorável criatura, que as escreveu: é que eu conheci Virgínia, primeiro; e depois, ainda não conhecendo-a, ideá-la-ia, amá-la-ia, porque dos infelizes que passam a chorar é um triste gozo meu ir beijar-lhes os vestígios das lágrimas.

Este condão é a história do maior número dos meus romances.

O meu leitor, porém, deve à Providência o favor de o não dotar negativamente da esquisita sensibilidade que chora mortos desconhecidos, e, demais a mais, defuntos de novelas. A isso atendo eu, e quanto posso me desvelo por satisfazer, e agora mais que nunca, escolhendo poucas das cento e quarenta cartas inclusas nas “Memórias” de Guilherme do Amaral.

A crítica, reparando em que eu dê cópia de cartas que Amaral escrevia aos seus amigos, duvidará da autenticidade delas.

Respondo que Amaral, empenhado em escrever as suas “Memórias”, deixava cópia das cartas, que assinalavam algum importante sucesso da sua vida de coração.

É, no entanto, admirável que ele não copiasse, salvo uma, as que escreveu a Virgínia. Se existissem todas, que a meu ver seriam poucas, o travamento dos singelíssimos casos, que dispararam em lamentável catástrofe, seria muito melhor talhado e ordenado a prender a curiosidade estudiosa do leitor - que nos alheios infortúnios, embora digam que a experiência é a melhor mestra, aprendemos a sofrer, e aprendemos também a não magoar. Virgínia, deste modo, seria alívio para quem padece; e Guilherme conselho para quem irreflexivamente motiva o padecimento. Ora aí está que já este livro me vai, sem eu o antever, saindo com a sua pedra e cal para o edifício de morigeração pública, principiado a reconstruir no éden desde que Eva e seu marido derrubaram aquele que o Criador lhes dera. Há seis mil anos em obras, e tão atrasado ainda! Espera-se muito do romance e dos padres.

Farei, pois, uma seleção das cartas de Virgínia que não estiverem já explicadas no DIÁRIO, o qual será integralmente publicado. O “Diário”, como hão de ver, dispensa as lentidões epistolares que costuma ter o desfecho de um romance entre duas pessoas.

Escreve Virgínia:

“São-me necessárias, como o ar que respiro, as tuas cartas. Se me faltam, que será de mim? Involuntariamente estremeço, quando me assalta a ideia de te ser enfadosa. Tem a santa generosidade de me escreveres, ao menos uma vez por semana, Guilherme. Dá-me a vida, que não te custa.

Invejo-te a felicidade. Vais de noite correr no teu cavalo por esses montados fora. Ouves o gemer dos pinhais, e o rumor dos ribeiros à meia-noite. Levas para aí a tua dor, e a tua sombra como um amigo que te escuta e pranteia. Isso é ser feliz, meu amigo! Eu só de pensá-lo e desejá-lo tamanho bem para mim, sinto que o peito se me dilata.

Quando me vejo encerrada no meu quarto, enfureço-me. A minha alma quer voar, e bate em quatro paredes que a repelem aturdida e sufocada. Então me parece estreito o mundo para a imensidade do meu espírito! Se eu pudesse sair como tu, correr, correr, até cair extenuada e morta!...

Não sabes que opressão é a companhia, quando se anseia a soledade! Eu tenho às vezes horas de ódio ao impossível, ao bem impossível, que a minha alma

busca sequiosa; é então que sou forçada a responder a frases banais com outras, que me ajuntam à dor o embrutecimento.

E hei de estar assim quieta no semblante, com o inferno no seio, a ver as alegrias da terra, os festins da vida, e a invejar até as glórias do crime! Que compensação é a minha?

Tu, Guilherme, és tão feliz que não precisas dar conta ao mundo da inexplicável luta que sustentas com ele e contigo próprio! Nesses instantes, em que tu só podes ser o intérprete de ti mesmo, e a ti te contemplas único poeta entre tantos pedaços de matéria que te impeçam o caminho, dá-me um pensamento, rápido que seja. Aqui me virá aquecer o calor suave da tua saudação misteriosa; hei de então ver-te a lutar e vencer. Tu serás o cedro gigante inflexível aos bulhões da desgraça; e eu, frágil vime, irei vegetar à tua sombra.

Ontem à noite, absorvida em mim, via-te em pé, sobre um penhasco sobranceiro ao mar. As ondas rugiam, e estalavam a teus pés. E tu, com esse olhar profundo que te conheço e temo, olhavas na amplidão do espaço, e interrogava-lo, como Manfredo, e como Fausto. Inquirias a verdade! Oh! sim, Guilherme! A tua alma deve ansiar a certeza, que nenhuma outra se goza de melhores condições para encontrá-la.

A verdade onde está senão no amor? O amor é a vida, é tempo, é eternidade, é Deus.

E, ao fantasiar-te assim, tive orgulho de ser única em compreender-te. Deixa-me assim amar-te. Se esta cadeia invisível se quebrasse, eu iria de abismo em abismo até poder soldá-la na sepultura.

Quem me dera o teu amor, Guilherme! Toda a gente fala em bens e males como se soubesse o que é a felicidade ou desgraça! A felicidade sei eu que eras tu para mim! Deste-me a alegria, e eu queria repartir contigo o que é teu; transmitir à tua alma o que recebi da tua. Não me deixas: não posso! Gozo a vida, que te devo, como a que devo a Deus: não posso pagar a Deus nem a ti; a Ele adoro-O, a ti amo-te; sabendo que, nem adorando-O, aumento a sua glória, nem amando-te, faço a tua felicidade.

Amanhã serei para ti o que sou hoje: a mulher que chegou tarde ao túmulo do teu coração. Sento-me, e choro à espera do teu resgate. Tu ressurgirás, Guilherme!

Se eu pudesse ir aí à beira do mar! Como é risonha Leça da minha infância! Daí embarquei para a emigração. Tinha eu nove anos. Voltei, há dois dias, aí. Reconheci as fragas em que a minha mãe se sentara. Pareceu-me ver os seixinhos com que eu brincava. Passei lá uma noite escuríssima de Fevereiro. Mugiam as ondas, e quebravam com fragor medonho no cinto de rochas. Os relâmpagos, como lampadários formidáveis da casa de Deus, mostravam a espasmos a majestade do poder divino!

Se eu tivesse duvidado do Altíssimo, naquele momento adorava-o.

Ai, Guilherme! Não sei como hei de enganar tempo! Não tenho espírito nem compreensão para ler Escrevo e rasgo. O trabalho enfada-me. Algumas vezes, rezo, e peço a Deus a felicidade que te falta. Peço-lhe que te dê o amor.

O justo e o injusto são ideias abstratas, fatasmagorias, à mercê dos temperamentos. Para eu crer no juízo, como na razão, seria mister que ela fosse universal.

O coração é que não mente, aqui, em Pequim, ou nos sertões da África.

A que vem isto?

Ah! diz-me o coração que as minhas cartas te pesam, colocando-te na dura necessidade - dura para o teu cavalheirismo - de me não responder, ou responder-me com a esmola de um engano, em frases de duas interpretações.

A esmola é o elogio da tua delicadeza. É; mas rejeito-a.

Deixarei de importunar-te, se ainda te molestam as raras cartas, que tens recebido. Impus-me o dever, que estava esquecido. Serei vulgar para ser digna. A menos culta e mais ordinária mulher teria feito o que eu faço agora. A dignidade está da parte do trivial. Miserável distinção a que me concedem!

Eu tinha um prazer único: era escrever-te. Ora eu, que te dava de barato a vida, não teria força para te poupar ao dissabor de ler uma carta por semana?!

É tal a abnegação com que te amo que não posso ser enganada pelo egoísmo.

Que significa o gelo do teu olhar? É possível que me estejas odiando?

Diz-me a verdade, Guilherme: eu não sou nada para ti? Olha que eu tenho valor. Esmola por esmola, peço-te a do desengano.”

Em coisas de coração só escuto o coração. O juízo reprova isto; bem sei. Que me importa a mim o juízo?

O juízo é um cálculo; não é mais nada. Os cálculos falham.

CAPÍTULO 6

Guilherme ao seu amigo de Lisboa

Estou farto de frasear, amigo A. A espiritual Virgínia obriga-me a bolear, brunir e arredondar o período. Escrevo-lhe, como quem faz manuscritos acadêmicos para serem impressos à custa da Real Academia das Ciências.

Acho-me velho para amar, e novo para me deleitar com a boa disposição das vírgulas, e o irrepreensível da sintaxe.

Virgínia estava *ab ovo* destinada para fazer suar o topete do autor do Secretário dos Amantes. Queria ver como o homem se tirava de apertos em correspondência com esta literata, que, segundo me dizem, entende o Fausto, e o Kant. O Kant, amigo A.!

Olha que me acontece abrir o meu dicionário de sinónimos, quando respondo às suas dissertações. O coração torce-se e zanga-se, quando a cabeça lhe impõe o atroz dever de ser correto. Faltava-me este desastre na minha vida!

Deito-me regularmente quando a luz da manhã espanca as minhas visões; e, ao meio-dia, o criado do hotel acorda-me, para me dar uma carta, a pagar à vista com a resposta. Levanto-me estremunhado, vou sentar-me à mesa, encharco-me em mau café para subtilizar o espírito, dobro o papel, empunho a estéril pena, e logo no primeiro período me sai o verbo de esguelha com o sujeito, e a ideia coxa, abordoando-se às muletas dos lugares-comuns!

Isto não podia assim continuar. Enterrei a delicadeza na sepultura do coração, e emancipei-me da violência.

Está a passar o episódio de Virgínia Filomena, e a começar o de Florinda Laura. Um acaba pela mesma razão que o outro principia. Florinda dispensa o menor consumo de ideias. A matéria conta consigo, e não me pergunta a que região ideal pertenço, nem quer saber quantos dias dura a eternidade do amor.

Vou trasladar um espécime epistolar da recém-chegada. É a primeira carta, que ontem recebi. Pasma deste aticismo, e deixa passar a formosa mulher, que despreza os recantos da retórica, porque o seu brilho deve-o todo à própria originalidade.

Vê-me isto:

“Senhor! A sua carta é lisonjeira. Estimei recebê-la, porque o amo desde que a sua imagem me sorriu esperanças, que estavam quase mortas. Bem sei que está impressionado, e rendido de uma menina científica; mas com o tempo espero que se quebre o seu encanto. Eu o farei quebrar, mostrando-lhe o que são os santos amores da literata, que já me chamou positiva. Muito folgarei em vê-lo no baile do conde de ***, depois de amanhã. Conte comigo para a primeira contradança.”

Em verdade te digo que me enojou o desprante com que Florinda moteja os santos amores da literata! Hei de provocá-la amanhã, no baile, a descobrir algum segredo de Virgínia. Singular coisa! Desejo que a eloquente Virgínia esteja imaculada, e que a maledicência de Florinda a não alcance. Uma importuna-me, outra inspira-me o que por via de regra inspira o amor: fujo de uma, e procuro a outra: pois aquela de que fujo desejo eu que não possa ser infamada pela outra que procuro. Estúpido coração, se isto é coração!

Depois de amanhã te escreverei o seguimento deste episódio, que pode ter seu interesse com a interferência de outra mulher. Adeus.

Virgínia a Guilherme

Necessariamente vais amanhã ao baile do conde de ***. Eu não. Vejo hoje um raio de sol. Faz-me saudades a aldeia. Vou estar três dias na Quinta do Paraíso.

Vou ver as minhas plantações do ano passado e plantar umas trepadeiras, cuja flor Deus sabe se eu chegarei a ver!

A tua carta de ontem diz-me: “Não sou o homem que a tua boa-fé imagina. Pergunto a mim mesmo se o espírito em mim será superior ao da generalidade dos homens.

A consciência responde-me que não.” Se me pedisses uma absoluta confiança em tua generosidade, Guilherme, eu não hesitaria em responder-te; que és tudo para mim no universo, visto que te amo; leis e deveres só reconheceria os que me prescrevesses.

Não me assombra que o teu espírito seja igual ao do comum dos homens; magoa-me, porém, que me abaixasses ao escalão do comum das mulheres.

Pediste-me uma entrevista; e eu antecipei-me a conceder-ta sem condições.

Porventura poderia eu lembrar-me de que as condições eram compatíveis com a minha, e com a tua dignidade?! Rejeitaste-a, desconfiando em ti mesmo, e insinuando-me uma desconfiança, que nunca enegrecera a candura dos meus desejos. Achei graves as tuas razões, e votei pela separação austera. Quando escreveu estas palavras um homem que amasse, um homem dos teus anos, com a tua fama, e os teus precedentes? Barata virtude é a tua, Guilherme!...

Agora me perguntas se eu receio que “uma aproximação, reprovada pela opinião pública, me desdoure”. Bela pergunta!...

A opinião pública!

Quem criou a necessidade da distância? Quem calculou friamente as inconveniências da intimidade? Fui eu?

Olha, Guilherme, eu não quero afetar uma inocência, que poderia degenerar em inépcia; posso, todavia, assegurar-te que não compreendo bem o que seja um “amante”. Não sei, portanto, se me convirias; o que sei é que - amando-te quanto posso - não calculei jamais se poderias ser para mim um marido sofrível.

Sou vulgar; mas não da vulgaridade das mulheres, que se esforçam em busca de um marido, a despeito de antipatias e mesmo do pudor, para poderem

apresentar à sociedade um diploma de casadas, como título de mérito... mérito de terem achado um homem!

Lastimo que a página de minhas cartas, que destruiu o santo lirismo do teu coração, só agora te desse o fiel espelho do meu caráter íntimo.

Visto que o meu sentimentalismo é todo de cabeça, eis-me aqui uma risível atriz! Fiz-te figurar num péssimo romance, imaginado em horas de ócio!...

É crueza ferires-me assim na sinceridade da minha alma! Se o ultraje fosse feito à honra, a dor seria igual.

Mulher que se confia como eu a um homem como tu (sublinho as palavras em glória tua, Guilherme!...) não faz dos ímpetos do coração um cálculo em que há muita lógica. Sinceramente te digo que não entendo; falta-me a iniciação do vício que dá a ciência de certos segredos do coração, e de linguagem.

Se me vulgarizei é porque já era vulgar. Não descii; estou onde me encontraste. Se caí aos teus olhos, não foi minha a culpa; não me elevasses tanto.

Tu é que és sempre o mesmo homem superior para mim, enquanto eu vou entrar na multidão dos átomos imperceptíveis aos espíritos distintos.

Este sentimento que me retalha o coração não pode ser da cabeça! Adeus.

Na Quinta do Paraíso

Enganou-me o raio de sol! Está chovendo. Vejo ao longe o mar e o infinito. Estou bem, meu amigo. Sofres mais que eu decerto. O dever que te impuseste de apagar este amor, que te incomoda, tem amarguras. Sei-o por dura experiência. Não sofras, que eu hei de vencer a quimera com outras quimeras. Não se fala mais em amor.

Estava eu, há instantes, olhando vagamente estas árvores quase nuas, e tão tristes, a despojarem-se das últimas folhinhas que se desprendiam amareladas, e caíam mortas sobre a terra que lhes dera a seiva: senti então desejos de fechar os olhos, adormecer, adormecer no regaço do meu bom anjo do esquecimento e da morte...

Como te correu a noitada do baile, meu querido irmão?

Muitas pompas, muita alegria, muitas mulheres fatais, muitos homens fatais, não é verdade, Guilherme?

Eu estive num baile há dois anos. Duas amigas tinha eu, muito da minha alma, amigas do colégio, que achei senhoras quando voltei de França. Também foram comigo ao baile do conde de ***. Valsaste com elas, Guilherme: uma era Maria Urbana, a melancólica Maria; a outra era aquela festival inglesa dos boucles loiros, que lhe cobriam as espáduas de neve. Passaram dois anos, e nenhuma vive. Maria amou nesse baile um poeta, que está no cemitério do Prado, há cinco meses, e para ali veio das praias onde o lançaram as ondas do Douro. Matou-o a pobreza, e o amor, o amor do pobre em coração de rei da inteligência! E ela, que é feito dela? O meu desprezo foge de encontrá-la, porque essa mulher vive, e Guilherme do Amaral talvez valsasse ontem com ela.

A outra, a inglesa das tranças loiras, está no jazigo de seus avós, no cemitério do Campo Pequeno. Matou-a o amor, que de surpresa lhe assaltou os dezoito anos no mesmo baile do conde de ***. Já a procurei no seu leito de mármore, e levei-lhe rosas de uma planta que ela me dera, e que eu estou vendo da janela do meu quarto. Coitadinha!

Que iria eu fazer ao baile? Ver Maria Urbana a contradançar talvez com o homem que deixou morrer a minha Isabel? Antes as tuas tristezas, ó Céu tenebroso! Antes o vosso soturno gemer, ó árvores que me estais murmurando o hino da morte!...

Adeus, meu irmão; não devo nublar o céu que te azuleja e doira a vida, depois de um baile, em que homens e mulheres fatais se comprometem para destinos tão venturosos!

Meia-noite - 31 de Dezembro

Terminou o ano, meu Guilherme, meu querido irmão.

Às onze horas sentei-me muito triste, ao lado do meu leito, e a tremer de frio. Tudo dormia em casa. Fui reacender as brasas amortecidas do fogão, e escrevi no meu Diário, três páginas, que cortei para tas mandar. Queres tu conhecer, minuto a minuto, os pensamentos da tua amiga? Será repreensível pretensão dar-te eu conta, que me não pedes, da inteira vida da minha alma? Não é, Guilherme. É que eu aspiro ao prazer de uma espécie de sujeição e tutela de

espírito. Acolho-me a ti com a timidez de um coração órfão de amigos. Parece-me, às vezes, que sei exprimir o que sinto; mas vou com as minhas dúvidas procurar o beneplácito do teu espírito.

Lê, como mestre, as pobres meditações da tua amiga.

“Usam cantar os poetas a natureza re florida na Primavera. Nessa risonha alvorada da vida, brotam torrentes de inspiração de cada prado, ondas de incensos da urna de cada flor. O penhasco verdeja os seus musgos. A linfa do córrego cristaliza-se; translucida-se e espelha a verdura dos choupos e salgueirais. O poeta, como as aves das bouças e florestas, canta, e voeja de flor a flor. Que júbilos dá o Céu aos felizes! E eu, que desde o repontar da minha triste aurora vejo sempre a noite quando a Primavera chega, não a saúdo, não estremeço, não a reconheço, e digo-lhe: - Não é para mim que vens, filha querida de Deus, esposa adorada dos poetas! Escondeste, ó sol de Maio, ó alegria do mundo!”

Amo as noites silenciosas, a lua pálida com seu disco de nuvens, a letargia do universo, a sua desnudez medonha.

O que acende poesia em minha alma é o despedir-se do desterrado; e o berço vazio da criancinha que levou a morte; e as lágrimas que verte nele a mãe inconsolável; e a face morta da virgem, velada pelo capuz da mortalha; e o expirar de um ano, em noite cerrada - a agonia desse jovem filho da eternidade, que viveu o limitado espaço da sua existência, e foi cair no abismo com os seus milhares de irmãos, e lega ao sucessor a imudável frivolidade, as imudáveis ilusões do gênero humano.

Daqui a instantes este Dezembro lá entra no lago profundo, e sereno, e insondável da eternidade!

Pobre Dezembro! tão malquisto és! Desejam-te passado, e não sabem o que desejam, nem que destinos o teu sucessor lhes traz!

Se os desditosos, que te praguejam, pudessem antever as angústias que lá vêm, buscariam reter-te, prolongar-te, e, talvez, morrer contigo!

Vai, vai! Apraz-me ver como te baqueias na voragem do tempo! Quando o campanário soar a tua derradeira hora, e se ouvirem as confusas vozes que

dizem: salve! eu estremecerei como se ouvisse o embate da loisa sobre um cadáver, e então, a chorar, te direi: ADEUS!

CAPÍTULO 7

De Guilherme do Amaral ao seu amigo

Florinda é uma pilha galvânica. Estou de pé, estou vivo, vibram-me todos os nervos. Eu nunca te disse que é casada esta mulher que subiu ao Céu, a vestir-se de graças, e desceu ao Inferno a abrasar-se nas lavaredas voluptuosas das heroínas celebradas, que Lúcifer, de cem em cem anos, costuma enviar à terra, a fazer colheita de almas! É casada com um sexagenário que a recama de brilhantes, e a manda aos bailes proclamar a onipotência do seu oiro, e as glórias sultânicas da sua posse dele! Os homens que esta mulher tem queimado, os corações sobre que ela assenta os pés - os pés, que fogem à indagação do microscópio - são numerosos. Aqui, no Porto, publica-se um jornal, em que escrevem quinze bardos todos cétricos; pois a história destes quinze rapazes perdidos sabe-a Florinda; foi ela quem os atirou ao bátratro, onde eles, no seu ranger de dentes, rugem umas trovas ásperas e medonhas de se lerem. Matou-lhes a um tempo e esperança de voltarem à felicidade, as reminiscências do coração extinto, e as reminiscências da gramática também!

Os amantes felizes desta formosa perjura são apenas catorze, mas a vitória equivale a uma derrota. Florinda tece capelas de flores, adorna-os, leva-os pela mão à borda de um abismo, e despenha-os com a ponta do pé, uns após outros. São já catorze que se revolvem nas fauces do dragão do ciúme, e se arrepelam reciprocamente!

Eu estou na estrada do abismo, e deixo-me ir, se algum anjo me não sai ao caminho.

Falei-lhe em Virgínia. Sorriu-se, e disse-me: “Se lhe convém estar iludido, não queira o desengano.” Recalcitrei, obrigando-a a esclarecer-me, e ela replicou: “Se eu lhe provar que a literata Virgínia prodigaliza as graças do seu estilo a todos os espíritos distintos, você não deve ter grande desvanecimento da distinção.” Duvidei, para obrigá-la à prova. Irritou-se, e disse-me que eu hoje receberia a prova, acrescentando estas irónicas palavras:

“Eu tive um vulgar perseguidor que, na intenção de me lisonjear, me fez o sacrifício de algumas cartas de Virgínia. Ora eu, sem sombra intencional de a desviar a você do fito a que mira, faço-lhe presente dos papelinhos, que me não prestam de nada.”

Hoje às onze horas recebi quatro cartas de Virgínia, sobrescritadas a um escritor público, e envolvidas numa de Florinda que diz isto: “Posto que eu, na opinião de Virgínia, sou muito positiva, assevero-lhe que o meu positivismo nunca me humilhou ao descoco de desafiar quem quer que seja a corresponder-se comigo.”

Li as cartas. A primeira inclui uns versos ossiânicos, sem assinatura, e pede ao escritor que os emende e publique no seu jornal. A segunda é de agradecimento à publicação. A terceira é uma dissertação acerca do amor, do infinito, da imensidade, do magnetismo. A quarta é outra dissertação acerca de coisa nenhuma; mas esplêndida de estilo, admirável de conceitos, e inocentíssima em toda a extensão da palavra, e das palavras que são muitas.

Como explicas tu que eu me despeite com ter Virgínia escrito estas cartas?! Não lhes encontro expressão que a culpe; e, não obstante, a auréola de prestígio que, a meu pesar, a iluminava, vai-se apagando! Isto, a meu ver, é um absurdo da minha vaidade!

Vou escrever-lhe. Quero ver como ela explica este devaneio da sua mania epistolar. Naturalmente a impertinência deve acabar com este cheque. Eu to direi.

De Virgínia a Guilherme

Pergunta-me o meu irmão se eu escrevi algumas cartas a F ***.

Respondo: escrevi quatro, e agora lhe escrevo na quinta, autorizando-o a mostrar-tas. Se ele já tas deu, sem minha autorização, lança-as ao fogo, visto que as apanhaste da lama.

Tua irmã V.

De Guilherme ao amigo

Escrevo-te profundamente magoado e aborrecido da vida. Sinistro condão é o meu! Virgínia é uma nobre alma; mas eu não sei avaliá-la como felicidade em minha vida. Admiro a jóia inqualificável; mas há de ter coração, onde engastá-la, o homem que houver de sentir-se rico e ditoso com tal posse. Não a amo, e pergunto a mim mesmo porque a não amo. Invoco todas as feições, romantizo a vida, ilumino o futuro com a luz da minha alma dos vinte anos; e, assim que um sopro desta sociedade me bafeja, tudo se apaga!

Eu queria pedir-lhe perdão da injuriosa carta, que lhe escrevi. Vingada estava ela com a dignidade da resposta.

Manda-me lançar as cartas ao fogo, visto que as apanhei da lama. Que pungente comiseração me causa esta infeliz! Porque não há de ela ter o supremo brio de me desprezar, de me pospor ao mais inepto, ao mais ridículo dos homens que a cortejam sem a compreenderem! Todos seriam mais dignos dela que eu.

Pedi-lhe que me falasse: não hesitou. Encontrámo-nos num cemitério. Vi-a saltar da carruagem, amparando-se no ombro da criada. Dei-lhe o braço, e senti-a tremer e falecer de forças. A criada seguia-nos, e Virgínia disse-lhe: “Espera-me.” E voltando-se para mim, prosseguiu:

“Esta velha, que chora por mim e por ela, foi minha ama.

Quando me vê entrar no cemitério, cuida que eu venho escolher a minha sepultura.”

Para diverti-la das ideias lúgubres do local, comecei pedindo-lhe perdão de acusá-la irrefletidamente das cartas inocentes. Sorriu-se, e respondeu: “Se eu te contasse bem a história do meu coração, lamentar-me-ias, compreendendo o motivo por que escrevi essas cartas, sem saber a quem. Escrevi a um jornalista, que tinha um jornal, e escrevia com piedade a respeito do infortúnio.

Foi uma loucura; fiz mal; não há homem nenhum que perdoe a uma mulher o respirar ela pelo espírito as agonias do coração. Consente-se que ela chore e morra em silêncio. É o mais que a sociedade lhe consente.”

Beijei-lhe a mão, que ela retirou para cortar uma fronde de cipreste, dizendo-me:

“Esta árvore foi plantada por mim, há sete anos.

Como está medrada! A podridão dos mortos é ainda aroma e viço nas árvores! Aqui tens a sepultura de meus parentes, Guilherme. Quando voltei de França pedi a minhas tias que reunissem aqui as cinzas dos meus antepassados. Falta aqui meu pai, que está no Père Lachaise.

Guarda estas folhas de cipreste, Guilherme. Alguma vez verás reverdecido em nova folhagem aquele ramo cortado. Eu é que vou, e vou para sempre...”

Encostou-se Virgínia às grades do jazigo, e eu coleí os lábios na sua lívida fronte com sacratíssimo respeito: senti neles coar-se um frio de cadáver, e todavia a mão de Virgínia queimava, e nas extremidades dos dedos batia-lhe o pulsar das artérias.

Naquele instante amei-a, e exclamei: “Eu amo-te, Virgínia, amo-te com o imenso coração, que a tua dor me aviventou!”

Alumiou-se vertiginosamente o rosto dela; apertou-me as mãos em convulsivo transporte, e levou-as aos lábios.

Depois, deixou pender a fronte para o seio, e chorou.

Dei-lhe o braço, levei-a à carruagem, e vi-a partir, amando-a, amando-a ainda, meu amigo, e seguindo-lhe a carruagem.

Senti lágrimas...! eu... lágrimas! Agradei-as a Deus, e desejei entrar num templo para ajoelhar e orar.

Vês tu que homem eu sou?

Neste momento, passava Cecília guiando os dois urcos do seu tílburí. Tinha encontrado Virgínia; via-me ali na mesma estrada. Ao perpassar por mim, desfranziu dos lábios um sorriso infernal. Odiei-a!

Adeus. Tenho nojo do mundo e de mim!

Carta de Virgínia

Recolhi ao coração as tuas poucas palavras. Creio que me deste uma esmola do teu amor. Bem hajas, Guilherme. Vai adiante de mim este raio de luz à sepultura.

Quando me disseste “amo-te!” estávamos ao pé do túmulo de RAQUEL. Reparei e tremi. Raquel morreu de paixão, e geme ainda nos quatro ciprestes que lhe cobrem a pedra. Não sei o que espero. O meu pensamento parou espavorido. Além da vida compreendo o Céu na continuação do meu amor. O meu porvir, aquém daqueles sete palmos de terra onde está minha mãe, é uma grande luz, ou uma cerrada treva. Qualquer das coisas me há de matar.

Perdoa a estas lástimas. São queixumes que só podem ir ao coração; e eu só tenho o teu que possa entender-nos. As pessoas, que me rodeiam, se me vêm chorar, perguntam-me se aumentam as dores do peito.

Tua V.

CAPÍTULO 8

Raquel!... *Este nome é a inscrição de um folheto manuscrito da letra de Virgínia. São doze folhas de papel unidas pela margem esquerda com dois alfinetes de ferro baço como só os usam, no pregamento das essas funerárias, os armadores. O papel é tarjado. Na página seguinte à do frontispício lê-se esta dedicatória:*

A GUILHERME DO AMARAL

A SUA IRMÃ

VIRGÍNIA FILOMENA

OF.

ESTA RECORDAÇÃO DO CEMITÉRIO DO PRADO

(20 de Julho de 1884)

Porque venho eu, tantas vezes, cismar em ti, ó nada, que já foste um anjo de graças, um coração de fogo, aí gelado agora em frias cinzas!

Eu, que beijei a tua face já purpureada da aurora da eternidade; eu que plantei esta roseira na terra molhada de teu sangue; eu que nunca vi alguém pender a face sobre estas grades, que parecem ainda, morta, apartar-te dos prazeres do mundo, eu, tua amiga derradeira e única, venho aqui chorar-te!

Dormes há quatro anos, Raquel! Deixaste duas filhinhas, que não sabem onde estás. Se lhes pergunto por ti, encaram-se tristemente, e não me respondem.

A mais nova tem os teus olhos, o teu sorriso, a palidez da tua face. A mais velha tem não sei que estigma satânico na fronte... Oh! pobre menina, que tu não saibas que eu te beijo constrangida! As feições de teu pai vejo-as em ti, e eu nunca mais pude ver sem ódio o homem que matou Raquel.

Não a conhecestes, Guilherme. Se a tivesses visto, na vida e na morte, eras mais piedoso com as mulheres de coração. Não podendo tu amá-las, imolarias tuas alegrias e liberdade a salvar alguma, predestinada como a minha pobre Raquel.

Quando eu vim da emigração, sem pai nem mãe, achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés.

Eram Raquel e sua mãe, que haviam recebido recado de minhas tias, ausentes no Douro, para me irem receber a bordo.

Raquel tinha trinta anos. Não podia ter sido mais formosa aos vinte. O seu sorrir era um abrirem-se as portas do coração; só com o seu olhar ameigava, consolava, e insinuava uma alegre confiança. Os seus lábios filtravam misteriosa ternura. Abraçando-me, dava-me reminiscências dos carinhos de minha mãe. Que doce e terna amiga a minha alma recolheu, ao ver-me, como hóspeda, na minha pátria!

Fui para casa destas senhoras esperar que minhas tias, retiradas desde 1832 a uma aldeia do Alto Douro, viessem buscar-me, ou me mandassem ir para elas. Esta segunda resolução era já um receio que me afligia. Como havia eu deixar a minha querida amiga! “Se te mandarem ir - dizia-me ela -, vou contigo, e, passados meses, voltarás para casa de minha mãe, que também te chora, como se fosse tua.”

Minhas tias vieram para o Porto, e eu tive a primeira, e não sei se a última hora de verdadeira exultação, em minha vida.

Revezávamos a nossa residência uma em casa da outra.

Aproximamos as relações de nossas casas, e juntas íamos a bailes e teatros, e, se não saíamos, gastávamos o breve tempo na leitura. Ensinei-lhe as línguas que eu sabia; e ela, que tinha mais engenho que eu, ensinava-me o gosto da escrita, emendando-me os erros da gramática, ou a impropriedade dos termos. Discutíamos coisas literárias, e nossas famílias riam, e motejavam os certames de duas mulheres enfronhadas em questões de homens.

Raquel, quando eu cheguei ao Porto, não amara ainda.

E tinha trinta anos, vividos na atmosfera impura de uma cidade, que subitamente se transformara em civilizada, até à licença, para ganhar o estádio em que a detinham atrasada os costumes plebeus, que a fizeram rica, briosa e forte. Trinta anos sem ter amado!

Parece que o coração se estivera fortalecendo em plenitude de vida para receber um golpe fulminante.

Revelou-me a sua primeira impressão, e mostrou-me o homem.

Que serviria nomear-to eu, Guilherme?

É esse que eu vejo ao teu lado, na cadeira do teatro, inclinando sobre a mão a fronte, onde alvejam as cãs dos quarenta anos, e não sei se as do remorso. É esse que ainda cativa os reparos nos bailes, não só dos homens, que o denominam sinistro, mas das senhoras que, em tom de indulgente veneração, o denominam fatal. É esse que tu vês no camarote de uma ilustre dama de quarenta primaveras, inclinar-lhe a face sobre o ombro, murmurar-lhe por ventura banais segredos, como se o público precisasse vê-lo assim para proclamá-lo amante da ilustre dama das quarentas primaveras e sem um inverno ainda capaz de desencantar os segredos do toucador, imaginados pelo coração feliz.

Aquela mulher, que tu ali vês, Guilherme, bamboando a cabeça empenachada de marabus, rindo a todos os lados, cortejando todos os chapéus que a cortejam, desprezando quem a não vê pelo prisma da dependência – a dependência de um salão, que se abre todas as quartas-feiras, e congrega todas as famílias que têm salas, e bazares de mulheres para todas as condições -, essa

mulher, que tu mesmo reverencias, Guilherme, se a justiça do mundo não fosse uma palavra para uns, e ferro em brasa para outros, devia ser arrastada pelos tingidos cabelos ao túmulo de Raquel, e devia ali morrer amarrada àqueles varões de ferro!

Baltasar amou Raquel. Sei de cor as cartas incendiárias, que a perderam. Não sei outra história de perdição; não sei, Guilherme.

Raquel chorou um dia, quando eu lhe pedi que me deixasse ver a última carta de Baltasar. Chorou, e negou-me a carta. Eu quis, mais pueril que suspeitosamente, tirar-lha da sua gaveta. Raquel deu volta à chave, e fugiu, chorando, e exclamando:

- Tu desprezavas-me!

Eu desprezá-la, meu Deus!

Depois, não a vi seis meses. Despedira-se de mim por alguns dias, como quem ia visitar um irmão a Valença, e por lá se deteve muito tempo.

E, decorrido um ano, a mãe de Raquel morreu. Minhas tias foram buscar a minha amiga para nossa casa.

Raquel recebeu-nos no leito, e não aceitou a nossa casa.

Voltei no dia seguinte, entrei de surpresa, e a minha amiga tinha nos braços uma criancinha de três meses.

Quis escondê-la, disse-me que era sua afilhada; e eu cobri-as de beijos, a ela e à criança, exclamando: “É tua filha! Não me mintas a mim, enquanto a desgraça te não envilecer!”

Raquel rompeu o véu em que escondera de mim o coração: diluiu-o nas lágrimas.

Depois falou assim:

- Estou perdida, minha filha; perdida, não digo para a sociedade, não; a sociedade nem me lembra, nem eu jamais a procurei. Estou perdida para o contentamento e para a esperança. Sacrifiquei-me, cuidando que a máxima desgraça que podia suceder-me era morrer eu; calculei, e contei com esta

desgraça; e nem assim pude vencer o meu destino; mas não contei com a morte de minha mãe.

Fui eu que a matei, Virgínia, porque enfraqueci na luta, e lancei-me aos braços dela, confessando a culpa, e pedindo-lhe valor. A santa chorou comigo enquanto teve lágrimas, e depois morreu-me nos braços, abençoando-me ainda.

O homem, que eu ainda adorava de entre as chamas do meu inferno... e adorava-o, filha, porque não tinha já mais ninguém que pudesse perdoar-me o crime... este homem, para se esquecer da minha desgraça sem poesia que o anojava, amou outra mulher, e com os olhos enxutos, me viu sair do Porto para ir esconder numa aldeia do Minho a desonra; impassível me viu despedir os criados, e sair com a minha mãe, cega de chorar, alienada de dor, por essas estradas fora, em busca de uma terra onde ninguém nos conhecesse.

- Não era eu a tua irmã, Raquel? - atalhei eu, dando-lhe a respirar o hálito de meus lábios, que parecia faltar-lhe à vida o ar do quarto.

- Não podia lembrar-me de ti naquela situação - tornou Raquel. - Escondera da tua amizade o meu amor, enquanto ele fora puro; não devia descobrir-te as conseqüências vergonhosas. De ti, minha amiga, é que eu mais queria esconder-me.

O pai desta criancinha, que tu estás afagando como se ela tivesse um pai que me desse orgulho e glória, soube que ela nasceu, e que eu a tinha em minha companhia; respondeu-me que o mais acertado seria enviá-la à roda.

Então compreendi que se apagara o último clarão de amor e de piedade no coração de Baltasar. Minha mãe, desde que eu irrefletidamente lhe disse tal intento, não mais se levantou, e apenas me disse:

- Já que não soubeste ser virtuosa, sabe ao menos ser mãe. Não enjeites a tua filha. Saiba embora o mundo que a tens. Separa-te do mundo, e vive para ela.

- E a tua irmã repete as palavras de tua santa mãe - acudi eu, comprimindo-a ao seio, com a filhinha entre os braços de ambas. - Foge do mundo para ela e para mim. Eu te farei companhia...

- Tu?! - interrompeu Raquel afagando-me a face - tu, Virgínia!... Que diria de ti a sociedade? Ficavas sem conceito nem estima das famílias que te respeitam. A minha desgraça é ainda um segredo; mas não tarda a ser notória, porque eu não a escondo. Quando te virem a meu lado, muita gente virá dizer-te: “Fuja dessa infame!” e ninguém te dirá: “Fuja dessa desgraçada!”; porque a palavra desgraça tem em si um direito à comiseração pública, desde que Jesus Cristo, contra a vontade dos hipócritas, perdoou às mulheres pecadoras.

- Que me importa a sociedade, Raquel? Eu te mostrarei que sou do número daquelas pessoas que estão com Jesus Cristo e contra os hipócritas. Além de que, filha, a mim parece-me que tu conheces pouquíssimo a sociedade, e és mais velha que eu dez anos. Ora dize-me: tu não tens um património bastante para a tua independência?

- Tenho: metade da casa de minha mãe pertence-me, e a outra com o vínculo de meu pai toca a meu irmão.

- Pois então que tens tu que ver com a sociedade?

- Eu já te disse, filha, que não a procuro... A minha dor é outra... sem comparação com alguma dor...

- Qual?

- É que Baltasar me recompensa o remorso de haver atirado à sepultura minha mãe, e esta separação do mundo, e tudo que padeci e hei de padecer atada ao patíbulo da desonra, sabes como ele me paga tudo, Virgínia?

Desamparando-me o coração que o ama cada vez mais - tanto mais quanto a desgraça me vai alcançando... -, deixando-me, fugindo-me, porque o importuna o espetáculo desta criança lavada das lágrimas de sua mãe! Este é que é o supremo e inconsolável martírio, minha filha!

Eu não sabia consolar esta dor, Guilherme. Saí de casa de Raquel, e fui para a minha a elaborar o desfecho de um repentino pensamento, que horas depois executei.

Escrevi a Baltasar Carneiro uma longa carta, em que as lágrimas embaciavam as frases, e estas me saíam da alma tão pungentes como Raquel as escreveria com a mais aflitiva inspiração de sua saudade e desespero.

O pai daquele anjinho - que eu via a brincar com os meus cabelos, enquanto eu estava escrevendo - respondeu-me em poucas linhas, agradecendo-me a sincera parte, que eu tomava na dor da minha amiga, e prometendo-me reparar, quanto seu coração lhe permitisse, o dano causado na felicidade de Raquel.

Louca de júbilo, fui comunicar esta resposta à minha amiga, que se debulhou em lágrimas, lendo, abraçando-me, devorando de beijos a filhinha, e relendo muitas vezes a carta.

Horas depois, teve ela o aviso de que Baltasar a procurava. Escondi-me para sair logo que ele entrou à sala, e mandei à noite saber o que tinha ocorrido.

Aqui te copio o bilhete de Raquel:

“Estou feliz, quando não vejo a lívida imagem de minha mãe. B. acariciou a Beatriz com transporte, louvando-me por não a ter exposto. Falou-me em muita felicidade futura; mas o coração era pequeno para a felicidade presente. A Deus e a ti devo este bem. Só quem sofreu como sofri pode bem sentir esta alegria.

Faltas-me tu: queria eu que também sentisses a doçura destas lágrimas, já que provaste o travor das outras. Da tua Raquel.”

Passados dias, era pública e assoalhada a desventura de Raquel.

Baltasar frequentava a toda a hora a casa dela, e mostrava-se sem resguardo em lugares concorridos.

A nova do “escândalo” chegou logo ao conhecimento de minhas tias, que lha trouxe um padre, que nos pagava os jantares contando-nos os escândalos.

Minhas tias ficaram geladas de espanto e terror; e mais espantadas quando viram a serenidade do meu rosto.

Retirei-me logo da sala para chorar ocultamente e escrever a Raquel; porém, quando eu estava dobrando o papel, entraram-me no quarto minhas tias interrogando-me:

- Tu sabias isto que todo o mundo sabe? - perguntava uma.

- Sabia, sim, minha Senhora - respondi.

- E não tens vergonha de ter relações com essa perdida?

- Não, minha Senhora. Raquel é desgraçada.

- Se fosse desgraçada - atalhou a mais grave de minhas tias -, escondia-se com a sua vergonha, em vez de fazer alardo da desonra como quem se jacta do que é.

Não tive que responder. Desta vez, a moral, representada por minha tia, pareceu-me que tinha razão...

Saíram; e eu fiquei escrevendo a Raquel. Contei-lhe o sucedido, e terminei dizendo o que a minha tia dissera; mas adocei quanto pude as frases.

A minha amiga respondeu-me assim no dia seguinte:

“Não te dizia eu que o mundo te bradaria: “Fuja dessa infame!”? O que eu não esperava, Virgínia, era ouvir de ti, como conselho, o mesmo que a sociedade me atira como injúria. Aceitas a razão do mundo; fazes bem, fazes o que não podes deixar de fazer. Eu é que não posso: nesta posição a guerra com a sociedade está declarada; as mulheres da minha condição lutam até caírem; e as mais vitoriosas são as que primeiro caem.

Censuras delicadamente que eu me mostre ao lado do homem que amo! Pois se eu, sem ele, estava disposta a afrontar o mundo com a minha filha nos braços, mais ufanamente o afronto protegida pelo amor do homem por quem me perdi. O mundo finge persuadir-me que as pessoas a quem ele retira a sua benevolência morrem asfixiadas ou pelo menos devem dar a entender que morrem em holocausto à opinião pública. Pensa isto a sociedade, e mais está vendo, todos os dias, a despenharem-se no extremo abismo as mulheres que ela empurra pelo despenhadeiro da injúria, e da sua feroz justiça. A sociedade e tua tia que te digam quantas impuras têm purificado com o seu desprezo. Este desprezo, no máximo número das vezes, imerecido, é que explica os “escândalos” da espécie deste que eu dou. A sociedade corta-nos todas as avenidas dos prazeres lícitos, cerca-nos de motejos, de escárnios, de calúnias, e da lama em que muitas vezes se nutre a sua hipócrita virtude; e, se uma mulher, como eu, se mostra, sem acotovelar a sociedade, sem lhe pedir um talher à sua mesa, sem mesmo querer mostrar-se alegre ou lagrimosa, aí lhe saltam os esbirros da moral pública, arrastando-a ao tribunal para se ver sentenciar de infame, visto que não teve a sensatez, de se deixar morrer abafada entre quatro

paredes escuras, e ousou vir aos passeios; e à luz do sol, observar o fausto, e acatamento das ilustres devasas resguardadas da injúria pelo escudo dos maridos.

Virgínia, perdoa-me falar-te assim. Deves estranhar esta linguagem. Disseste-me, há dias, que eu sabia pouquíssimo do mundo. Então sorri interiormente da tua inocência, e hoje desforro-me, dando-te, a meu pesar, uma prova da minha desgraçada experiência.

Não me lamente, a não ser porque perco a tua companhia. A amizade sei eu que não. Se Deus quiser que eu me reabilite, correrei aos teus braços; se não, amar-te-ei sempre, e tu, às escondidas do mundo, me darás algumas vezes uma lágrima pelas muitas que a saudade me fizer chorar. Adeus - tua Raquel.”

Neste mesmo dia, mandaram-me minhas tias preparar os meus baús para, no dia seguinte, partirmos para a quinta do Alto Douro. As ordens foram tão imperiosas à minha dependência, que eu não repliquei. Escrevi durante a noite uma longa carta a Raquel, com tantas lágrimas quantas tinha vertido escrevendo a Baltasar. Estive na província um ano: escrevi repetidas vezes a Raquel, e nunca recebi resposta. Mandava a Provesende procurar as cartas, e sempre me respondiam negativamente, até que um dia, por descuido do empregado que mas subtraía, recebi uma, em que Raquel se queixava do meu silêncio de sete meses. Fiquei entendendo que também as minhas cartas eram retidas no correio por sugestões de outro padre de Chancelheiros, que jantava e ceava com minhas tias, e as confessava mensalmente.

Fiz-me desentendida, no propósito de esquadrihar o esconderijo da correspondência. Num domingo de confissão, simulei doença, e fiquei em casa. Remexi todos os lugares suspeitos no quarto de minhas tias, e encontrei um macete de cartas num falso da gaveta de uma cômoda. Tirei algumas, e recolhi-me à cama, para não sugerir suspeitas.

Raquel recebera as duas primeiras, e mais nenhuma.

Assim mesmo escrevera-me de quinze em quinze dias.

A penúltima carta dizia assim:

“Já te escrevo como quem está conversando com Deus. Não sei se recebes estas lágrimas, e se, recebendo-as, te condóis de mim. Seja o que for. Desabafo. A minha triste história, se não tem ido às tuas mãos, alguém a terá lido. Se a pessoa, que a ler, me tiver lamentado, alguma coisa aproveitei de tê-la escrito. Cheguei à extrema amargura de me contentar com uma lágrima.

Agora acamei, e daqui é para a sepultura. O derradeiro golpe foi antes de ontem. O xaile que Baltasar...”

Suspendo aqui o traslado para te contar, Guilherme, os precedentes daquele xaile, que bem pudera eu chamar-lhe a mortalha de Raquel.

Primeiro te direi que, só passados quinze dias, pude dar novo assalto à gaveta misteriosa de minhas tias, e subtrair todas as cartas, onde estava a que devia elucidar-me na compreensão da penúltima.

Baltasar, ao quarto mês de quase convivência com Raquel, ganhou medo à opinião pública, e principiou a dissertar como um moralista acerca dos deveres que a sociedade impõe, e da necessidade que há de os não infringir, sob pena de cair o infrator no desprezo de si próprio.

Estas apologias cruéis do venerando instituto social esmagavam o coração de Raquel, que então reconheceu o látigo do castigo na mão do homem que a despenhara.

A infeliz defendia-se com lágrimas; as lágrimas, porém, no rosto desflorado da mulher desamada, são argumentos contraproducentes que repelem a razão, a alma e a piedade, tudo para que as lágrimas apelaem do juízo do amante inflexível ou melhor direi do carrasco. Carrasco deve ser o coração fatigado do homem, para quem a vítima levanta as mãos suplicantes!

Enquanto assim defendia os preceitos sociais, o mesmo defensor empenhava o coração, na fácil vitória e conquista dessa mulher das quarenta primaveras, que tu, a esta hora, cortejas nos seus salões, e examinas de perto como um espécime do progresso das tinturarias.

Esta mulher, que passeava impunemente os seus escândalos e marabus por passeios e salas e teatros, foi excetuada das homilias moralizadoras de Baltazar, visto que a sociedade não ousava incluí-la na sua lista de proscrição. Ao

contrário, vira ele que nos salões dela é que os atletas ungiam os braços para arcarem com os preconceitos sociais, e de lá saírem invulneráveis à difamação.

Foi ele também iniciar-se, e começou o noviciado sob a direção da summa sacerdotisa.

Raquel adivinhou antes que o mundo lho denunciasse.

Não se queixou. Dava aos braços do pai as suas duas filhinhas, cuidando que os anjos suplicariam silenciosamente por ela.

Espaçaram-se as visitas de Baltasar, e Raquel ajeitava aos lábios o mais amável dos seus sorrisos, quando ele se anunciava. Contava-lhe as graciosas travessuras de Beatriz; mostrava-lhe Inês dormindo e sorrindo no berço; pedia-lhe que as beijasse; encostava-lhe a face febril ao seio, e dizia-lhe: “Não esqueças a mãe de tuas filhinhas, não?”

Raquel bordava a matiz com prodigiosa perfeição.

A dama das quarenta primaveras sabia-o por tê-la visto no teatro com um invejável xaile de cetim bordado.

Esta mulher sabia que Baltasar Carneiro, contra as promessas feitas, não rompera inteiramente a aliança com a mãe de suas filhas. Premeditara ela uma ação infamíssima, e executou-a.

Perguntou a Baltasar se D. Raquel, nas suas horas vagas, quereria, a pedido dele, bordar um xaile para ser presenteadada uma senhora de Lisboa.

Baltasar adjudicou a sua palavra à satisfação deste desejo, e com astuciosa vilania pediu a Raquel que bordasse um xaile para ele brindar sua irmã.

A minha pobre amiga, cheia de contentamento, sentou-se ao bastidor, e trabalhou mês e meio incessantemente.

No decurso deste tempo, Baltasar foi mais assíduo: sentava-se em frente do bastidor, contemplava o esmero do labor, e exclamava:

- Que prazer vai sentir minha irmã! Verás que amáveis expressões ela te dirige!

E Raquel respondia-lhe:

- Porque a não convidaste a ser madrinha de uma de nossas filhas! Eu quero-lhe tanto, sem a conhecer!

Concluído o trabalho, Baltasar deu um estremecido beijo em Raquel, e levou o xaile.

Na noite do dia seguinte, a minha amiga, incitada pelo ciúme, mandou tomar um camarote de terceira ordem em S. João, onde se representava a Norma. Tencionava ela espiar os movimentos de Baltasar, e convencer-se do suspeito namoro com a impávida amazona, que afogava a moral do Porto entre as mãos hercúleas. Foi.

No intervalo do primeiro ao segundo ato abriu-se um camarote. Era o da infame. A ramalhuda senhora lançou dos ombros, nas mãos de Baltasar Carneiro, uma capa de merino verde, e sentou-se ao fundo do camarote apresilhando uma luva, e oferecendo o pulso a Baltasar para abotoar-lhe, a outra. Depois, ergueu-se, e sentou-se no lugar superior.

Súbito, estruge um grito agudíssimo, que alvoroça os espectadores. Erguem-se os da plateia e camarotes, convergindo os olhares para o camarote vazio da terceira ordem, sobre cujo parapeito se inclinavam os ocupantes dos camarotes laterais.

A autoridade, com algumas pessoas curiosas, subiram ao camarote, e encontraram uma senhora desfalecida nos braços de duas damas dos camarotes vizinhos. Reconheceram-na, conduziram-na ao quarto do toucador, ministraram-lhe socorros da medicina, e transportaram-na, já reanimada e silenciosa, a uma sege.

Baltasar saíra do camarote e do teatro.

Raquel apeou em sua casa, agradeceu aos cavalheiros, que marcharam a pé ao lado da sege, e subiu cambaleando até ir ajoelhar ao pé da filha mais velha. Beijou-a, lavou-a de lágrimas, despertou-a com os gemidos, e apertou-a com sinistro frenesim ao peito. Depois, foi beijar Inês nos braços da ama, e voltou ao seu quarto.

Às onze horas, tirou de uma gaveta um punhal de Baltasar; acomodou-o no seio, e saiu envolta num longo xaile preto.

À distância da porta lateral do teatro, onde chegam as carruagens, parou. Quando os trens se moveram para ali, aproximou-se. Viu acercar-se uma sege com libré: perguntou de quem era. Responderam-lhe o nome da ilustre dama.

Daí a instantes, abriu-se em duas alas o caminho por onde passava a dona do trem anunciada pelo frêmito das sedas. Ergueram-se todos os chapéus, inclinaram-se todas as cabeças. Era a mocidade dos seus salões, a mocidade, que momentos antes lamentava Raquel, anjo de perdição sacrificado aos trinta e seis anos daquela alma podre num invólucro de tintas e cosméticos.

Quando ela erguia o pé sobre o coxim de veludo escarlata, Raquel arrancou-lhe das espáduas a capa, e logo o xaile, que rasgou de alto a baixo com o punhal, e entalou debaixo de um pé, acabando de o despedaçar com as mãos, exclamando: “Tua costureira é que não, miserável!”

A agredida expediu um grito, e deixou-se apertar pelos braços do boleiro, e consentiu que a levassem ao centro dos elegantes que a rodearam.

Ninguém lhe lançou a mão! Ainda mesmo para os ignorantes - e todos o seriam - daquele conflito, a angústia heróica de Raquel era respeitável. A passo firme seguiu o caminho de sua casa, beijou de novo as filhas, deitou-se, e murmurou:

- Agora morrerei!

- E morreu, Guilherme! Morreu cinco meses depois!

Quando acabei de ler as cartas de Raquel, e a última, em que ela me enviava a certeza de ser minha e de suas filhas a última aspiração do seu alento, fui, banhada em lágrimas, ajoelhar-me aos pés de minhas tias, e exclamei, com as cartas ainda abertas na mão:

- Deixem-me ir assistir à morte de Raquel, senão matem-me!

Encararam-se as duas senhoras, e nenhuma me respondeu. Supliquei de novo, beijando-lhes as mãos. Choraram ambas, e disseram:

- Vamos!

Partimos na antemanhã do seguinte dia.

Antes de entrar em minha casa, apeei na de Raquel.

Encontrei-a sentada no leito, com ambas as filhas, uma de cada lado. Beatriz desanelava-lhe uma espiral do cabelo; Inês brincava-lhe com o folho rendado do chambre de dormir.

A comoção, ao ver-me, foi tamanha, o rir e o chorar simultâneo. Os ímpetos esforçados com que me abraçava, as falas soluçantes e inarticuladas resultaram-lhe um violento acesso de tosse e golfadas de sangue.

Pedi-lhe a continuação da sua desgraça, depois da última carta.

- Mais nada - disse ela. - Agora é isto... é morrer.

- E Baltasar?

- Foi para Lisboa há três meses. Eu não to tinha dito?

- Não. E agora, com a minha presença, com os meus carinhos, recobrarás forças, minha filha?

- Se eu pudesse... queria viver.

Não pôde, e conheci que lutou deveras com a morte..

Ali estive dois meses, noite e dia. Dois meses a vê-la morrer minuto por minuto. Os últimos três dias foram sossegados, se é que não estava já morta, porque, se lhe mostrava as criancinhas, contemplava-as, sem lágrimas.

Creio que já as não via, nem tinha memória delas.

Guilherme, se um dia visitares a minha sepultura, vai depois à sepultura de Raquel, e diz em tua consciência:

“Esta foi mais desgraçada que a outra!”

CAPÍTULO 9

Guilherme do Amaral ao seu amigo

Zomba de mim, se a lastimável humanidade te não merece indulgência. Pejo-me de ter-te escrito cartas, cujas reminiscências me pungem, porque, para meu

castigo, as copiei no meu livro de “Memórias”. Foi providencial o suplício que me preparei para esta hora.

Como pude eu gracejar, brincando com a dor de Virgínia! Que cegueira moral a minha que ainda agora lhe vi a alma de mártir, o coração do anjo, a resignação de santa!

Perguntas-me agora se a amo? Não. Deus veda-me que eu ame. Cuido que entre mim e ela está o impossível: é o seu anjo-da-guarda que a defende de mim!

Agora, não há mulher alguma que Virgínia não deslumbre; e, contudo, não a amo! Nenhuma que a seu lado me possa alumiar a consciência com mais viva luz do Céu; e não a amo! Antevejo a bem-aventurança na vida íntima com Virgínia; e não a amo. Que atroz antítese me entrou na cabeça e coração como raio de fogo infernal!

Já a procuro, e não a vejo. Virgínia está doente. Há dias, quando um médico me avisava do seu estado, e me pedia que a salvasse, recebi-o ironicamente; hoje, estremeço a cada badalada fúnebre que vai gemendo nos ares.

A uma noite de vigília, sucedeu a determinação que decide da minha existência. Vou casar com Virgínia; e não a amo!

Eu tenho crimes, meu amigo, tenho-os de me gritarem na consciência. E por isso tremo ao entrar nesta escura vereda, que não sei onde me leva. As voragens, tocadas pelo dedo da Providência, fendem-se subitamente debaixo dos pés do homem, que marcha oscilando entre as dúvidas da razão. Que vou eu fazer? Que será dela e de mim, se as minhas visões me enganam? O que me há de desculpar depois, se nem ao menos vou enganado pelo coração? E não será maior honra, maior virtude deixá-la morrer, ou esperar que ela ressurja do seu abatimento, esquecendo-me?

Miserável razão a minha que me não responde! Pois que vil e desprezível é o homem entregue a si mesmo? Serão assim todos os desamparados da mão de Deus? Assim os atira a Justiça Eterna desenfreados contra todas as arestas dos precipícios, onde esmagam cabeça e peito, depois que prostituíram o coração, e infernaram a consciência?

Avante!... Este meu passo é uma virtude; Deus vê a minha intenção; Deus me dará uma nova alma! Creio nas preces daquele anjo. A desgraça, quando nos ferir, há de matar-nos juntos.

Escreve-me, A. Dá-me fiel conta das tuas sensações com esta carta. Invoca a experiência dolorosa, que te dá hoje dias de paz. Fala-me, aconselha-me!

Carta de A a G. Do Amaral

Quando esta carta chegar às tuas mãos, Guilherme, estás casado com Virgínia, ou nunca serás marido de Virgínia. É isto o que me diz a minha dolorosa experiência dos homens, dos teus anos, de tua índole, e de tua extemporânea perversão moral.

Nunca te aconselhei: seria tempo perdido. Os teus oráculos são o instante da sensação. A lógica de tua vida tem sido o capricho. Para ti não há concatenação de fatos que induzam a consequências de Inferno e de Céu.

À força de te desfigurares, perdeste a individualidade, derrancaste o paladar da consciência, não tens já senão vislumbres instintivos do bem e do mal.

Se estás casado, dir-te-ei que deste um mau passo.

O casamento por comiseração pode ser bem sucedido, quando a piedade é sólida, e essencial no espírito, que se devota ao bem-estar de uma mulher, abnegando de si próprio, com sacrifício de uma liberdade até certo ponto incompatível com a retidão da consciência. O casamento por comiseração em ti, que te inflama subitamente em incêndios de paixão - talvez pela novidade mesma desse sentimento -, dir-te-ei que é mau, mau como tudo, que busca seu remédio nas vergonhas públicas, para esquivar-se aos suplícios íntimos.

Se não estás casado, Guilherme, deixa antes morrer essa ditosa senhora que vai direita ao aniquilamento, se o destino da humanidade se resolve ali; e, se não, se há Céu, onde há de recebê-la o Criador, o pai, que a dotou com tão admirável espírito, com tantas virtudes, assombro de ti próprio? E, depois, quem te diz a ti que Virgínia recebe a morte de tuas mãos? A tua pouca, mas sobeja, experiência não te ensina que as raras mulheres, dobradas pela paixão até à terra da sepultura, são aquelas que não puderam restaurar a probidade, imolada ao homem que as abandona?

A mulher, que só deu o coração, retira-o antes de morrer, e não morre. A que não salvou de si coisa nenhuma, a que inteira se renunciou, essa, se a desvergonha a não salva, é a que morre asfixiada pelas garras do arrependimento muitas vezes, e pelas do amor, algumas.

Vê lá! Tem mão da tua vaidade, que te não vá ela lograr, como a cada passo cá descubro neste hospital de doidos, e hospital de cancros e pústulas sociais.

E se, no futuro, vieres a suspeitar que a vaidade te embaiu, amargo farás pagar o desengano a tua mulher, e cuidarás que ela te escarnece, quando a sorrir te responder ao interrogatório de um passado quase desvanecido na memória do coração de ambos.

Não sei se o que aí fica escrito são conselhos. Preceitos do meu uso te juro eu que são.

Se estás casado, rasga esta carta, e convence-me de que sou um parvo, contando-me as tuas venturas. Não estás, não! Irei jurá-lo com hipoteca das minhas orelhas, sendo necessário.

Teu afeiçoado A.

Guilherme a A.

Ao receber a tua carta, vinha de procurar o médico assistente de Virgínia. Soube que as tias haviam partido com ela para o Douro, como a vissem ontem lançar sangue. Manifestei ao doutor a minha intenção; e ele contrariou-me como tardia e inútil. Instei com perguntas para saber até que ponto me pesava a responsabilidade da morte de Virgínia, e o Esculápio, avincando a frente, respondeu-me: “Toda a responsabilidade!”

Esta opinião desencontra-se com a tua, e eu queria deixar-me vencer por ti, e ter lido a tua carta para refutar o médico.

Esta saída de Virgínia, sem um adeus, sendo ela tão fácil e prolixa em escrever, encerra enigma, que a tua carta, apesar do doutor, me decifra. Retirou ela o coração?

O fato operar-se-ia com a presteza, que tão frequentemente se dá com a nossa organização de homens, aliás muitíssimo mais fortes e tenazes em nossas ligações.

O lastimá-la eu, portanto, não será intempestivo com referência ao passado, e imerecido no tocante ao presente?

Se amou, vai tardio o agradecimento; se não ama, que lhe importa a compaixão?

Isto parece-me racional: e a ti?

Resposta

Parece-me racional tudo quanto há. Até tu me pareces racional, Guilherme!

Eu, que vejo o porvir através da lente da experiência, não antevi a linguagem lisa, ligeira, e desempoada desta carta que recebo. Esperava uma elegia, eu, pedaço de tolo! uma elegia de ti, Guilherme! eminentíssimo libertino!

Fazes umas perguntas, e respondes às tuas perguntas com um tal aprumo de Balzac, amigo Guilherme, que me dispensas de responder-te.

Pode ser verdade o que presumes, pode ser verdade o invés do que presumes; o que não falha a toda a evidência é que Virgínia foi muito feliz em fugir à febre matrimonial, que te atacou, e da qual te julgo curado, bendito seja Deus.

Fico esperando um novo capítulo do teu romance.

Virgínia a Guilherme

Com que direito havia eu de importunar-te, avisando-te da minha saída do Porto? Falta-me ânimo e vigor para escrever, Guilherme. Cansei-me a compor as recordações de Raquel; cansei e afligi-me. Que poderia eu dizer-te senão tristezas, meu amigo? Deus sabe se as tuas te sobejam!... Há tempos me escreveste “que um dos grandes infortúnios da tua vida era a simpatia que os desgraçados tinham contigo”. Pensas diversamente de mim: felizes é que eu afastaria das minhas lágrimas. Sei pouco da estrutura moral do homem; por isso me engano pensando que as almas sinceramente magoadas não repelem o infortúnio alheio que as busca.

Estou nesta aldeia, onde não há árvores nem flores.

A terra é da cor dos cadáveres; e as vinhas, sem folha, sem renovos, parecem-me ossos insepultos. Tudo vai tomando a cor e a forma das minhas fantasias.

Reconheço neste terreno que está perto o chão da sepultura.

E eu a mortificar-te, meu amigo! As tuas cartas são sempre bem-vindas: posso já lê-las sem lágrimas. Estão contadas as minhas horas, e nem já agradeço ao Senhor as que vão correndo. Perguntas-me quando volto ao Porto. Não sei: minhas tias não podem ver-se aqui. Viva ou morta, lá irei. Rogo que me ajuntem às cinzas da minha mãe, e decerto mo fazem. Pedi-te que fosses uma vez ver a árvore que plantei: queria lá estar, quando tu ali parasses. Depois, tenho a minha Raquel tão perto!... Se os mortos se erguessem, como a poesia santa do terror os tem imaginado, que fúnebres diálogos eu não teria com a minha pobre amiga!...

Tê-los-emos num outro mundo?

A minha fé não seria tão fervorosa, se não fosse uma quimera.

Eu vou encontrar Raquel, vou, meu querido irmão.

Adeus. Lembra-te, enquanto não te for penosa a lembrança da tua V.

CAPÍTULO 10

As poesias de Virgínia

Neste ponto das “Memórias” encontro um voluminho em capa de chagrin escuro, com duas iniciais, abertas num círculo de grinalda: V. F. São poesias. Traduzirei algumas, que vem a ponto no sentido deste livro. Outras, de mais vago devaneio, poderiam prejudicar a fugacidade e clareza que este gênero de escritura requer.

Sans nommer le nom

Qu'il faut bénir et taire.

S.

No coração, como eu sinto
fogo e inferno abrasador,
que me devora, e me alenta,
que me dá prazer e dor!
Que me tortura, e suaviza,
que me mata... Es tu, amor?
Ai! és! Amo, e com delírio,
com insólita paixão,
com desejo audaz, violento,
que me faz ver num vulcão
o refrigério do lume,
que me escalda o coração.
E não sou amada! E vergo
este orgulho natural!
Rojo humilde a alma escrava
neste ascoso tremedal:
reconheço-me aviltada
por este homem fatal.
Não importa! Hei de afagá-lo,
em mistério, o meu amor;
quero sozinha senti-lo,
como egoísta em minha dor;
hei de a pranto alimentá-lo,
como o orvalho nutre a flor.
Que soberba louca eu tenho
deste amor, que é todo meu!
Que nem ele mesmo sonhe
que alma virgem se lhe deu!
Este amor é Inferno? Seja;
pelo Céu não no dou eu!

Julho de 1843.

II

Anelos

Eu quisera em delírio sorver
de teus lábios o alento abrasado;
e unir-te ao meu peito agitado,
e sentir do teu peito o bater;
e dizer-te: “sou tua!” num beijo,
e afastar-te da fronte os cabelos,
e fitar os teus olhos tão belos,
e fartar de minha alma o desejo;
minha face em teu ombro encostar,
e sentir-lhe o suave calor,
e falar-te baixinho de amor,
e sentir-me de amor escaldar.
E quisera horas magas viver
do viver da suprema ventura;
uma hora de amor e loucura,
e depois... que importava o morrer?

Julho de 1843.

III

Inveja

Inverno à brisa do estio
a suave amenidade;
invejo as iras e a força
ao fremir da tempestade.
Invejo ao sol refulgente
o radiante calor;
invejo ao facho das noites
a vaga luz e o palor.
Ao revolto oceano invejo
o fragoroso rugir;
invejo às feras da Hircânia
o assanhado bramir.
Das estrelinhas invejo

o cismador cintilar;
invejo a nuvem que pode
as estrelas ofuscar.
E os aromas deleitosos,
e o matizado das cores,
e o viço, e a graça, e encantos
invejo às plantas e flores.
Ao cantor do bosque invejo
o amoroso trinar;
e das florestas copadas
o doce rumorejar.
De quem nunca amou invejo
a tristonha liberdade;
invejo aqueles que abafam
as ânsias da mocidade.
Invejo... invejo!... os que vivem
da esperança deleitosa;
invejo quem só recorda
a lembrança venturosa.
Ao sábio invejo o talento,
às graças a formosura,
ao valente invejo a força,
e ao justo a crença pura.
Invejo ao louco a demência
que não o deixa sofrer;
ao que não pensa nem sente
invejo o escuro viver.
Ai! invejo, invejo tudo
quanto é vida e agitação,
desde o ciclo da aura
até ao bramir do tufão;
desde as lágrimas suaves
de entusiasta alegria
até ao grito que rasga
corações em agonia.
Invejo tudo que vive,

em terra, em mar, em céu;
só não invejo quem tenha
coração igual ao meu.

Setembro de 1843.

IV

Que sentes?

Que sentes por mim? Amor extremoso?
Ou sentes o tédio teu peito gelar?
Pois, quando meus olhos teus olhos encontram,
não sentes, ó poeta, que é vida o amar?
Se um brando sorriso de imensa ternura
meus lábios agita, que sentes então?
Não sentes de orgulho, de gozo, e ventura
no peito de bronze arquejante expansão?
Se vai revelar-te furtivo suspiro
esta ânsia de amar-te, que eu não sei conter,
não sentes, oh! dize, não sentes, qual sinto
delírios que os lábios não sabem dizer?
Se, às vezes, ao peso de mágoas ocultas,
eu pendo a cabeça febril, a cismar,
quiseras que eu fosse, buscando refúgio,
a fronte poisar-te no ombro, e chorar?
Se, olhando das nuvens as formas aéreas,
contemplo, absorta, o azul destes céus,
não sentes, qual sinto, o desejo de alar-te
nas asas de um anjo, contigo, até Deus?
Que sentes ao ver-me, que sentes? oh! dize...
Ou salva-me, ou mata-me!... É força falar!
Que importa morrer? o Céu tem amores;
Se tu não és anjo, o Céu mo quer dar.

Outubro de 1843.

V

Só Deus!

Cristo, dá-me o perdão, dá-me o remédio,
Que entre tão vário mal fraqueia a vida.

Eugênio Toledano.

Nutri de mágoas, largo espaço, a vida;
mil reveses sofri, chorei saudades;
e o fel que aos lábios me atirara o mundo
aos olhos ressumou em pranto inútil.

Penei sozinha, amei quimeras loucas!

Quem me havia de ver sem rir, meus prantos?

Profundo, acerbo amor, paixões só minhas,
só a Deus as contei, que o mundo ria-se!

Ninguém, ninguém! nem ele as entendera!

A nuvem do vil pó das paixões baixas

erguida no tropel dos vícios torpes

cegou-lhe o coração, os olhos da alma!

E eu não pude este amor dizer-lhe em vozes,

em vagos ecos do que dentro em hinos

falava o meu enlevo às mudas flores.

E eu maldisse a vida! Instintos meigos,

crença, afeto, esperança, tudo, tudo,

maldisse, e reneguei; mas a TI, nunca!

Perdão, Senhor!...

Mulher frágil, perdida,

neste amor infernal, a Vós me acolho!

Ajudai-me a vencer minha má sina,

que não pude afastar. Não pude! E agora

salvai-me deste fogo, destes sonhos

que a mente me alucinam! Sabeis tudo,

tudo vai nas trevas da minh'alma.

Matai-me o sentimento, embora morra

com ele o coração. Salvai-me a crença,

a crença em Vós, Senhor!... que eu possa, ao menos,

pensar noutra existência além da campa.

Dezembro de 1843.

VI

Morto!

Busquei-te na imensidade,
nas profundezas dos céus,
na terra, no mar, no espaço,
no seio eterno de Deus.
Belezas que eu vi na terra!
belezas que não amei;
no céu vi mil maravilhas,
mas prazer nenhum gozei.
Ermo, escuro, vão, vi tudo,
tudo sem luz nem matiz!
Busquei-te!... como encontrar-te,
se estavas morto, infeliz!

Janeiro de 1844.

CAPÍTULO 11

Guilherme do Amaral ao seu amigo

Espantosa revolução na minha alma!

Quantas vezes te disse eu que procurava um indivíduo nunca encontrado na espécie humana - a mulher cega aos clarões da falsa iluminação do século, a mulher sem mácula, sem orgulho de sua pureza, sem desvanecimento de sua valia, por ignorar o que é e vale! Achei-a! Achei-a, chorando sobre o cadáver de sua pobre mãe!

Era na festejada noite de S. Pedro. Saí do hotel, com o peito ansiado por um ralar de invencível desesperação.

Recebera de manhã uma carta de Virgínia, um novo apelo, sem aviltamento, à minha piedade. Piedade vã, tortura inútil! Que hei de eu fazer-lhe? Que posso eu fazer-lhe?

Quando, à noite, saí, deixei-me ir na torrente da população, que escarnecia a minha dor com a sua estrepitosa alegria.

Cheguei ao areal de Miragaia, onde o vistoso arraial trasbordava de gente feliz.

Os meus amigos, que eu julgava estranhos aos júbilos da plebe, folgavam como ela. Damas de terciopelo saltavam das carruagens, e subiam às janelas, que orlam a esplanada, e de lá vertiam correntes magnéticas sobre os grupos desta mocidade modesta do Porto, que com qualquer coisa se entretém e regala.

Não pude ali ver-me. Lá estava Florinda, entre dois galãs, contando a um, presuntivo sucessor do outro, a história da minha inépcia. Assim devia ser; porque Florinda, ao ver-me, rira-se. Lá estavam Cecília Pedrosa e Margarida Carvalhosa, umas mulheres a quem eu, na semana passada, prometi amá-las eternamente. Viram-me todas, ofereceram-me todas duas horas de recreio, e eu não pude senão odiá-las, porque era desgraçado, e elas pareceram-me felizes.

Retirei-me para o mais cerrado do arvoredado, e olhei sobre a corrente do Douro, onde se espelhavam os mil luzeiros do céu e os do arraial, que empalideciam as estrelas.

E meditei em Virgínia com opressora saudade, que não era amor. Dizia-me o coração que eu nunca mais a veria, e desejava vê-la. Afigurava-se-me morta, e eu queria, salvá-la.

Não pude com o peso da minha amargura. Achei-me estúpido com tanto e por tanto sofrer!

Ergui-me, cortei a praia, e entrei nas velhas e tortuosas ruas daquele bairro, para não encontrar pessoa conhecida. Na mais suja e deserta das vielas, ouvi gemidos; coloquei o ouvido à porta de onde eles saíam; bati; abriu-se a porta, e vi uma mulher, recém-morta, e a filha desta mulher, chorando-a.....

Vai a carta contando circunstanciadamente o que já foi relatado no Capítulo 5 do romance “Onde Está a Felicidade?” e termina assim:

“A minha intenção há três dias era sair de Portugal.

Não queria estar aqui, ao saber-se cá a morte de Virgínia.

O fato da sua enfermidade é notório. O médico divulgou-o e aponta-me como assassino dela. A minha consciência, até certo ponto, gritará com o bramir desta gente, que me odeia, a gente de casaca, que assim se vinga da natureza que a dotou com as mais negativas qualidades para matarem alguém de amor de Suas Senhorias. Era minha tenção fugir à notícia, ou à vinda de Virgínia moribunda. Agora, desde que segunda vez visitei a costureira da Rua Arménia, não posso sair.

O meu sonho!... se tu soubesses o meu sonho!...

Vejo além nas cercanias do castelo de Gaia, uma casinha tão linda, tão fresca, um ninho encantador de aves felizes! Que verde tão saudável o daqueles arvoredos!

Como o céu se abre em catadupas de poesia sobre aquele pedaço de antiga terra do paraíso! do Passeio das Virtudes vou, todas as tardes, contemplar a casinha do Candal; e só depois que ma esconde o mar com as suas gazes cinzentas da neblina, então me retiro com os olhos marejados de lágrimas! Ó meu amigo, que infância está renascendo em meu coração! O que eu devo à costureira de suspensórios da Rua Arménia! Vês tu como o anjo dos meus devaneios me não mentia? Era ela a mais formosa mulher que meus olhos ainda viram; a mais ilesa alma que voa sobre este lamaçal do mundo; era Augusta a minha redentora!”

Resposta do amigo

Com efeito!.....

.....Ora essa!.....

.....Com que então, uma costureira de suspensórios!.... redentora.....

Custa-me a engolir; mas vá!.....

Em minha boa e leal verdade, te digo que um de nós é piramidalmente tolo!.....

Saúde, dinheiro, e um todo-nada de juízo, amigo Guilherme.

Teu A.

CAPÍTULO 12

Do Editor

Guilherme alugou a casa do Candal. Augusta vivia com Guilherme. A poesia da situação não pode segunda vez impressionar as pessoas que a leram em outro livro.

A fim de evitar lembranças de lances sabidos, volvo muitas páginas das “Memórias”, páginas escritas nos dois primeiros meses do Candal. A sua muita poesia não as salva de virem extemporaneamente. São um continuado cântico de ação de graças. Guilherme é tão feliz, que não escreve nunca o nome de Virgínia. Quem lê este manuscrito, e folheia páginas sem uma carta nem vestígio daquela mártir, sente saudades dela e odeia o contentamento de Guilherme do Amaral. O caráter de Augusta, aliás sublime, apesar de sua inocência e ignorância dos suplícios de Virgínia, como que desmerece em nossa estima. A simpatia foge toda para as lágrimas. Augusta, mais tarde, nos dará também pesares de seu infortúnio.

Ao pé daquele homem nenhuma felicidade é duradoira, nenhum sorriso se abre sem que dos lábios dele se não filtre ao coração enganado a invisível peçonha, no favo das doçuras, que o seu mau demónio lhe fabrica.

Virgínia demorava ainda na quinta do Douro, quando uma prima lhe noticiou os amores de Guilherme do Amaral e uma costureira. O leitor encontrará, no Diário, o curto período que a mulher admirável escreveu, levemente comovida por tal nova. Presumo que não existiu mais alguma carta de Virgínia, depois daquele aviso.

No mês de Novembro daquele ano de 1845, foi Guilherme do Amaral ao Porto, e avistou no Passeio das Fontainhas uma senhora, caminhando vagarosamente,

encostada ao braço de outra. Era Virgínia Filomena e sua prima. Quis retroceder; ela, porém, acenou-lhe, e Amaral aproximou-se.

- Parece que hesitou, meu irmão? - disse ela com amargo sorriso.

Amaral balbuciou alguns monossílabos. Embargava-lhe a palavra o espanto! Virgínia era um espetáculo de arrancar lágrimas a indiferentes que a tivessem visto um ano antes, brilhante de vida.

- Pois nem sequer poderemos ser amigos até ao fim?! - prosseguiu ela com fictícia serenidade.

- Quando deixei eu de ser amigo de Vossa Excelência? - respondeu Guilherme.

- Mas queria retroceder... cuida que eu não vi, Sr. Guilherme do Amaral!?... Chegou-lhe talvez o cheiro repelente de um cadáver!... Ora, diga-me: é feliz? Diga-me que sim para eu levar do mundo esta consoladora impressão... Eu sinceramente desejo e peço ao Senhor a sua felicidade... É feliz, meu irmão?

- Quem é feliz neste mundo? - replicou Amaral.

- Sou eu - disse Virgínia.

- Vossa Excelência?

- Sim: sou eu que o posso ver serenamente, como se entre nós estivesse aquela pedra que cobre minha mãe... Não se esqueça do que eu lhe pedi, não? Vá uma vez ver o cipreste que eu plantei, e peça ao guarda do cemitério que regue a roseirinha, que eu tratava na sepultura de Raquel, sim?

- Que tristes ideias, Sr^a D. Virgínia!... – atalhou Guilherme. - Vossa Excelência há de viver...

- Em Deus. Dê-me a sua mão, despeça-se de mim, já que um providencial acaso o trouxe por este caminho...

Guilherme estendeu a mão tremente à de Virgínia que escaldava.

Murmurou ela palavras ininteligíveis, e perdeu súbito o incendido rubor.

- Que tens? - exclamou a prima.

- Nada, não tenho nada... - balbuciou, inclinando-lhe ao seio a face.

Desmaiara. Guilherme tomou-a nos braços, enquanto os condutores da cadeirinha se aproximavam para a receberem. Beijou-lhe Amaral a mão insensível; e, neste ato, escutou ele estas palavras da prima de Virgínia:

- Que tortura, e que morte o Senhor deu a este anjo!

A cadeirinha partiu. Amaral sentou-se num dos bancos encostados ao muro, apoiou os cotovelos no peitoril, e deteve-se largo tempo com a face entre as mãos, e os olhos fitos nos penhascos que lá em baixo se debruçam na margem esquerda do rio. Em carta escrita ao amigo de Lisboa, diz ele que, nessa hora, tivera o pressentimento de morrer doido.

Era cedo ainda. A justiça divina, quando castiga, prolonga muito mais o tormento que dispara em demência.

Aquela torvação instantânea de Guilherme não vale mesmo a consideração de dor; era, apenas, uma profecia, um rebate de consciência.

Além, por entre os arvoredos, entreviu Amaral o seu querido ninho de prazeres. Sorriu-lhe de lá Augusta com as delícias da paz, e olvido das torturas, que iam cá no seio de uma pobre mulher, a morrer como tantas. Deu-se pressa em esconder-se entre as árvores, protestando não voltar tão cedo ao Porto.

Dez dias depois, na correspondência que Amaral recebera do Porto ia um jornal, de que não era assinante. Na terceira página leu o seguinte:

Necrológio

Que ímpia mão te ceifou no ardor da sesta?

Garrett, Camões.

Ontem, às cinco horas da tarde, voou a Deus a alma da Excelentíssima Senhora D. Virgínia Filomena de Almeida, filha de Paulo Heliodoro de Almeida, antigo desembargador, falecido na emigração.

Nascera em 22 de Março de 1822; emigrara com seu pai, já órfã de mãe; voltou à pátria, quando perdeu seu pai, em 1837, e faleceu com vinte e três anos de idade incompletos.

Virgínia recebeu a sua primeira educação em Lisboa, e concluiu-a em França. As raras pessoas, que saborearam a convivência de tão ilustre como modesta família das Senhoras Almeidas, dão testemunho do varonil talento de D. Virgínia, aformoseado pelas graças feminis, e encantadora timidez com que revelava o seu muito saber.

Fazia-se amar, admirar e respeitar a tão dotada senhora dos dotes do Céu, mas tão funestamente sorteada para os maus destinos deste mundo!

Maus, dizemos, pensando no travor deste seu último ano de existência!... Está ainda quente o cadáver de Virgínia Filomena. Se a dor não é bastante a cortar-nos a voz, contém-nos a veneração diante de uma sepultura que ainda se não fechou. Quando as lágrimas estiverem exauridas, então os queixumes das pessoas, que assistiram ao sereno trespasse daquele anjo, pedirão contas ao mundo da vida de Virgínia.

Bom seria que a sociedade tivesse um brado de reprovação contra homens, sem alma e sem temor de Deus, que... Silêncio! parece-nos ouvir o espírito da mártir, que nos está de sua bem-aventurança exclamando: “Acaso me queixei eu?”

Os anjos te envolvam em suas coreias, ó virgem santificada! As flores do Céu vicem perpetuamente em tua fronte! Banhe-te a onda da eterna luz! Ouças tu os hinos das divinas potestades em louvor teu e de tuas irmãs na dor! Venha o teu santo coração à terra com palavras de amor aos que tas mentiram, e dê perdão aos que te mataram. Repousa, Virgínia, enfim, e em tua campa vão as mulheres infelizes desfolhar flores e reverdecê-las com suas lágrimas!

Porto, 24 de Dezembro de 1845.

CAPÍTULO 13

Carta de Teolinda, prima de Virgínia, a Guilherme do Amaral

Dois dias antes de sua morte, minha prima queimou todos os seus papéis. Quando ia lançar ao fogo um caderno intitulado DIÁRIO, susteve-se, e abriu-o. Leu algumas páginas salteadas, e disse entre lágrimas: “Tenho saudade da angústia com que escrevi este papel!” E ficou longo tempo afogada pelos soluços. Depois, cobrando sossego, acrescentou: “Não queimo o meu Diário. Peço-te, minha prima, que o faças entregar a Guilherme.

Manda-lhe dizer que estas páginas são tristes. É uma prevenção para ele as poder queimar, não querendo lê-las e entristecer-se.”

Cumpro a vontade da minha chorada amiga. E sou com muita consideração de Vossa Excelência... etc.

Segue o

Diário

Julho, 20

Imponho-me o preceito de escrever-te sempre que para ti me impelir o coração. Este refúgio extremo ninguém mo disputará: depende de mim só; é meu, hei de gozá-lo sozinha, sem derramar sobre alguém uma pequenina parte de sua boa ou má influência.

O que hoje sinto é a morte do alento, é uma dor silenciosa e concentrada; hei de, porém, calá-la. Quem ma compreenderia? Sou como egoísta deste sofrimento, como o seria das alegrias, se pudesses dar-mas, Guilherme.

És causa desta dor, e não te maldigo. Aborreço-me por não ser amável - pois me não amas. “Podias amar-me muito”, já mo disseste, como quem deixa entrever uma felicidade, que encerras em ti, e reservas... para o impossível. Que ironia!

Sofro do golpe que me há de matar. Marcou-me este destino a Providência. És o instrumento que me fere na mão do Senhor. Adoro-o em suas obras; curvo-me submissa aos seus decretos. Não murmuro, nem blasfemo.

Empenhei todas as forças da minha alma no martírio; nenhuma já me resta para a rebelião.

De um lance de olhos profundo e rápido contemplo o passado, comparo-o ao que sou, e vejo o futuro. Ao longe, o ponto lindo donde via a esperança; aqui a realidade atroz; além uma lousa silenciosa... o gelo sepulcral de umas cinzas de coração. Venha! Morta a esperança, indiferença por tudo. Venha!

A esperança!... Senti morrer-me no seio este supremo bem, sem violência nem agonia. Foi profundo, mas um só o golpe. Aniquilou-me de modo que nem a sensação me deixou. Daqui em diante, o tempo para mim é o surdo cair do bago de areia na ampulheta.

Tenho saudades de ti, Guilherme; mas não desejo ver-te. Hoje, fugir-te-ia com o ardor com que eu ontem te seguiria por entre precipícios, e através de todos os abismos; e, assim mesmo, agora sinto mais íntimas, mais veementes as saudades.

Sequestrei-me de tudo para ser só tua. Pagaste-me com abandonar-me. Fui punida: devia sê-lo. Eu fora o bem único de um homem, e furtei-me àquele nobre coração. Quis enriquecer-te com a minha alma que eu presumia um tesouro. E tu, com a ponta do pé, afastaste a coroa, que eu te oferecera de flores reverdecidas por outras lágrimas. Conheço que há justiça e misericórdia no Céu: justiça para o castigo, e misericórdia em desconto do valor e humildade com que o suporte.

9 horas da noite

Morria, se te não escrevesse. Faltas-me. Não tenho ar nem vida. Estou só no mundo. É tudo ermo em redor de mim. Nada de ti me fala. Sofrer por ti é pertencer-te de corpo e alma. Se me não identificas em teu coração, nem por isso repulso a dominação: basta para a escravidão o desejo. Pobres mulheres!

Tenho saudades de todos os lugares onde te vi.

Porque não pudeste amar-me?

“A minha ventura era possível contigo, se me povoasses esta solidão.” Quando isto me escreveste, não sentias necessidade de amar? Porque me não amaste? Ó coração humano!...

Não soubeste ler em minha alma. Não compreendeste o sentimento de profunda adoração, e cega idolatria que eu te rendia em silêncio.

Desviou-te do meu caminho a mão do Senhor, porque a sua vista entrou nas profundezas do meu pensamento, e salvou-me. Perdia-me, perdia-me, lançando-me temerariamente na tua voragem, demónio da paixão, disputando-te à desgraça, roubando-te a ti próprio, conquistando-te para mim.

Mulher, que tentasse roubar-te ao meu amor, matá-la-ia. Eu queria um quinhão das torturas do teu inferno.

É impossível que aí não sintas a medonha solidão para onde me desterraste. Hás de partilhar desta condenação.

Pois não te lembras? não me desejas? nem uma saudade da tua cara irmã!...

Digo-te uma verdade que é fogo no coração, e rubor na face.

Cem anos de vida pela paixão impetuosa que podias dar-me numa hora! As tuas paixões são incendiárias, e eu queria morrer nelas.

Olha... ontem a esta hora ardia-me o coração, e vacilava-me o entendimento... Quando reclinavas a fronte com não sei que triste desleixo, queria comprimir-te a face contra meu seio, e expirar de ternura.

“O forte devo sê-lo eu.” Conhecias-me, pois, quando isto me disseste?

21 de Julho

Foi ontem o meu último dia de vida. Sinto-me viver da morte da alma. Já me não alanceiam as desesperações.

Estou entorpecida e fria.

Mataste-me, quando eu pedia vida a Deus para reanimar-te; queria experimentar a onipotência da paixão sobre a letargia de tua alma. Quero encontrar o teu espírito através do espaço, que nos separa. Escrever-te é sentir-te.

Porque te escrevo eu? Em que forma se apresenta a minha imagem ao teu espírito? Sentirás alguma hora saudades das minhas cartas? Amaste-as, ao menos, quando mas pedias, como lampejos de luz na tua escuridade!?...

3 horas da tarde

Acabo de elevar meu espírito a Deus, pedindo-lhe para a tua alma paz, luz, e amor. Pedi-lhe com o ascetismo da mulher que tem coração. Amo-te! A dolorosa evidência deste desgraçado amor chegou. Amo-te, quero-te, e desejo amar-te sempre. Não sei que voz me diz à consciência que o meu amor há de fazer-te feliz. Se eu não puder erguer-te desse sepulcro, Deus o fará por minhas súplicas.

Sofro o infinito da amargura, e não quero ser consolada. Se existir um homem, que tente fazer-me esquecer-te, hei de odiá-lo com quanta energia te amo.

Tenho medo de enlouquecer, e desejo-o; porque enlouquecer é perder a consciência do meu amor, e terei ao menos a tua piedade.

Em que hei de gastar os meus dias?...

Tenho chorado tanto hoje!... São cruéis as tuas cartas!

“Podes amar, e muito; mas não me amas.” Para que me disseste isto?...

Que saudade de tanto que perdi... Que lágrimas do coração me escaldam as faces!...

6 horas

Não sei como é esta dor de peito que me oprime e não me deixa respirar, nem ser forte! Cuspi pouquíssimo sangue, e vejo no rosto do médico uma terrível suspeita.

Abençoada seja a morte. Lá vem a aurora do meu últimodia a despontar.

Não calculas que suplício é este! Se me não amas, não me lamentos.

O que querias que eu fosse para ti, quando, nos primeiros dias, me buscavas? O que esperavas tu que eu fosse? Que milagre havia de fazer esta mulher? Querias que eu fosse tua? tua, com desonra, e sem condições?

Serias tu assim feliz? Porque mo não disseste?

22 de Julho

“A sensibilidade, como a matéria bruta, gasta-se.”

Disseste-o, e eu sinto-o. Hei de cessar de sofrer; e, ao mesmo tempo, haverá uma decomposição, e o morrer sem agonias.

A minha alma elabora sozinha a sua peçonha. Sofro, porque me mandaste sofrer. Desamparaste-me, e eu amo este desamparo. A condenação, vinda de ti, é-me ainda um bem. Virá uma hora em que me lamentos. Sentir-me-ei então reanimar ao calor da tua piedade, Guilherme.

Não és mau: estás cansado. Sairás desse marasmo; e, quando me buscares, serei tua, sejam quais forem o tempo e as circunstâncias.

De joelhos, a teus pés, apagando-te com meus beijos a sede de amor, hei de fazer-te esquecer tudo, tudo, o mundo, os homens, o Inferno, os réprobos, o Céu, o próprio Deus, queres? queres a minha vida para fazer-te esquecer quanto a tua há sido amarga e angustiosa?

Queres que tudo te sacrifique, e esqueça, e despreze?

Então vem buscar-me; rouba-me a mim mesma; disputa-me ao nome honesto que tenho; arranca-me ao jugo das conveniências, e depois um riso de insulto ao mundo, e outro de piedade para nós.

Tua irmã, tua filha, tua amiga, tua esposa, tua escrava, se o quiseres.

9 horas da noite

Estava demente, há instantes, quando te escrevia. Tinha febre, a febre ardente da paixão. Agora, sinto-me no remanso do amor tranquilo.

Vejo-te no teatro, e adivinho que me procuras. É impossível que assim não aconteça. Esquecerias o último dia em que ali me viste? Como eu era então feliz! Um rápido pensamento de amor fugiu dos teus olhos para a minha alma. Cá sinto ainda a suave impressão. Já respiro.

É tão docemente melancólica a saudade que me senhoreia a alma nestes instantes em que me bafeja o teu hálito, o calor místico da tua alma!...

Interrompi-me alguns momentos, ocultei o rosto com as mãos, e meditei profundamente. Quando te não escrevo, Guilherme, sinto-me sozinha. Dão-me ânsias de me aniquilar! Quebrado o ténue fio, que me ata a uma vida tão triste, que será de mim?

Poderá esta quimera alimentar-me muito tempo? Quimera, sim. Este amor espiritual, que me domina, porque me é defeso aspirar ao amor completo, e mais íntimo na consciência, nos sentidos, e na razão... que é senão quimera este amor?

Abrasa-me um fogo estéril, que só a mim devora. Arder numa chama, que não queima outro coração! Sentir no sangue torrentes de fogo que ressaltam do coração à cabeça. Amar com a paixão escandecente, em que a razão parece aniquilar-se... Chamar a isto amor espiritual!...

“Amor exaltado, ideal, angélico, elevadíssimo, a ponto de nunca descer ao raso dos desejos” é, segundo crês, o amor que te votei. Engano!

Amor exaltado e ardente, paixão louca, incendiária, frenética...

Domingo, 23 - meio-dia

Sem ver-te, sem realidade alguma na nossa união, poderá o meu amor subsistir? Pode. Deus é invisível.

O amor divino é um amor de símbolos: a adoração beatífica é a alienação da alma. O corpo é como a estátua de mármore, que tem postas as mãos, e os olhos fitos no Céu.

Deixa lá dizer que o meu amor por ti não passa de uma exaltação de cabeça. Mentem. O que eu sinto é paixão profunda que destrói todas as outras; é adoração; é a imperiosa necessidade da tua presença, da tua companhia, e reciprocidade do teu fogo.

Que tenho eu que ver com o mundo, depois que não te encontro nele? A minha vida é uma constante abstração. Neste arder, consumo a atividade do meu espírito, debilita-se a minha energia, e vai-se escurecendo a inteligência. Não tenho já imaginação, nem idealizo situações felizes da nossa vida. Ao acordar vejo um ponto negro; instantes depois esse ponto alarga-se, e circunda-me de uma espessura de trevas, em que me sinto morrer à falta de luz e ar.

4 horas da tarde

Que inferno me vai na alma! Que mal me fez a tua última carta! Quero rasgá-la para esquecê-la e não posso.

Primeiro, rasgarei a pedaços o coração.

As tuas palavras, Guilherme:

“Cansado é o homem, que quer altear-se aos devaneios do espírito, e não pode. O que ele faz, se tem o talento da palavra, é relembrar-se das paixões da juventude, e fingir-se vibrado pela eletricidade, que lhe flamejava o ambiente de fulgurantes imagens, e arrebatá-lo sobreposse, e mentir.”

É isto o que tu és?

Eram, pois, mentira as tuas cartas anteriores. Mentira ou experiência? Em qualquer dos casos, indignidade!

Foste egoísta. Sacrificaste-me desapidadamente,

quando me dizias que de barato submeterias a tua liberdade à mulher em quem se revelasse a inteligência e o coração das minhas cartas. Mas as minhas cartas, dizes tu, são uma encantadora utopia, um estilo epistolar de exame, uma bonita máscara sobre o rosto gélido de um cadáver. Bárbara irrisão, santo Deus!

Que quer dizer, Guilherme, este período:

Não tens seduções bastantes para mim, nem eu coração sobejamente hipócrita para ti.

Aqui, meu amigo, se não há obscuridade, há uma descortesia dura de tragar, e dura de crer em ti, que te estás gozando da reputação de homem de corte!

Perdoa-me, se ainda a alma me estremece debaixo da tua mão inexorável.

Que experiências vinhas tu fazer na índole de uma pobre mulher, que tão sem véu se te há mostrado, Guilherme?

Quem eras tu, quando me disseste: Preciso amar-te?

E me pedias um raio de fé, e a prova de que o amor não é palavra banal com que se doira a hipocrisia dos sentidos?

Representavas comigo uma comédia?

Mentira, mentira das que despenham e matam o coração e a virtude de uma mulher!

Quem sabe se o título santo que te pedi, como um eco das harmonias dos anjos, como verdade eterna para nela crer como em Deus, é também mentira, experiência, escárnio da ingenuidade do meu coração... Minha querida irmã...

Nem o teu nome escreveste já nesta carta. Isso que significa? Não o tenho eu no coração para repeti-lo ao mundo, ou a sós com Deus?

Eu, que julgava compreender-te como ninguém, pasmo do mistério que és!

Este manuscrito dos teus versos para que veio agora!...

Elevadas aspirações, raptos de alma, brados profundos e comoventes da consciência, tudo isto é mentira? Acaso te mentes a ti mesmo no secreto do teu gabinete? Pois a poesia é isto!? Oh! desgraçadas mulheres!

.....

Passaram alguns segundos desde que escrevi as últimas linhas: estou um século distante das impressões de há momentos.

Não creio no que julguei de ti. Nem a última, nem as primeiras cartas são falsas. Compreendo-te. Mostraste-me a tua índole. Fez-te Deus! Deus te reconduzirá.

Tenho como certo que hei de dizer-te tudo isto, sentada em teus joelhos, com as mãos entrelaçadas nas tuas, a cabeça apoiada em teu peito, e os olhos nadando em lágrimas de alegria, embevecidos nos teus, radiosos de fogo e ternura, fogo de alma nunca extinto, ternura, que é em cada homem uma hora da vida dos anjos em presença do seu Criador.

Hei de então ler-te estas páginas, Guilherme. E tu me darás um beijo por cada lágrima que eu te mostrar. Vês a usura das minhas lágrimas? Quanto pode dar a mulher, que ama, acima da felicidade comum, tudo hei de inventar para ti. O amor, Guilherme, é o segundo Criador.

Guilherme, como eu te amo!

Precisei de exalar este grito. Parece-me que o ouviste e acolheste.

Domingo - meio-dia

Sem ver-te, sem que aparentemente nada me faça sentir palpitar em ti, poderá o meu amor subsistir eternamente? Pode. É o meu coração que me responde.

Pode. Também Deus se não vê, e ama-se, com imenso amor.

Deixa dizer o mundo que eu sou uma mulher exaltada.

Hoje faz quinze dias que tu me enviaste a tua poesia desalento. Releio-a. Que mal me faz! Ela me assevera que eu sou inútil na tua vida, estranha à tua felicidade, porque me vedas o teu abismo.

Mas olha... ao teu abismo quero eu descer também.

Arrasta-me, despenha-me, perde-me, Guilherme!

Segunda-feira, 24 - 9 horas da noite

Não te escrevo há vinte e quatro horas; mas pertenci-te, como sempre. Ouvi falar de ti a Florinda e Margarida Carvalhosa. Que te querem estas mulheres? Quem lhes disse a elas que és um homem superior? Como pode Florinda compreender um homem superior... ela que...

Viram-me triste, e atenta ao que se dizia de ti. Sorriram.

Tive-lhes ódio. Não quero vê-las mais.

Lancei-me sobre um sofá, e dei-me sem reserva ao sofrimento. Fugi para ti, chamei a tua imagem, fechei-a na alma, e aviventei-me com o suave calor que em mim difunde o teu contato misterioso. Fui tua, Guilherme.

Este viver de imaginação, que é o complemento do outro, acabará afinal por destruir em mim tudo que não sejam as comoções que me causa? Esta espiritualidade, com exclusão de todo outro sentir, não aniquila a vida real?...

Fui hoje ver minha prima. Desci ao jardim. Compenetrei-me de todas as belezas da fantasia e do sentimento.

Refrigerei-me com o filtro da esperança. O espetáculo do rio, e do horizonte sem nuvens, comoveu-me, falando-me de Deus e de ti. Comparei a pureza do meu afeto à transparência das águas; e o sol moribundo, mas esplendente ainda, ao meu coração.

Olha: fiz uma experiência, e a minha alma exultou.

A mais infantil época é a do primeiro amor! Tomei ao colo uma de minhas priminhas, fugi com ela para entre as murtas, sentei-a no meu regaço, e perguntei-lhe, afagando-a:

“O Guilherme há de tornar a escrever-me?”

- Qual Guilherme? - perguntou ela com a sua infantil e curiosa ignorância.

“O meu irmão” lhe respondi, apertando-a ao seio.

- Ah! já sei... Há de, sim, há de.

“E quando?” - continuei eu a tremer de esperança e alegria.

- Amanhã.

Calei-me. Era tão feliz! Deslumbrou-me uma luz como a de um relâmpago. Fechei os olhos, e agradei a Deus.

Vês que supersticiosa eu sou! Espero amanhã uma carta do meu Guilherme. Arde e gela-se-me o coração nesta expectativa. Quem sabe? E, se não se realiza? Se o anjo me enganou? Se me estás escrevendo, desça um arcanjo do Senhor a oscular-te a fronte; e, se não... Que posso eu desejar-te senão felicidades!

3 horas e meia da tarde

Ainda não! Anoitecerá assim? Nada tem o teu coração que me diga?

Meia-noite

Findou. Esperei até agora. Meu pobre amor, até as crianças te iludem! Que travor tem este desengano! Que podia e devia eu esperar!

Quarta-feira, 26 - 11 horas da manhã

Agora mesmo te vi.

Remunerou-me Deus pelo muito que padeci.

Não me viste, ou evitaste-me.

Seja o que for: cito-te para o tribunal da tua própria consciência.

Devia-me Deus este alívio ao que ontem padeci; contudo, ao ver-te, estremei, com uma dor lancinante no peito. Segui-te com olhos e alma. Desapareceste, e eu tornei-me a esta prostração, precursora da letargia do túmulo. Foi um relâmpago, que deixou mais cerrada a minha escuridade.

Ver-me-ias? Os teus movimentos eram vivos e rápidos: o mover-se de quem se sente agitado por sentimentos alegres. Pareceste-me pálido. Se tu padecesses!... Folgara eu, que tão amiga sou tua! Desgraçado, pertences-me ainda mais; feliz, serás de quem te der a felicidade.

Hora e meia da tarde

Tremo ainda, meu Deus! Mal posso suster a pena. Vi-te. Escutei o som de tua voz. Não te entendi as duas palavras. Que me disseste, Guilherme? Tenho a cabeça perdida, e o coração sobressaltado.

Quinta-feira, 27- 9 horas da manhã

A vida é um complexo de dores. Apenas o enlevo me ala para o Céu, logo o desencanto me deixa cair desamparada em plena vida material. É o coração da mulher um enigma indecifrável como os mistérios divinos. Eu não me compreendo, Guilherme, não.

Depois que te vi ontem, julgo-me menos separada de ti, e prezo menos esta união, cuja quebra me parecia um rompimento de vida. Parece-me que a certeza de ser amada mataria o meu amor! Que absurdo espírito o meu!

Meio-dia F*** está moribundo. Sou sensível às agonias deste homem que me adorou. Não é remorso, mas pesar que sinto de não poder amá-lo. Se eu pudesse ser feliz contigo, a imagem daquele homem seria o espectro das minhas soberbas alegrias. No meu horizonte está uma nuvem negra; é a mortalha dele.

Vou hoje ver-te ao teatro, e F*** está a expirar!...

O meu coração é um abismo. Serei eu uma grande miserável?

3 horas da tarde

Não vou ao teatro.

De propósito venho escrever-te para exclusivamente ser tua em pensamento. Não me perdoe as infidelidades de coração, que hoje tenho tido. Chego a duvidar de mim, e a desprezar-me profundamente. É preciso que eu te ame sempre. A minha justificação não pode ser outra.

Amor infinito, ou inteira indiferença, é o que eu devia sentir por ti. Amar-te sempre, ou não ter-te amado nunca. Ou fazer-te a justiça, que ninguém te faz, ou admitir inalterável a opinião geral. Para mim há de ser o primeiro ou o ínfimo dos homens. Não devo, não posso, nem quero dar-te os defeitos, nem as excelências da generalidade dos homens. Se um dia te expulsar do santuário da minha alma, não sei o grau de abjeção em que te hei de ver!

Interroguei-me: a consciência respondeu-me, como se Deus a interrogasse. Nesta hora, Guilherme, amo-te.

Tenho hoje ideado projetos irrealizáveis, mas doidos de ventura. Imaginei o Céu, imenso e completo, neste mundo. A fé, sem o amor, a fé sublime dos santos, não poderia tanto, não!

Tu amavas-me, e eu era a tua redentora.

Sonhei-te meu, e era tua esposa.

Fugimos às misérias desta terra, e fomos, muito longe, completar nossa existência.

No Brasil, região de ouro e dos escravos, encontramos a felicidade.

Lá, ensinavas tu aos homens que a desgraça não avilta, que o erro não é crime, e que o desviar-se numa alma não é infernar-se nos abismos de lama deste mundo. Dobrava-te os joelhos o respeito e a consideração social.

Aí, fui eu grande à sombra da tua grandeza; enobreceram-me os teus triunfos; elevei-me contigo, saboreando-me de tua glória, e ampliando-a com o meu amor.

Olha, Guilherme: as minhas ambições ousaram tanto, arderam tanto os meus nobres desejos, que me vi a teu lado, e fiz-me grande em talento por efeito de minha própria superioridade. Já não eram unicamente os reflexos da tua glória, os raios de tua luz, era eu, constituída grande em espírito, por milagre do coração, depondo a teus pés a minha coroa, entrefolhada de palmas, que te juncavam o caminho dos triunfos.

Meu Deus! eu penso que era isto um arder em febre!

Sentia-me tão à borda do Céu em aspirações de glória!... amava e compreendia tão profundamente o sublime e o ideal! Não invejei o destino de Staél, de Genlis, de Sand.

Qual delas sondaria como eu os recessos da alma, as belezas da arte, os tesouros da natureza, os mistérios da divindade! Parece que um espírito divino me cingia de uma luzentíssima auréola, a cujos raios as coisas etéreas se corporizavam como devem vê-las os anjos.

Viajamos as nações cultas e os países bárbaros; estudamos os vícios denominados civilização, e as fraquezas denominadas força; entre os selvagens, observamos os pontos de contato que os aproximam dos cultos; nuns enojou-nos a pústula coberta, noutros a pústula nua.

O que em parte nenhuma vimos foi costumes simples, virtudes gêmeas da natureza, justiça nas leis, pureza nos gostos, a criação sem mancha.

Voltamos à pátria, em busca dos raros corações que deixamos cá. E depois... Pobre sonhadora! Tudo sonho, tudo mentira. Aqui estou diante de mim própria. Ali está um espelho onde me contemplo. A mim mesma, aquela face pálida me está dizendo: "Não sonhes: diante de ti está a tremenda realidade de morte!"

Que é a vida, e para que vivo? Suplício incompreensível este meu! Ninguém me vê penar...

Não posso dar leis à minha imaginação, nem abafar a alma! Para que hei de eu ir cegar-me nos milhares de estrelas em que se espriam os horizontes da minha esperança? Que estúpido enlevo este!

Meu Deus! tirai-me o sentimento, se me não condenastes ao infinito inferno do amor!

Vede que a minha fé Vos concebe justo e bom. Se eu sinto a necessidade de ventura perfeita, é porque a Divina Liberalidade ma destina; se em ti, Guilherme, eu vejo o termo de minha esperança, é porque vieste a realizar-ma. Na mente do Senhor está que tu sejas meu.

Espero! Destas trevas há de sair a minha aurora de redenção!

8 horas e meia da tarde

Estás no teatro. Sinto aversão a quem lá pode ir. Ciúmes!... Pois nem deste suplício me quer Deus poupar!?

Sexta-feira, 10 horas da manhã

Depois da blasfêmia, sinto o desejo da morte. A minha vida ou morte, que te importa? Que sou para ti, Guilherme? Nada. Tens-mo dito até à evidência; e o meu coração não te crê. Sou ridícula!

Que é do meu orgulho, e da minha dignidade?

Desejo-te, como o cego a luz, que lhe há de mostrar o asco de todas as misérias. Tenho nojo de mim mesma, assim humilhada!

Diz-me com franqueza, se isto acabou. Tenho valor para o último golpe. Não estudes as palavras, nem lhes calcules os efeitos. Juro-te que não te pedirei contas.

Disseste-me: “A minha alma está em desarmonia com a tua. Posso amar-te muito; mas não te amo. És unicamente espírito, e eu unicamente matéria. Fiquemos, pois, aqui.”

Fiquei. Calei-me; nem, sequer, te respondi com lástimas. Fiz de minha dor silenciosa o meu inofensivo orgulho.

Pois bem: que vieste aqui dizer-me debaixo de minhas janelas? Um brinquedo de homem desenfadado.

Guilherme, olha que brincas com a minha vida. Os teus louros de conquistador não hão de ficar mais vistosos com os espinhos do remorso. Viste-me pálida. Cuidaste que eu estava remedando as olheiras da atriz, ou da viúva, que exulta secretamente da redenção de um jugo, e se enfeita com as galas do luto, emprestando aos lábios um sorriso de forçada resignação, para se atrair consolações, e ter jus a ser lamentada.

Foste mau. Vil prazer é descobrir o rosto de um cadáver para lhe cuspir no rosto!... Quem me dera poder amaldiçoar-te!

Antes a morte que a demência, meu Deus!

Sábado, 29

Antevejo vagamente que vai expirar o teu fatal domínio em minha vida.

Sinto o despeito, o orgulho ferido: este é o caminho do esquecimento.

Porque me não amas, Guilherme? Sabes tu, insensato, o que rejeitas? Que tesouro de amor e delícias lanças de ti? O meu coração é manancial inesgotável: seria tudo teu.

Não quiseste! Amo-te ainda; mas... no momento em que alguém me disser que a minha paixão é irrisória, desprezo-te.

1 hora da tarde

Opera-se no meu coração e raciocínio uma mudança estranha e espantosa. Não a combato. Sofro por ti o infinito das dores: desprezo consolações; as tuas mesmas rejeito. Quero que o sofrimento me aniquile.

Não sei dizer-te que doçuras tem hoje para mim a palavra destruição. Concede em tua ideia um magnífico edifício: contempla-o em sua majestosa perfeição. Que te inspira? Admiração e respeito. Se o criador insuflasse, nessas formas de granito, consciência, razão, e sentimento, que sentiria ele ao reconhecer-se

assim admirável? Felicidade e soberba, não é assim? Agora, imagina que as chamas o devoram, queimando-lhe, e aluindo-lhe, uma a uma, as suas belezas. Se essa grandiosa matéria tivesse vida e vontade, não a empregaria a repelir o afã com que os homens quisessem apagar as lavaredas?

É que o edifício, ameaçado de ruína, compreenderia que a primitiva majestade jamais lhe seria restituída, e que, mutilado e desconjuntado, ficava sendo magníficas ruínas; mas ruínas, embora reminiscências de um passado esplendor. O que foi, embora recorde passada grandeza, não consola do que já não é. Assim, a desgraça, devastando-me corpo e alma, não há de deixar vestígios de ruínas, nem os reparos que recordam a anterior existência das graças irreparáveis.

A minha alma há de cair em todo o orgulho, e força, e exuberância de seu sentimento. Sentir tudo o que sentiu, ser bela como foi, ou extinguir-se.

Cansaço é meia destruição, que a morte completa. Eu quis viver pelo sentimento; o sentimento me vai matando.

Não quero consolações tuas nem estranhas. Quero morrer: hei de morrer. Tenho um destino a cumprir; hei de dizer: cumpri-o!

Hora e meia

Recordando os outros afetos do meu coração, considero-os exaltações, surpresas, hábitos, devaneios, poesias, veleidades, tudo, menos amor.

Li o que, há um ano, escrevi, com referência a F***.

Febre, ou imaginação! Desconheço-me nestas páginas.

Sofria; mas de amor-próprio. Ousou dizer-me que podia esquecer-me. Fi-lo ajoelhar diante de minha soberba.

Está vingado, F***. Suporto a vingança, com a consciência de a ter merecido. Porém morro. Mandou-te Deus, Guilherme. Quem me vingará a mim depois? Que mulher te sovará aos pés? Não há inferno; porque Deus encarregou as suas criaturas de se despedaçarem umas às outras.

1 de Agosto - terça-feira, 10 horas da manhã

Tenho tantas saudades dos dias que não volvem!

Quando eu te dava o retrato da minha alma, e tu me mandavas um raio da tua luz a este escuro antro onde me revolvo em agonias indescritíveis!...

Que feliz eu era! Que comoções, que amor, que esperanças !

Que fim teve tudo isto!... Agora, gelo de morte no peito, e as tempestades da razão que soçobra!

Enlouquecerei, meu Deus? Não posso viver muito tempo.

Que apego tão enraizado eu tinha à minha esperança, que assim me despedaça ao perder-se!

Estou só. Nem um vestígio teu, Guilherme, nem a tua sombra, neste curto caminho. Leva-me, e esmaga-me a roda do tempo. Apavora-me o muito que tenho ainda que sofrer!

Tiraste-me os encantos todos da vida, e depois abandonaste-me. Não terás a intuição dolorosa desta viuvez?

Não te sentes mais sozinho? Nem um instante de saudade? Não te chega aí um eco destes gemidos?

Como eu podia amar-te e embriagar-te de felicidade!

Parece-me que o ardor da minha paixão te faria romper para além os limites do prazer!

Quero ver-te, Guilherme! Ao menos, um rápido volver dos teus olhos. Guilherme, porque não vens ver-me?

Eu queria subjugar-te, vencer-te, possuir-te, encadear-te, roubar-te a tudo, a tudo, a ti mesmo, ao sentimento das tuas dores, às exaltações do teu gênio, à cobiça requintada do teu coração, e em troca dar-te delírios, delírios de amor, abrasados, inextinguíveis...

Estou doida! Se hoje te não vejo, morro.

9 horas e meia da noite

A união incorpórea dos espíritos é uma quimera. Não há tal união. Eu julguei-me distinta em crer abstrações, que a gente rude escarnece.

Duvido já de mim. Será verdade amar-te eu?

Há pouco, sentei-me à janela do meu quarto.

Estava o céu toldado de nuvens negras. Chamei-te em ânsias desesperadas; em aflição de mulher desamparada, como Raquel, no deserto, chamaria Deus. Empreguei todas as potências magnéticas de meu espírito em atrair-te.

No fim de uma hora de intensos esforços, vãos como a minha vontade, senti-me mais desligada de ti. Enfureci-me; tive ímpetos de matar-me. O espírito não pôde superar a matéria; a alma era corpo; coração e amor caíram

de extenuados ante a distância material que nos separa.

E, portanto, é loucura, e estupidez esta coisa que as almas de eleição denominam poesia. Na verdade, o que existe é a força, a matéria, o sangue, o corpo. Nada te falará de mim, se me não sentires. Sensação, matéria, e mais nada! Esta torrente de lágrimas vapora-se do papel, sem que tu as pressintas; este sangue do coração não te mancha as flores de alegria que aspiras; este fogo, que me abrasa, vem rebatido da inércia do teu gelo.

O que é, pois, a alma? Um delírio dos santos, uma brincadeira dos filósofos, e um pretexto para poetas.

Perguntei a Deus a razão do meu sentimento; e pedi-lhe verdade e luz.

Nada respondeu à minha ânsia. Deus invisível, impassível, e inaudível! A matéria muda, pesada, e inerte como o escárnio nos lábios de uma estátua.

A verdade!... O que é a verdade?

Tenho piedade da minha fraqueza. Sou tola. Zombo de mim própria; desprezo-me, abomino-me, sou uma pouca de lama amassada em lágrimas.

O rei da criação! O homem, rei da criação! Que escárnio, cuspidos à face do Criador, que fez a formiga, a inocente criaturinha! Os irracionais amam-se. O

instinto nunca lhes mente, e a nós a razão escarnece-nos, e o espiritualismo despenhanos. A matéria não os engana na escolha do ser que lhes é necessário: atam-se, vivem, e sentem o prazer da vida. Nós, quando o instinto nos avizinha, erguem-se entre meio os deveres, as conveniências, as necessidades, e coisas mais atrozes ainda. Ó rei da criação!

Nem já o mundo da imaginação me recebe. Fechou-se-me o seio da eternidade onde eu aspirava repousar contigo. Vencer as fadigas da vida real com os encantos do espírito, era-me tudo. Nem já isso!

Não posso chorar. Guilherme, ama-me e salva-me.

Quintâ-feira, 3 de Agosto

Desfaz-se a nuvem que me escurecia o entendimento.

Creio que não te compreendi, e tomei por desafeição tua o que era desigualdade do teu espírito. Eu devia responder à tua carta, não te obedecer, amar-te mais. Calei-me, obedeci-te, e atormentei-me. Não sei nada destes caprichos do coração. És o primeiro homem que amo, Guilherme. Perdoa à minha ignorância.

Que devia eu inferir da tua carta?

Que precisavas amar-me com mais amor?

Que só assim podias ser contente de mim? E porque te não disse eu: “Amo-te com paixão, e delírio!” Era isto o que querias ouvir?

Este raio de luz cega-me, e queima-me!

Sentirias tu ânsia de amar-me, sem aquele afeto de irmão, que o meu coração, de boa-fé, te oferecia mentindo-se a si próprio?

Diz-mo, Guilherme! Adivinha que to estou perguntando. Diz-mo, amigo da minha alma, que eu sou tua!

Estou alegre! Acorda a minha razão para um novo dia de esperança. O meu futuro alumia-se outra vez. A Providência refulge-me como nos anos de imensa fé.

Ó Guilherme, o sofrimento acaba onde principia o amor.

Abençoado seja o Senhor, que nos vai dar um ao outro, gozo inefável superior ao dos anjos, e só inferior ao de Deus, que se está gozando no bem que nos dá.

Guilherme, abre o coração à esperança, deixa-te vencer por mim! Vem, que o meu seio espera-te com infinitas palpitações de vertiginosa ternura!

Creio, juro que me amas. Nada-me a alma em mar de júbilos. Como é bom ser feliz! como a felicidade desfigura tudo! que formosuras eu vejo pela primeira vez em tudo que há pouco me infundia horror! O mundo é um éden, os homens são bons, Deus é misericordioso, tu és o rei da criação, eu sou tua igual, alma de tua alma, sangue do teu sangue.

Abençoado sejas, anjo que me podes levar ao Céu; abençoada sejas, luz que me alumias, ventura que me inundas de júbilo; abençoada sejas, vida, alma, amor, crença, esperança, e Deus!

Sexta-feira, meio-dia

Violenta situação a minha! Nem vida nem morte!

Quebrantam-me as contraditórias comoções. Agora a cega confiança; sinto-me viver em ti: o mesmo sangue em ambos os corações; entre os nossos lábios apenas cabe uma lágrima de alegria; logo, um inteiro desfalecimento, um vácuo, uma insulação medonha. Que desgraça!

Que frio de alma, que inexprimível aridez a tua! Não sou nada para ti! Nem matéria!

Aborreço-me. Sou infame!

2 horas

Pus a minha esperança na morte. Já não posso. Podia escrever-te: não quero. Não vou mendigar de ti consolações. Esmolas tais de ti, nunca! Primeiro as pediria ao ínfimo dos homens. É o restante da minha vaidade. Se ela cai, virás dizer-me que te importuno. Não acho palavras. Não sei dizer como sofro e como amo.

4 horas da tarde

Domina-me o desejo de escrever-te. Esforço-me em combatê-lo, com todas as forças da alma, do cálculo, e do raciocínio. Se consigo removê-lo do espírito, instantaneamente, como absurdez impraticável, reage e rebaixa-me até à humilhação de te escrever. Que irresistível íman é este, que me chama do fundo de um abismo?

Falas-me tu no silêncio de teu coração, Guilherme?

Tenho horas de embriaguez. Foge-me, a espaços a consciência da vida. Não sei se estes são os instantes, em que vivo em ti, ou morre em mim o sentimento.

Tenho saudades, Guilherme, saudades de ti. Aparece-me, ao menos. Isso me basta. Vem, meu amor!

Sinto ardores e frio. Foge-me a fé em Deus.

Sábado, 10 horas da manhã

Abre-se-me a sepultura.

Ainda não creio que sejas um infame; mas já duvido que sejas um anjo.

Se puder continuar a escrever, saberás um dia o que me disseram de ti. Adeus...

No mesmo dia

Nunca teus olhos verão estas páginas; e, todavia, falo-te como se elas fossem a lenta análise da minha alma, e a tua consciência o juiz. Ontem esperava que, algum dia, estes papéis iriam desfadear-te os tédios que não respeitam propriamente os felizes deste mundo. Agora, não.

Tudo acabou entre nós.

Diante de Cecília e Margarida Carvalhosa foi proferido o meu nome, intencionalmente.

Todos os olhares confluíram sobre os teus lábios, que sorriam, satanicamente, o sorriso da fatuidade, que seria bárbara, se não fosse estúpida. Sei que alguns homens viram as minhas cartas. Num folhetim de Ernesto Pinheiro transluzem alusões a uma desgraçada, que devo ser eu... a pálida, que encosta a face a um

túmulo, porque se gelou em írios mortais num seio de homem sem coração. Os teus amigos conhecem-te assim, Guilherme?

Porque mostraste as minhas cartas a umas mulheres sem alma?

Foste muito inferior ao lugar que te dei. Precipitou-te um sentimento de miserável vaidade. Vaidade de quê?

De seres amado de uma mulher que desprezas?

Pois, assim se assoalha ao riso de senhoras uma declaração ingênua de amor, que se te consagrara misteriosamente? Não te reteve a mão, que abria as minhas cartas, o pejo de ti mesmo? Não te sentes obrigado a confessar que, se algum de nós é ridículo, decerto não sou eu?

Segunda-feira, 7 - 9 horas da noite

Passeavas ontem no jardim de S. Lázaro. Passei a teu lado. Deixei-te impassível. És um sepulcro, Guilherme! um sepulcro, como o da Bíblia, branco e caiado por fora... por dentro... podridão e vermes. Fugi para mais não ver-te; e, momentos depois, o meu mau anjo impelia-me para ti. Ouve-te rir, e o teu hálito roçou-me a fronte. Tornei a passar junto de ti: era já uma experiência, que me custava dor, a suprema dor da vergonha. Não posso traduzir o que li em teus olhos. Era um olhar profundo e severo. Depois, procurando-te de novo, não te encontrei. Fugiste-me, Guilherme?

O meu pensamento fixo é escrever-te.

Hei de escrever-te hoje. À sorte!

O coração e o pundonor lutam! Deixá-los morrer ambos. De que me servem?

Terça-feira, 1 hora da tarde

Sou menos infeliz, depois que mandei ao correio a carta, que deves receber amanhã. Quero afazer-me à ideia de não receber resposta. E devo mesmo rejeitar a continuação da correspondência, quando ma ofereças.

Conheço o perigo. Entrego-me a Deus, cujo auxílio imploro.

Sê tu o forte, Guilherme!

Que me dirás? Que pensarás de mim?

É esta a carta de Virgínia. Achei-a entre as duas páginas do Diário, que vou trasladando:

“Fiquemos, pois, aqui, minha cara irmã.” São as tuas últimas palavras. Recebi-as como ordem. Cumprida-me não ir avante: estava encravada a roda; era mister parar, e parei, sem mesmo, por sentimento de instintiva conservação, furtar o coração ao golpe.

Nem sequer te perguntei se a desarmonia de nossas almas começara então, se antes.

Quando principiei a escrever-te, de antemão sabia que amontoava em meu coração dores sobre dores. Aceitaste a minha correspondência como um episódio insignificante da tua odisséia de galã, ao passo que em meu coração se operava o fato mais transcendente de minha vida.

Querias estudar-me de ânimo frio, e examinar a influência da tua vontade num seio aberto aos teus caprichos.

Desde que a tua existência me foi revelada, concebi-me inútil para ti. Assim mesmo, submeti-me docilmente aos teus estudos. Nunca te disse a sublime ou louca abnegação com que te sacrificava o meu repouso e tranquilidade. Agora to digo para que saibas de mim o que ainda te falta.

Quarta-feira, 9 horas e meia da manhã

Aqui deixo um protesto de lágrimas contra a tua sentença. “Foi-te fácil a resignação!” Fácil, meu Deus! Custou-me o sangue mais vivo do coração, as mais excruciantes angústias! Fácil! que queda a minha se a mão da divina Providência me não aparasse!...

Queria ele que eu me ajoelhasse a seus pés, suplicando-lhe comiseração? Responder-me-ia com um trejeito de tédio.

- Fatigaram-te as minhas cartas, e repeliste-as com estranho desamor. Não levei a teus ouvidos nem um ai. Abafei a dor: sobra-me valor para sofrer sozinha, e completar o sacrifício.

Nunca te pedi amor. Menos essa baixeza!

Quando fizeste a autópsia da minha alma, e me disseste que estavas morto, humilhaste-me.

Eu não te pedira nada.

Vinhas confirmar o que eu sabia do mundo, teu juiz, e juiz íntegro, como raro é, no julgamento dos infelizes.

Eu, em teu bem, fiz o que podia: sofri silenciosa. Supremo esforço! Depois veio a reação do orgulho; vi-me digna de ti, e superior ao geral das mulheres, sobretudo às... Não valem o enfado de nomeá-las.

Era mister escrever-te assim para que não me tomes esta carta como invocação ao passado, e a reminiscências que não têm eco em tua alma.

Faz de mim a conta que quiseres, Guilherme.

Chama-me singular, esquisita, e romântica.

Este epíteto é o que me dão as tuas amigas, que decerto não são românticas, porque lhes chega mal o tempo para serem estúpidas.

Acho-te razão.

Agora, escuta, e crê.

Divinizei-te em meu coração: não consinto na destruição do meu ídolo.

Querem derrubar-te do pedestal em que te ergui: impugnam-me a elevação do teu caráter, e nobreza de tua alma. Deixo-os, e abomino-os. O meu conselheiro é o coração.

Sei que são vistas as minhas cartas. Se as minhas cartas, significativas de um grande amor - amor que não pôde sujeitar-se às conveniências sociais -, revelam superioridade de caráter na mulher divorciada dos costumes estabelecidos

como lei, e por isso te lisonjeiam, ao ponto de as divulgares, eu não sei senão enobrecer-me de te haver acariciado a vaidade.

No entanto, isto findou. Quebraste um fio, que os meus dedos não ousam reatar.

Guardo a tua lembrança no coração.

Dar-te uma ideia, bem que imperfeita, do apreço que faço do título de tua irmã, que por nenhum outro quero trocar, será tornar-me indigna dele?”

Mataste-me, Guilherme!

Agora, estou insensível como tu, desapiedada, material, despoetizada, cruel e sarcástica, e quem sabe se perdida como tu! Obra de maldição foi esta! Exulta! Faltava-te esta vítima! Ainda tinhas no coração fibra intacta para um novo espinho!

Donde te veio a missão de me condenares a tamanha desgraça?

Que gelo o da tua resposta! A minha carta não te lisonjeou! Como se lisonjeia o teu desmedido orgulho, homem indomável? Como se funde esse bronze do teu coração? A minha carta era um gemido mal refreado de paixão louca, e não te lisonjeou!

Sexta-feira, 9 horas da manhã

Os sentimentos de piedade morreram em mim. Já não sofro com os que sofrem. A tua desgraça já me não comove. Sofro a minha dor.

Faz-me saudades o que perdi, o coração que era imenso. Estou estrangeira e hóspede na terra.guardo monção de voltar à pátria, que perto vem. Lá, o repousar, e esquecer.

Escrevi-te, e fiquei fria. Nem alvoroço, nem ansiedade.

3 horas da tarde

A tua carta foi como a esponja que apagou de todo a tua imagem. A memória foi-se com a alma... Não sei que escrevo. Tenho a razão cercada de trevas e lampejos de fogo. Ó Guilherme!...

Domingo, 9 horas da tarde

Levanta-se a minha alma, aquecida pelo calor da tua!

Revivo!... Graças, meu Deus!

Segunda-feira, 7 horas da tarde

Estou no quarto de minha tia, a mais linda janela do jardim. Escrevo-te sobre os joelhos, para contemplar o Céu - a nossa pátria, que nos aguarda -, o porto infalível destas borrascas. Lá ao longe, diviso horizontes sem fim, montanhas, aldeias, presbitérios! O mundo, visto assim, é belo, porque te encerra em si, ente perfeito.

Aqui está a imagem do infinito na amplidão do espaço, que me rodeia; no amor, que te dou, está também a imagem do imenso e eterno. Não somos, pois, entes limitados que a matéria fez, e a matéria desfará.

Antes do princípio do tempo, existia a alma; a alma será eterna como o amor, e Deus.

Gozo uma ventura recatada como o primeiro eflúvio de amor no seio de mulher, que viu o desabrochar de suas primeiras florinhas do coração. A lâmpada deste meu santuário é a primeira estrela da tarde.

9 horas

O mar e o amor enchem quase o mundo. Quem disse isto?

Saudade e amor enchem a minha alma.

A minha alma é um abismo de dores, e manancial de prazeres.

Sorri-me um vislumbre de esperança! Até me pesa tanta felicidade! Esta fruição é envenenada pelo medo de expiá-la. Eu vivo da alegria, que me dás, quando alguém morre de involuntárias angústias que lhe causo. Eu te abençoo no recolhimento de meu seio, quando ouço o gemer de um moribundo, que me amaldiçoa. Ele pede para mim os suplícios do remorso e da desonra. Eu peço para ti a ventura dos que estão sentados à direita do Senhor.

Terça-feira, 15 - 5 horas da tarde

Não sei que fazer ao teu coração. Tenho lutado contra o teu demónio, que te rouba à redentora influência do meu amor. Esmagaste-me na tua queda, Lúcifer! A minha alma dobrou-se como um vime, que tu lançaste aocisco das ruas.

Morto!... tu, morto, Guilherme!

Não me respondes! Porquê, miserável?

Para que ressurgiste as esperanças mortas?

Galvanizaste um cadáver, ergueste-o, e atiraste com ele à sua sepultura, e deste uma gargalhada infame! Aqui estou nas profundezas da desgraça, e da morte e do opróbrio! Eu merecia-vos isto, meu Deus!

O algoz de ti mesmo! Porque estás tu levantando o teu

próprio patíbulo? Não saberás tu o que é o remorso?! Eu hei de ainda ter grande dó de ti, Guilherme!

De que radiante altura de vida e ventura me despenhaste!

Diz-me a consciência que nunca seremos estranhos.

Esta ânsia de imortalidade é o derradeiro alento de vida que repulsa a morte. Quando uma espumante inundação rompe as várzeas tapetadas de flores, árvores, e frutos, aqui e além, nesse vasto lago, divisam-se folhinhas boiando, revolteando, como a disputarem o seu ser à onda que as leva ao golfão. Em vão relutam. A árvore foi desarraigada; as folhas presas ao tronco lá vão na invencível torrente. Eu sou a leve folha, que se insurge contra a onipotência da tempestade.

Encontrar-te no meu caminho, Guilherme, encostar a minha frente ao teu seio; ouvir-te palavras de amigo; chamares-me irmã, e esposa; pedires-me a felicidade; acordar tantos ecos no teu coração; e, depois, separarmo-nos como entes desnecessários, é horroroso!...

Morrerei!... Tu só, Guilherme! nada mais que tu; mas também nada menos!

Quarta-feira, 16 - 10 horas e meia da manhã

Ainda me estorço. Hei de matar o sofrimento, ou morrer na luta.

Mal posso já. Tenho febre, e sinto uma agonia estranha. A custo me movo já. Tudo aborreço, e a mim primeiro que tudo.

Ó saudade! saudade imensa, que me dilaceras!

Eu abandonada por ti, Guilherme! Quem me dera respirar! Faz-me horror esta minha desesperação!

E não posso destruir-te, não posso fugir de mim mesma!

Tudo negro, negro, como a morte, como o Inferno!

Se tu pudesses amar-me, ó anjo! Qual glória há aí maior no mundo que dar a vida e contentamento à criatura, que morre por nós...

Cala-te, miserável mulher!...

Meia-noite

Chega a notícia da morte de F***. Vou ajoelhar ao lado de minhas tias, orando a Deus por sua alma. Lá estás, infeliz!... Oh! não peças a Deus dores novas para mim! Eu amava-te, se pudesse. Dera-te a minha vida; mas o coração não podia. Resgata-me do teu ódio, se morreste odiando-me, esta torrente de lágrimas.

2 horas da manhã

Orei. Ergui-me reanimada dos pés de Cristo. Venho escrever aqui o teu perdão, Guilherme. Estou conformada com o martírio. Expiei.

Sábado - 10 horas

És nobre, és generoso, és superior. Quero padecer enquanto fores infeliz. Conta, Guilherme, com a minha última pulsação. Tua até ser dos vermes.

O meu amor é o meu orgulho, o meu tesouro, a minha vida, o meu Inferno, que eu não troco pela paz dos anjos.

Conquistar-te para mim é o meu sonho de glória.

Amar-te e ser tua, é meu destino e vontade. Pertença-te, possuis-me, esquecer-me de ti um instante é um remorso.

Deixo-me ir arrebatada; não sei resistir-te; não quero pensar, nem calcular.

Quando eu cair a teus pés, compreende então a minha ternura.

Precisas ser assim amado. Amo-te como Deus ama os pecadores. O meu amor procede daquele amor sublime com que Jesus sofreu pelos homens o máximo martírio.

A prodigiosa abnegação do Seu holocausto reflete no desapego com que toda a ti me sacrifico, e vou paciente à sepultura.

Terias soberba se me entendesses. Estou de joelhos diante de ti. Com a idolatria do pagão, com o fervor da mártir, com a pureza das virgens, com a exaltação dos fanáticos, amo-te assim. O meu amor é de todos os tempos, participa de todos os cultos, é superior a tudo, reúne todas as adorações.

Quando me vir em teus braços, compreenderei o Céu, com a sua plenitude de incompreensíveis júbilos.

Abençoarei a hora em que minha mãe me concebeu, e o beijo com que meu pai lhe fecundou o seio, e a culpa do primeiro homem, culpa origem da morte, porque eu quero morrer por ti. Nessa hora o meu coração enviará a meus lábios um cântico novo ao autor de todo o bem.

Porque nesse dia olharei as flores da minha coroa virginal, e direi doida de alegria: “Foi ele que as queimou com o seu hálito de fogo.”

Domingo, 2 horas da tarde

Vi-te ontem à noite. Tremi. Não me viste, Guilherme?

Porque iria a tua fronte descaída? Vou escrever-te.

Meia-noite

Se alguma vez me disseres: “Amo-te!”, ouvirás de minha alma um grito de júbilo, e sentirás nos teus braços uma mulher... perdida, proclamando como um triunfo a sua perdição!

Terça-feira

Não despedaço as minhas algemas!

Porque me foges? Para qual de nós é o perigo, Guilherme?

Deliciosa é a morte! Ai! o meu passado!...

Quarta-feira, 10 horas da manhã

Surpreendes-me. Não te entendo. Há dois dias que o teu proceder me confunde. Noto não sei que dissimulação na tua assiduidade! Assustas-me! É capricho ou coração? Quererás perder-me? Nunca! nunca!

Quinta-feira, meia-noite

Queria chamar sobre ti, homem sem alma e sem coração, a desgraça dos celerados!

Nunca fiz mal a ninguém! Porque sofro eu assim!

Três dias de dedicação e desvelo que me deste, com que fim? Serei eu o brinquedo dos teus ócios, Guilherme?

Cuidarias tu que eu era muito rica, e fugiste desenganado, quando te eu fiz sentir que desprezava um ouro, que não tenho? Então és abjeto!

Sábado

Escrevo-te debulhada em lágrimas de pungente arrependimento, e o coração a trasbordar de alegria.

És o homem digno e nobre sempre. Adoro-te, Guilherme!

O meu amor é a minha justificação. Absolve-me, anjo!

Ontem, aplaudiu-me um teu gesto, quando eu dava uma esmola; hoje, fervorosa com o teu aplauso, vou dar alívio a uma família pobre, à descendência

infeliz de um magistrado que serviu com meu pai. Tens razão, Guilherme: é melhor atirar ouro que lama à cara deste mundo. O ouro dói mais.

Terça-feira, 9 horas

Sinto desejo de me vingar. Quero aborrecer-te...

Onde há aí um homem que me ame?

Agora veremos, Guilherme!

Acabaram as humilhações... para sempre, ouviste?

Não posso, não quero, não devo abater-me mais.

Não quero amar-te, e olha que posso! A mulher pode tudo, com um pé sobre a dignidade, e outro sobre o coração.

É estupidez amar-te. Amor assim não eleva, nem purifica, nem espiritualiza: roja, suja, e brutifica.

Eis-me aqui ridícula, estúpida, e repulsiva!

Porque me lastimo? Quem te impôs obrigação de querer-me? Quais são as minhas seduções? Vejo-me extremamente vulgar. Caí. Roci pela tua sombra, e prevariquei, desvirtuei-me!

Como descrevo eu este amor? Com transportes nauseemos, com irritações de mulher trivial.

Não sei o que fiz às minhas boas qualidades. Fui altiva, fui senhoril, fui amada, elevei-me ao nível do sublime e delicado em sentir extremos de pundonor. E agora?

Vejo-me hedionda no espelho da consciência.

A que tu me reduziste!

Quinta-feira

Dá orgulho amar-te, Guilherme.

Sinto-me digna de ti, homem único!

Não creias nos meus delírios, que a tranquilidade reprova.

Amo-te com tão santo amor, que estremeço à sombra de uma profanação.

Se te escrevo desejos, ardores, alucinações, não creias que me abrasam o sangue os incêndios da torpe organização animal. São castos e imaculados os meus deleites.

Adorar-te-ia no altar do meu coração, como as virgens sagradas a um culto ideal. Não se extasiam elas em ânsias de possuir o imponderável?

Queria ser a teu lado a esposa, a filha, a irmã, a amiga, tudo quanto se ama, e tudo por que se é amado.

Beijaria todas as noites a tua face, como beijava a fronte veneranda de meu pai. Iria cada manhã, saudar-te com o sorriso da alegria, que me ensinasse o anjo dos meus sonhos.

Encostar-me ao teu braço com a confiança de irmã; sentir-me em teu peito, refúgio sagrado de amor, como filha em coração paternal; pousar a cabeça em teu ombro, e dormir assim o sereno sono da amiga no seio da amiga; e, além de tanto, ver ainda em teus olhos a ternura, que a mulher sorve dos olhos do homem, que ama, não será isto a definição mais aproximada do Céu? Achar em ti o conselho de pai, a defesa de irmão, a estima de amigo, a ternura de amante... meu Deus! é demasiado para este esquálido tremedal da vida humana!

5 horas da tarde

Dizem que a saciedade é a negação do amor.

Não compreendo o valor daquela palavra. Duvido, porém, que sejam prazeres o que o fastio extingue. Se existiram, existirão. O que a saciedade acaba creio eu que são os prazeres da fantasia.

Se me eu engano, abjuro as sensações que matam a alma.

Se eu fosse livre afrontava o mundo, e ia viver a teu lado. A aspiração, que me enleia, o sonho que me enlouquece, é, creio eu, a suprema virtude do coração.

A sociedade que me importaria? Eu só corro diante da minha consciência, só desço o olhar humilde diante de Deus, que é um juiz de sabedoria infinita.

O mundo cuspiria um estigma na minha face?

O mundo não injuria quem tiver um pouco de alma, e força, e aplauso íntimo de seus atos. Quem souber rir, e for intimamente feliz, venceu-o.

Isto é um sonho, Guilherme?

6 horas

Dizem-me que amas Florinda!... Que lança me trespassa o seio!... Não é esta uma mulher de quem tu me disseste um dia:

“Florinda, como não tem cérebro, deve ter as bossasem alguma entranha. Eu creio que a imensa bossa – se é que toda ela o não é - da libertinagem dessa mulher é o coração inteiro, onde, em vez de sangue, lhe gira água-tofana com que ela mata o coração dos néscios que a festejam.”

Deus te defenda, Guilherme! Não vá ser ela o instrumento do teu castigo

(Aderente a esta página do Diário, está uma carta de Virgínia. É para notar a senhoril delicadeza com que a lastimável senhora argúi, não já a deslealdade, mas o desvario de Guilherme. Este é o relanço em que devo trasladá-la, com a ementa, que Amaral escreveu.

A carta diz assim:

“Tinha já adivinhado que devia ser aquela... Florinda! Santo Deus!... Ó meu amigo, tu és digno de mais!

Há muito que um pressentimento me indigitava, mostrando-me como coisa que tinha de influir sinistramente no meu destino.

Estás fascinado, Guilherme?

Escreves-me ainda dominado pela impressão do baile de há noventa e seis horas! Obrigada pela confiança, meu irmão...

Não obstante a orgulhosa independência da tua alma, e o asco natural que te inspirou aquele misto de aromas e putrefação moral, noto que entreténs

demasiadamente o teu espírito na solução do problema. A detenção no estudo desse caráter estabelece um contato entre a tua alma elevada e o cinismo degradante da esposa de ***.

E fascinação de Demónio! Benze-te, meu pobre irmão!

Entendo o que é essa criatura. Reconheço-a no esboço que Eugênio Sue ensaiou na Ursula do romance Matilde. Nem só os miseráveis como Lancry se embriagam dos filtros que levam a peçonha da depravação nas edulcorantes seduções de um amor estudado a sangue-frio. Rochegune, ficção que realizas para mim, também foi deslumbrado pelo espírito da fada do Inferno.

Há muitos dias que não te escrevo. Quero fechar-me bem nas minhas trevas. Nem renovo de alegria, nem vislumbre de lembrança consentirei à minha alma.

E, depois, fogem-me as ideias. Não chora, nem escreve quem quer. Esquecem-me as coisas: tenho espasmos de idiota. Era um só o meu coração: não podia com tanto sofrimento. Faltou-me a tabuinha de salvação: soçobro, morro, Guilherme!

Tu, decerto, nunca imaginaste o que eu padeço. Sabê-lo-ás no juízo de Deus; não para castigo, não.

Que culpa tens de que eu te ame!? Eu direi ao Senhor:

“Perdoai-lhe, que ele não sabia quem matava.”

Eu só, só, neste mundo!

É que a virtude agrada ao coração; mas o vício, na alma da mulher que sabe a linguagem da candura, é a máxima das magias.

Tu és cético. Não o sentes; não crês no amor; nem mesmo concedes que a mulher o sinta - a mulher da fina roda - dizes tu. É porque a tens encontrado a mentir impudentemente, e a esquecer-se de que mentiu, com duplicado impudor.

Que influência não terá em ti a mulher que tala de amores com a “cândida espiritualidade” da virgem, e se aliena com o cínico materialismo da devassa?

Florinda, já te fez dizer: “Vi que o amor nos lábios dela é como a flor num lodaçal.” Tal mulher te fará descreer de amor e virtude, se a vires sob a capa de esposa austera, atropelar todos os deveres, e rir às escâncaras da aversão que inspira... aversão! a quem? a pessoas cuja estima lhe é inútil. Que mais quer ela, se tem os teus incensos e de outros idólatras teus iguais?

Não sei donde me vem esta profética prevenção, Guilherme... Será de eu ter lido que, nos homens, a curiosidade de decifrar o enigma provocante de uma mulher encantadora e perdida, os perde, se não têm na alma a santificação de um grande e verdadeiro amor.

Como chegou ela ao que é? Não crês na fatal predestinação do vício: precisas apalpar as escadeiras do abismo, desfiar logicamente a travessão dos fatos, que disparam em inconsciente abjeção. Ora, quem sabe se lá do fundo do abismo dela sairás triste e macilento como do antro de Trophonius, triste de amor, meu querido irmão!

A perfeição no vício tem um poder de fascinação que só a perfeição na virtude poderá vencer. Onde está uma virtuosa que possa medir-se em competência de encantos com a pervertida...”

A ementa de Guilherme do Amaral dizia:

O amor não faz tantas filosofias. Esta mulher é grande discursadora, a meu ver.

Segunda-feira

Dizem-me que te viram no Passeio das Virtudes, profundamente triste. Folguei! És o sentenciado a eternas dores. Sobejam-te razões de amargura.

Senti desejos de ir espertar-te desse pesadelo. Andarás elaborando a peçonha da Bórgia?

Agora me disse a criada que ias passando... Corri à janela... Lá vais!... nem me relanceaste os olhos! Vai, infeliz! A condenada não sou eu só.

Quinta-feira, 11 horas da manhã

Levanto-me do bastidor para vir escrever-te. Não sei que estranho sentir me faz hoje a tua imagem! Vai na minha alma uma voluptuosidade amarga e embriagante.

Estremece-me o coração em pungimentos e delícias.

Afogueiam-me o espírito flamejantes imagens. Alvorça-me um desejo, que me ressuma na face o sangue do coração. Queria-te ao meu lado, e tremo com a ideia de que poderia tocar a tua mão, sentir o teu hálito. Neste instante, o fogo do teu olhar escaldou-me, corei de pejo, abaixei a vista, como se não existisse um grande espaço entre nós. Hoje, se eu te dissesse “Amo-te!”, não o diria ao irmão; seria ao esposo.

Tenho febre. Parte-se-me a cabeça com dores. O meu dormir foi cortado de maus sonhos. Sinto uma pesada lassidão, um torpor, uma languidez, e, a intervalos, agitação febril. Sofro; mas há gozar neste molesto sentir.

Mata-me, e extasia-me.

Estas sensações, nunca experimentadas, dão-me uma fisionomia estranha. Há momentos, atravessando a sala onde trabalho, pasmei de mim, no espelho. No meu quarto, recebi a mesma surpresa. Brilham-me os olhos insolitamente; o colorido de minhas faces nunca foi assim; os meus lábios estão mais rosados; o meu sorriso...

Estranho-me! Achei-me assim bela... Vou orar, vou trabalhar...

Sexta-feira, 16 - 7 horas e meia da manhã

É indefinível o meu mal-estar. Sofro muito de corpo; já sinto menos as dores morais. Está viciado o ar que respiro.

A meus olhos veste-se tudo de negro. Gela-me o pavor de quem chega aos áditos da eternidade. Pergunto a mim mesma o que é a vida, e o que é a morte? Que mistérios encerra a sepultura? Compenetro-me de tudo quanto a ideia da morte me sugere, e sinto esvair-se-me a fé.

Acabará tudo ali?

Encontrá-lo-ei eu ainda?

Tornará a envolver-me na eternidade, que me não aterra e indistintamente vejo, a mortalha de toda a minha ventura? Renovar-se-ão estes ardores, sem tréguas, sem refrigério? Que será para mim a eternidade? Saído de sua prisão medonha, o meu espírito errará na vastidão do espaço, ou irá ao seio do seu Criador? Se há transmissão de espíritos, que serei eu nas gerações futuras?

Vou orar... Que hei de eu fazer, pobre mulher?

Quarta-feira, 20 - 2 horas da tarde

Não posso amá-la (*No manuscrito de Guilherme, há umas linhas com referência às três palavras do Diário.*)

São assim:

“O médico de Virgínia convida-me a colaborar com ele na salvação da sua doente. A missão antiga do confessor passou ao médico, mas ficava melhor ao padre. Eu teria mais fé neste, que no outro. Respondi com a necessária franqueza: não posso amá-la; nem poderei salvá-la. A honra a quem toca: salve-a a medicina, que em todo o caso se atribuiria o milagre. Não quero questões de sicut nos non vobis.

Este fragmento pertence a uma carta escrita a um amigo.)

Porquê? Porque não podes amar-me, Guilherme?...

Oh meu Deus, eu já não posso com esta cruz! Deveria

eu por força amar um homem que morreu? Se ele se atravessou no meu caminho, quando eu saía da infância, havia de eu amá-lo? Porque se ergue ele sobre a sua sepultura, fantasma dos meus sonhos, e solta uma gargalhada de vingança?

Pois bem, estou quite contigo, fantasma!

Deixa-me! Expiei o mal que não te quis fazer.

Deus não pode piorar a minha sorte: daqui Lhe atiro este desafio. Já nem remorsos de blasfêmia; já não!

É mentira tudo! Não há justiça nem misericórdia, no

Céu nem na terra.

7 horas da tarde

Que desalento, que escuridão!

A mulher de ontem acabou. Até o recordar a felicidade me é uma tortura defesa. Quem me dera poder chorar! Quem me dera uma carícia que me tirasse nas lágrimas este fel! Sozinha, meu Deus! Se a loucura me salvasse!...

A vida morre com o amor; a virtude é uma quimera; a fé em Deus é impossível, quando a perdemos em nós, em tudo que sentíramos e esperáramos. Poderei ainda rir das dores, que hoje me dilaceram? Nada me resta. Nem a honra já disputaria, se fosse necessário morrer infamada.

A cadeia dos meus dias está chumbada na sepultura.

Guilherme, Guilherme ainda me hás de amar! Ainda; mas eu não poderei já amar-te.

Sexta-feira

Eras uma visão amorosa que o anjo dos felizes mostrara à minha alma sedenta.

Julguei-te só na terra, e por isso fui ao teu encontro.

Tive o desvanecimento de me crer necessária à tua ventura.

Dormias cansado um sono opressor, e eu cuidei que te acordava com um beijo de irmã para o dia do resgate.

Falei-te a linguagem apaixonada do meu coração, dei-te palavras de eterna vida, rasguei a mortalha, que te cobria o peito morto para o amor. Compadeci-me e amei-te. Chamei-te. Invoquei o Cristo para a ressurreição de um mais desgraçado Lázaro.

Ajoelhei-me ao pé do teu leito de pedra, e esperei.

Esperava para sentir as tuas primeiras palpitações, recolher em meus lábios o teu primeiro suspiro, receber em pleno seio a desgraça, se ela voltasse a ferir-te.

Rompi quantas ligações tinha com o mundo, violei juramentos, vi impassível fechar-se o túmulo de um homem que pedira ao seio da terra que o escondesse para me não ver em teus braços.

Que me importava!... Os teus braços repeliram-me!

Suprema justiça, e supremo vilipêndio!

“Não posso amar-te!”, disseste tu, Guilherme.

Afastei-me do degrau do teu túmulo. Recolhi as folhinhas dispersas do ramo de esperanças e lancei-as sobre a minha vala.

Ninguém me dará outras. Ai! não... Nem chorada serei!

E, assim mesmo, levo saudades dos tormentos que padeci abraçada à tua cruz.

Domingo, 4 horas da tarde

Detesto um homem que veio aqui dizer-me quem és, Guilherme.

Palavras malditas do enviado do Inferno. Es um monstro moral; tens alma rasteira e abjeta, sem crenças, nem afetos, sem convicções, sem princípios, sem pundonor; péssimo de índole, e feroz de condição.

Detesto este homem!

Lembrar-me de ti mortifica-me.

Não te amo, Guilherme.

Que é feito do teu prestígio, irmão querido e adorado?

Oh! maldito sejas... Não, não, meu Deus!

Regenerai-o para a virtude, se não quereis dar-lhe a felicidade pelo amor!

Não te amo, Guilherme: já não!

Como pude eu amar-te tanto!

Profiro o teu nome; e palavras tuas, que me eram um talismã, já minha alma as não compreende. Avulto a tua imagem ao meu lado, e encaro-te com desdém! Vai-te réprobo!

Há quarenta dias que estou de cama. Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário, que breve será cinzas, como eu.

Tenho tantas saudades de ti, meu amado Guilherme!

Como eu te amo, ó filho da minha alma!

Sinto-me bem. A minha alma balanceia-se em mar de júbilo. Luz santa, alegria dos anjos me enche o seio.

O azul do céu parece-me o da minha infância. A natureza está de gala; tudo flores, tudo risos; tudo paramos brilhantes que me estão transluzindo o Céu.

Deves ser tu, Guilherme, o motor destas delícias, que me arroubam! A Deus devo as maravilhas da criação que me acariciam, a ti a alma que as entende.

Que será isto, ó meu amor?

Estou hoje tão extremosa por ti! Prendes-me como o céu a estrela, e o amor a felicidade.

És meu! és meu no ar que aspiro, nas pulsações que me abrasam, nas delícias que sonho.

O meu amor é a beleza, a sublimidade, o santo êxtase das penitentes; é hino dulcíssimo de alma que se afina pelos sons da tua em louvores ao três vezes santo Ideal, que foi a esperança para os infelizes, a dor paciente para os bons, e a bem-aventurança para os desgraçados sem culpa; é como o amor das mártires que se engrinaldam de espinhos para as núpcias do Céu; é o amor da mãe ao filhinho que lhe afaga os olhos; é um sentir fundo e incomensurável que abrange e sonda a imensidade antes do tempo, e o tempo embebido no seio da eternidade.

Segunda-feira, 16 - 2 horas da tarde

Não posso já escrever-te; e, contudo, sofro menos.

A soledade é que é penosa. É um desterro a minha vida!...

8 horas da noite

Sinto a morte. Ardo em cogitações que agitam e prostram.

Que cortejo de dores eu levo à sepultura!

Já olho para a terra, e digo-lhe: “Adeus!”, mas, sem saudades.

Espero morrer sem terror nem ânsias.

Deve ser bom o descansar, depois desta fadiga.

A morte é bela.

Creio na imortalidade da alma: creio ainda mais do que a sinto.

A espaços, assisto, como um estranho, ao espedaçarem-se-me as fibras do peito; vem depois uma ânsia, e o desacordo por fim.

Apagou-se-me o lume dos olhos, que se escondem no fundo de dois anéis roxos. Estou a dissolver-me.

Morro, Guilherme, amando-te até ao último respiro.

Não posso mais. Falta-me já uma força fictícia, que ainda tinha há pouco: é o coração que morreu primeiro.

Agora, sim, Guilherme! Morro!... Isto é triste!

Desejo ver-te. Se eu pudesse sair...

Domingo, 22 - 3 horas da tarde

Ao redor de mim é tudo vida, luz e calor. Ao longe as serras, o recorte dos pinhais, as colunas de fumo das aldeias, as gargantas verdejantes das montanhas.

Descanso.

Estou sozinha. Este sossego escuta os meus gemidos.

Porque gemo ainda? Meu Deus, perdão! Este padecer não é violento. Estou como o enfermo que repousa, em sonolência apática, de uma crise perigosa.

Se aqui viesses, Guilherme, amavas-me. Se visses estas maravilhas de céu e terra, todas nossas, sentirias ânsias de amar, sede de ventura!

Olha aquelas duas nuvens, dois flocos de arminho, como se unem! Aquelas vaporizações talvez já formassem o invólucro de um raio! Talvez!... que tem que fosses mau, Guilherme! Vem ter comigo, vem, esposo de minha alma! Deixa-me esposar-te no misterioso recolhimento do meu coração. Vamos a um sertão desconhecido ao pé do homem, que em toda a parte deixa um vestígio de crime. Vamos acordar ecos adormecidos desde a eternidade com cânticos de amor, exclamações delirantes, e orações fervorosas. A terra por leite, o céu por dossel, o espaço por domínio, o amor por alimento, e a ti por Deus!

Não sabes nem sonhas o que é felicidade!

Se a alma não estivesse angustiada na estreiteza do corpo, o universo não bastaria às ânsias de uma só alma!

23 - 9 horas da manhã

A morte, que se espera, tarda muito. Passei noite de tormentos, e alucinações em que te via. Mesmo adormecida, as dores do peito eram insofríveis. Sonhei que estava golfando sangue, e acordei muito aflita. A tosse cavernosa revolve-me o peito. Respiro com dor, e aspiro ar que me não chega. Tenho medo da asfixia... Que morte!

Haverá paz no túmulo?

No túmulo há vermes.

Se lebares uma saudade à minha campa, os meus ossos hão de estremecer. Na terra das minhas cinzas, cinzas do meu coração, há de nascer uma planta nova, formosa, e mística. Colhe-a, Guilherme!

Pois eu não hei de unir-me a ti em melhor mundo?

Então, a minha eternidade será o Inferno!

27 - Sexta-feira

Há três dias que me não posso levantar.

Sorri-me a morte. Penso em ti com amor e saudade.

Tenho lido; mas não entendo. Em que hei de eu passar as horas! Não tenho ar. Fui à janela; vi tudo belo; está lindíssimo o dia! Respirei sôfrega o ar puro, que se convertia em bafagem de fogo e peçonha nos meus pulmões. Minha prima apertou-me a mão. Eras tu que vinhas ao longe. Parece que senti estalar o coração. Apeguei-me ao ferro da varanda. Cortejaste-me. Que quis dizer aquele cumprimento?

Foi um adeus? Não tornarei a ver-te senão no Céu?

Sábado

Imagino que me escreves hoje. Viste-me ontem tão doente! Terias pena de mim?

Hoje a dor do peito é mais constante, e como um bater soturno, não sei como semelhante ao do ferro que abre uma cova.

O Senhor me dê uma agonia curta. Aflige-me a transpiração da noite. Morrerá primeiro a consciência da dor, ou hei de eu sentir a destruição da matéria até ao extremo?

Deus se doa de mim.

Nada, nada, meu Deus!

Que vida!...

Quarta-feira, 9 da manhã

Tenho hoje saudades das agonias do meu passado, quando eu tinha saúde. Ó esperança, onde me trouxeste!

Como eu te quis, Guilherme!

Sábado, 11 horas

Quero distrair-me. Vou compor um romance. Escrivê-lo-ei com lágrimas. Será a minha vida. Vê tu que distração!... Legar-to-ei. Queres, Guilherme? Deve ser teu, porque tudo, que em mim houver até ao fim, há de ser teu: pensamento, vida, ação, sentimento, e vontade.

Amo-te agora sem exaltação, sem febre, e sem loucura.

Amo-te sossegada, e resignada. Desde que vejo o Céu, cuido que to devo.

Domingo

Sonhei-me morta, e depositada no esquife. Do escuro da nave contemplavam-me os teus olhos com fogo sinistro.

Vou hoje ao teatro: é um adeus! Foi ali que pela primeira vez te vi; quero lá verte hoje; será a última. Vou-me enfeitar para esta agonia. Irei de branco; serão brancas as flores da minha cabeça. Vamos à festa! Sei que o mundo me julga moribunda. Terei hoje quinhão no espetáculo da noite. Vamos à festa!

2 horas da manhã

Bem te vi a comiseração nos olhos, Guilherme. Não podias ser tão mau, quando pessoas estranhas me encaravam condoídas. Mande-te o adeus do coração! Saí do camarote, chorando. Minhas tias choravam também. Vi-te no póstico do teatro. Examinei-te ao perto.

Achei-te macerado, meu pobre irmão! Não sei porquê, divisei no teu rosto não sei que semelhante à sombra da asa da morte que me pousou no seio! Seguir-me-ás, tu, infeliz?... Queria hoje escrever-te muito, revigoriza-me o coração; mas as minhas tias não me deixam. Até amanhã, meu esposo. Deus te doire os sonhos, e o teu alvorecer seja sereno como o do justo, que se não teme da noite amiga do remorso. Adeus, Guilherme.

Segunda-feira, 11 da manhã

Vou escrever-te, Guilherme. Penso que será a última vez *(Nesta página encontrei uma carta dobrada, e, no sobrescrito, esta nota da letra de Guilherme: ÚLTIMA CARTA - Candal, 3 de Agosto de 1845.*

Contém o seguinte:

“Está a findar o meu desterro, Guilherme.

Saudades da vida não tenho, mas a eternidade assombra-me.

Que é o túmulo? Haverá expiação? Mas olha: eu não tenho uma ideia clara acerca dos suplícios eternos. Preciso ouvir palavras que ninguém ainda me disse. Dê-mas uma inteligência esclarecida, e uma voz profética. Sê tu. Fala-me do Céu, da paz, da bem-aventurança.

Sou ainda muito nova para morrer com o riso nos lábios e o espírito quieto.

Saldei as minhas contas com o destino, e com a justiça humana. Morro da morte que dei.

Guilherme, irmão querido de minha alma, sê tu a luz que dissipe as trevas que escurecem a minha razão. Ampara-me, alenta-me, desvenda-me o mistério da eternidade. Se lá vês um farol, aponta-mo.

Acho-me espavorida no limiar de uma porta, que vai abrir-se, acolher-me, e fechar-se. O que é lá dentro? Prêmio ou castigo? Triunfo ou martírio?

Na irradiação da vida, muitas vezes dizia eu: “A morte deve ser bela, quando se anela o Céu.” Agora, nesta exclamação que faço para me fortalecer, digo entre mim: “Pois sim: a morte será bela, mas é triste; o Céu será eternidade de amor e ventura; mas eu não pude conciliar aqui um com a outra; o amor foi-me suplício e morte; a felicidade uma sombra, que esteve dois minutos a meu lado, vertendo-me no seio o veneno de que me sinto morrer.”).

Terça-feira, 4 horas da tarde

Já me acharam morta, quando me trouxeram a notícia da tua dedicação a uma mulher de plebe! Não sei porque se espantam! Quem sabe o digno e virginal coração que ela tem! Antes essa, meu irmão, que as outras, que te mataram a alma. Tinhas ainda a poesia dos campos, Guilherme! Não o pensava! Estás no Candal, em casinha sombria de árvores. Reconstruíste o teu éden, para ti e para essa invejável criatura. Era assim que eu o pedia a Deus para nós.

Meu amigo, ensina-me a resignação.

Irmão, não me desampares. Vem assistir em espírito ao meu trespasse.

Escrevi-te ontem a minha última carta. Que dissaborosa impressão te vai ela dar agora, que és feliz, ou finges sê-lo!... Se eu ontem soubesse isto, não te escrevia.

Vive em paz. Não serei eu quem te vá perturbar, não, meu amigo. Já me faltava sangue no pulso para poder com a pena. Agora nem mais cartas, nem mais nada. Vejo a minha última paragem. Daqui até lá, pedirei ao Senhor uma agonia curta para mim e longos dias de contentamento para ti, meu irmão. Se a minha memória te pode magoar, peço a Deus que me esqueças, Guilherme. Nem já o desejo de te ser lembrada deixo de mim; é o último que pode renunciar a mulher que involuntariamente mataste; mas não infamaste; e, se quisesses, infamarias! Surpreendeste em minha alma o sentimento da abnegação de mim própria, e disseste-me: “Ó mundo, se me vir olhar-te, queima-te em estátua nas aras da moralidade pública.” E evitaste-me. Quando me viste soçobrar à paixão, e ir cega para os teus braços, que fizeste tu, “homem desconceituado pela calúnia, e desmoralizado à força de injúrias?” O que não faria nenhum dos apelidados sacerdotes da moral: repeliste-me! E disseste-me: “Antes quero ser teu pai, que amante.”

Agora que me diga o mundo que homem em teu lugar seria o que foste!

De joelhos te pago este tributo de respeito e admiração. O Céu te dará o galardão que eu não posso.

Deixa-me agora abençoar o teu nome, e inclinar a face sobre as cinzas de minha mãe.

Adeus, Guilherme, adeus! até ao Céu!...

Novembro, 22, de 1845.

CAPÍTULO 14

Este Diário foi lido por Guilherme do Amaral, na presença de Ernesto Pinheiro, que o ouviu.

Pedi ao ex-poeta e ex-jornalista que invocasse as suas reminiscências para me dar uma ideia das comoções de Guilherme, no correr da leitura.

Ernesto concentrou-se, e respondeu:

- Guilherme leu de um fôlego todas as páginas do Diário, que tu resumiste a metade. Não o devias ter feito.

- Receei que o enfado...

- O enfado?! E a profanação? Mutilar este diário foi profaná-lo! Estas lágrimas deviam ser vistas uma por uma; porém, se as conveniências literárias sobrelevam a todos os respeitos, andaste bem em não lesar a tua reputação, desatendendo o gosto dos teus leitores. De Guilherme dir-te-ei que o ouvi em alguns relanços exclamar:

“Isto não se podia dizer melhor! - Magnificamente escrito! - Admirável trecho! - et cetera.”

- E lágrimas?

- Perguntas-me se Guilherme do Amaral chorou?

- Sim.

- Não chorou.

- Nem sofreu?

- Sofreu dez minutos infernalmente, ao cabo dos quais exclamou; “Tenho de morrer doido.”

Sorri-me, e Guilherme prosseguiu: “Porque a expiação é inevitável. O caminho, que me há de levar às trevas, não sei. Que instrumentos de castigo me prepara a Providência, não posso antevê-los. Virgínia deixou morrer, quase sem chorá-lo - viu morrer um homem de quem foi amada... Sentiu o que eu estou sentindo agora: angústia que não é paixão. Morreu depois... e eu hei de morrer, em condições que me façam lembrar esta mulher, que eu podia arrancar à morte...”

- A justiça eterna - atalhei eu - não tem a complacência de te dar a intuição do seu processo de castigo. Cuida tu em não dar passo sobre terreno declivado: evita as ladeiras para evitares os abismos. Conheço sujeitos que deixaram assim, ou pouco mais ou menos, morrer mulheres. Alguns, em condições mais agravantes que tu, primeiro as mataram nos créditos, e consentiram que a sociedade as sepultasse em lama, antes que a pedra da campa as fechasse no segredo da morte. E, não obstante, estes sujeitos, que tu e eu conhecemos, nem expiam, nem se erguem de noite sacudidos do leito pelos empurrões dos maus sonhos. Encontro-os a comer, a beber, a amar, a seduzir, e a gozarem-se da sua sólida reputação de gerifaltes de pombas incautas, pombas que se desacautelam o melhor que podem para serem empolgadas. A Providência, pelo que vejo, não faz caso deles; eles, porém, também não fazem caso nenhum da Providência. Alguns sei eu que tocaram os cinquenta anos, e contam que, há vinte e oito, amaram e mataram a primeira mulher. Castigo, que se deixa esperar vinte e oito anos, quando chega, já o castigado o não conhece, e por conseguinte é inútil. Tu sabes Guilherme - continuei eu - que a tua responsabilidade na morte de Virgínia não está nem meramente indiciada. Não podias amá-la; disseste-lho; e, se alguma vez num raptó de piedade, te desmentiste, isso prova que o teu coração era bom. Assim como a sociedade não tem que devassar em ti da razão por que amas Augusta, é por igual incompetente em averiguar o porquê de não amares Virgínia. Ora, Deus, que inquestionavelmente é mais sensato que a sociedade, decerto não te inflige a pena de não poderes amar. Em todo o caso, terminei eu, faz por ser bom, de modo que a expiação te não encontre no caminho do crime. Se ela te alcançar em boa paz com a tua consciência, então beijarás as disciplinas que te ferirem, certíssimo de que é a Providência que te castiga.

Terminou o incidente da leitura do Diário Guilherme foi para o Candal, onde eu, no dia seguinte, o fui achar serenamente melancólico, sentado na otomana, cujo encosto ajustava a um lado do piano, no qual Augusta estava tocando os seus admiráveis ensaios.

Volvidos alguns dias - prosseguiu Ernesto Pinheiro - fui ao Cemitério do Prado ver as sepulturas de Virgínia e de Raquel. Esta segunda senhora tinha eu conhecido no último ano de sua vida. Movia-me agora mais à compaixão, e a um ideal de triste poesia, a leitura do romancinho, que Virgínia escrevera. Lá estava a roseira, com pouquinhas folhas, num dos quatro cantos do jazigo.

Levantei-lhe uma haste vergada pelo vento, e amparei-a entre as bordaduras da gradaria. Dali fui ao mais próximo túmulo, que era o de Virgínia. Contemplei o cipreste, que ela plantara, e pareceu-me ver o esgalho donde ela quebrara o ramo, que Amaral me mostrara.

Quando eu assim estava, ouvindo o murmurar das ramagens, e os olhos fitos na lápide de Virgínia, acercou-se de mim o guarda do cemitério, e disse-me.

- O senhor é o Senhor Guilherme do Amaral?

- Não sou.

- Então perdoará.

- Queria alguma coisa ao Sr. Amaral?

- Sim, se fosse V. decerto queria.

- Poderei levar-lhe algum recado.

- Não é preciso.

E retirou-se.

Contei a Guilherme do Amaral o sucesso do guarda do cemitério.

- Que será? - perguntou-me ele.

- Um mistério que merece a pena descobrir.

- Irei lá um dia - tornou Amaral.

- Acho cedo. Se te podes dispensar de sofrer...

- Hei de ir amanhã.

E foi.

Guilherme encostou-se ao túmulo de Virgínia, reconheceu a fronde cortada do cipreste, e ouviu um como vivo som das palavras dela, dizendo assim: "Alguma vez verás reverdecido de nova folhagem aquele ramo cortado... eu é que vou e para sempre..."

Momentos depois, estava à beira dele o guarda, perguntando :

- Vossa Excelência é o Senhor Guilherme do Amaral?

- Sou.

- Tenho uma carta para lhe entregar.

- De quem?

- De uma pessoa, que algumas vezes vem visitar esta sepultura... Agora me recordo que o vi, há tempos, com a senhora, que morreu, aqui. A Senhora D. Virgínia vinha muito a miúdo cuidar de uma roseira, que ali está naquela sepultura...

- Pode entregar-me a carta?

- Vou buscá-la.

Foi o guarda caminho de casa. Guilherme tremia como um supersticioso transido de terror. Voltou o guarda, entregou-lhe a carta, e retirou-se.

Guilherme abriu-a, e leu estas breves palavras:

“Estás perdoado pelo muito que hás de padecer, Guilherme. Últimas letras que escreveu a tua irmã Virgínia.”

CONCLUSÃO

Perdoava-lhe pelo muito que ele havia de padecer.

Recorde-a o leitor, ou leia, se a não sabe, a longa expiação. Está escrita. (*Um Homem de Brios*)

A Providência insuflou-lhe no peito uma lavareda de Inferno, um amor sem remédio, desde que uma sobre-humana vontade lhe operou na consciência o milagre da honra, a luta lacerante da paixão e do dever.

Primeiro, o vilipêndio no afeto consagrado a uma devassa, que lhe atirou lama à face; depois a demência, quando viu para sempre perdida a digna alma que abandonara.

São estes os fatos de cada dia; mas a Mão Divina, quando lhe praz, toca-os, engrandece-os até à maravilha, e espanta-os com o inesperado sucesso deles.

Quando Guilherme do Amaral, instigado pelo jornalista, fugiu à baronesa de Amares, e residiu alguns dias no Porto, o mesmo guarda do Cemitério do Prado algumas vezes o viu ajoelhado ante a sepultura de Virgínia, com a face encostada às grades.

Eu creio que a alma da mulher sem mácula alcançou de Deus que a luz daquela razão se apagasse para ir nela a consciência do martírio, o amor devorante, frecha de fogo que o alanceava.

Virgínia e Augusta, ambas redimidas por suas lágrimas - se porventura careciam de purificar-se chorando -, ambas chamadas para a direita do Senhor Deus, das misericórdias, terão chamado a si a alma que as encaminhou à glória pela vereda da mortificação. Se elas perdoaram, o Supremo Juiz perdoou também. Deus quer o que querem mulheres santificadas na cruz do coração.

Lisboa, Abril de 1863